



“BAILE DA MELHOR IDADE” NO PARQUE DA ÁGUA BRANCA:
OS MODOS DE ESTAR E DE VESTIR-SE

Sintya Motta

“BAILE DA MELHOR IDADE” NO PARQUE DA ÁGUA
BRANCA: OS MODOS DE ESTAR E DE VESTIR-SE

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Sintya Motta

2024



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

SINTYA DE PAULA JORGE MOTTA

“BAILE DA MELHOR IDADE” NO PARQUE DA ÁGUA
BRANCA: OS MODOS DE ESTAR E DE VESTIR-SE

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

SÃO PAULO – SP
2024

SINTYA DE PAULA JORGE MOTTA

“BAILE DA MELHOR IDADE” NO PARQUE DA ÁGUA
BRANCA: OS MODOS DE ESTAR E DE VESTIR-SE

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, com habilitação em Signo e Significação nos Processos Comunicacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Claudia Mei Alves de Oliveira.

SÃO PAULO – SP
2024

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos desde que citada a fonte.

São Paulo, 24 de junho de 2024.

Sintya de Paula Jorge Motta
sintyamotta@uol.com.br

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Motta, Sintya de Paula Jorge

“*Baile da Melhor Idade*” no Parque da Água Branca: os modos de estar e de vestir-se. / Sintya de Paula Jorge Motta. -- São Paulo: [s.n.], 2024.

200p. il. ; 21,0 x 29,7 cm.

Orientador: Ana Claudia Mei Alves de Oliveira.

Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica.

1. Baile da Melhor Idade. 2. Diversidade. 3. Etarismo. 4. Regimes de interação, sentido e risco. I. Oliveira, Ana Claudia Mei Alves de. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica. III. Título.

CDD

FOLHA DE APROVAÇÃO

SINTYA DE PAULA JORGE MOTTA

**“BAILE DA MELHOR IDADE” NO PARQUE DA ÁGUA
BRANCA: OS MODOS DE ESTAR E DE VESTIR-SE**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, com habilitação em Signo e Significação nos Processos Comunicacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Claudia Mei Alves de Oliveira. Aprovada em 24 de junho de 2024.

Orientadora

Profa. Dra. Ana Claudia Mei Alves de Oliveira
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**Banca
Examinadora**

Profa. Dra. Rachel Ferreira Loiola
Centro de Pesquisas Sociossemióticas

Prof. Dr. Marc Barreto Bogo
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Suplentes

Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Valdenise Leziér Martyniuk
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

*À minha mãe, Laura, por me dar a
oportunidade de aprender com ela
como é ser uma idosa valente, e a todas
as idosas e todos os idosos com quem
tive a honra de conviver e aprender
durante a realização desta pesquisa.*

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Finance Code 001.

Número de processo 148467/2021-0.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação percorreu um longo caminho. Ocorreram algumas mudanças durante o percurso, mas tenho certeza de que foram justamente essas que me fizeram estar aqui e finalizar essa jornada. O objeto da pesquisa me veio em meio a muitos questionamentos, muitas dúvidas em relação ao verdadeiro sentido da vida — da minha própria, inclusive. Olhando meu luto, e a chegada brusca do meu envelhecimento, pude enxergar e aprender durante as visitas aos salões do baile que, na vida, somos nós, pela ação, no movimento de realizar algo de valor, que construímos sentido.

Quero agradecer à minha irmã Soraya (*in memoriam*) e a todas as pessoas idosas, que com suas presenças foram meus professores, pais e mães nesse momento de profundo aprendizado. Agradeço meus filhos, João e Tom, por entenderem meus momentos de ausência, por me apoiarem e por torcerem, mesmo quando eu tinha certeza de que não conseguiria. Agradeço aos meus irmãos, Fabrícia, Wanderley e Jove Herley, e também à minha mãe, Laura, por ter me ensinado a gostar de cuidar de plantas e aprender sobre suas espécies. Ela também me ensinou a cozinhar com afeto e depois compartilhar com os outros as minhas receitas — sei que, só com esses dois presentes, posso manter uma velhice vigorosa e interessante. Ao Rodrigo, quero agradecer a paciência para ler meu trabalho quantas vezes foram necessárias até que finalmente pudesse chegar ao ponto, afinal ele sabe que, algumas vezes, o meu grau de exigência e minha criatividade me fazem sair do foco. Ao meu sogro, Ivan, e à minha sogra, Regina, meu agradecimento pelo apoio, pela motivação e pela leitura atenta.

Muito obrigada à Vanessa, que foi um braço direito. Sem a confiança em deixar, de olhos fechados, meus filhos aos seus cuidados, eu não conseguiria concretizar esse sonho. Nessa linha, quero agradecer a todos os meus amigos, principalmente a Flora, Grace e Suellen e aos colegas de curso, em especial meus Capitães de Areia, que, em nosso esconderijo, no armazém, pudemos nos fortalecer e crescer juntos: Maria do Carmo, Juliana, Lidiane e Sérgio.

E o que dizer da minha orientadora? Aprendi muito com a professora Ana Cláudia; foram momentos bem intensos. Eu ficava muito brava e pensava: onde eu fui amarrar o meu bode? Quando eu respirava e refletia sobre os seus direcionamentos, percebia que sua orientação era sempre para elevar o nível do trabalho. Então jogava fora quase tudo o que havia escrito e começava novamente. Também houve momentos de total sensibilidade e afeto, como quando eu perdi minha irmã e a Ana acolheu minha tristeza e pouca disposição para continuar na escrita da dissertação. Ela, inclusive, aceitou a troca do objeto de pesquisa, pois percebeu que o novo teria mais sentido para o momento que estava vivendo e poderia me fazer crescer como pessoa e como pesquisadora. Gratidão, Ana.

Agradeço também a todos os professores da PUC-SP com os quais estudei ao longo do mestrado. Meu muito obrigada aos professores Marc e Rachel, que participaram do meu exame de qualificação: suas contribuições e seus olhares afetuosos para com o meu trabalho permitiram que eu pudesse aprofundar alguns conceitos e qualificar outros. Foi muito importante a conversa sensível que tive com o colega e professor Nilthon, que me incentivou a fazer a troca do meu objeto. Agradeço a ele e à Karol pelo suporte dado para a revisão e diagramação final deste trabalho.

Ao *Instituto da Melhor Idade Estação Vida*, idealizado por Ricardo de Alvarenga Tripoli (*in memoriam*) e Esther Tripoli, e sua equipe formada por Marcos e Teresa no início da pesquisa e hoje coordenado por Tomaz e apoiado por Cristinah, assim como a todos os demais colaboradores e voluntários que fazem com que o baile continue acontecendo e prosperando: meu mais sincero obrigada por abrirem as portas sempre que necessário.

Finalmente, quero deixar meu agradecimento profundo ao CNPq pela bolsa concedida. Esse incentivo foi de extrema importância e espero que a dissertação cumpra o seu papel de relevo social ao analisar o dançar e o estar junto no *Baile Melhor Idade* do Parque da Água Branca. Foi estando junto com aos frequentadores dos bailes que esta pesquisadora de mestrado reconhece a importância dessa bolsa que, com certeza, vai agregar mais entendimento e saber sobre o envelhecimento e seus impactos na sociedade brasileira. É, pois, uma investigação dos reflexos de uma possibilidade para manter acesa a chama de uma vida social.

Tanto ao longo da história como hoje em dia, a luta de classes determina a maneira pela qual um homem é surpreendido pela velhice: um abismo separa (...) um antigo operário que vive de pensão miserável e um Onassis. A diferenciação das velhices individuais tem ainda outras causas: saúde, família etc. Mas são duas categorias de velhos (uma extremamente vasta e outra reduzida a uma pequena minoria) que a oposição entre exploradores e explorados cria. Qualquer afirmação que pretenda referir-se à velhice em geral deve ser rejeitada, porque tende a mascarar esse hiato.

Simone de Beauvoir [2018, p. 14]

MOTTA, Sintya de Paula Jorge. “*Baile da Melhor Idade*” no Parque da Água Branca: os modos de estar e de vestir-se. 200_f. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

RESUMO

A dissertação aborda interações entre idosos que frequentam o *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca em São Paulo. O objetivo geral deste estudo é compreender como as alteridades são expressas por meio da dança dos corpos vestidos, dos modos de estar e de interação e como elas organizam a construção do pertencimento ao grupo do qual participam. Objetiva-se ainda examinar como, à luz da sociosssemiótica, ocorrem as manifestações da alteridade e mapear os regimes de interação, sentido e risco expressos pelos frequentadores durante o evento. As hipóteses são as de que: i) apesar do controle prescritivo, da aparência e dos modos de agir, o ambiente de música e de dança promove horas de descontração que devolvem lembranças e motivam estados de vida eufóricos aos frequentadores; ii) a sociabilidade descontraída é um tempo marcado por uma ruptura ressignificante do viver desgastante dos frequentadores, que se estende nas atividades rotineiras e programadas e nas estratégias de vida; iii) com seus ritmos variados e marcados por uma presença na cena musical, a música ao vivo conduz as pessoas a muito mais do que estruturar um contrato de adesão, levando-as à entrega e ao envolvimento na ambiência socializante do baile; e iv) o papel de músicos e cantores que animam o baile contribui para a construção do sentido daqueles que participam do evento e o visitam para dançar e confraternizar. A fim de compreender as interações sociais dos idosos no evento, a pesquisa foi realizada pela análise semiótica das situações — em cuja estrutura o contexto e sua apreensão se dão no ato da ocorrência — e, para apoiá-la, foram registrados vídeos, fotos e um diário de bordo durante as visitas ao *Baile da Melhor Idade* ao longo de 2023 e 2024. Para as análises, o principal aporte teórico-metodológico advém das contribuições da semiótica estrutural e de seus desdobramentos sociosssemióticos, assim como os estudos da plasticidade do plano de expressão. Pode-se observar que os frequentadores, que fora do baile são segregados, durante o evento se tornam destinadores de si e constroem sentido na interação com os outros através da dança, da vestimenta e da música. A partir do regime da estratégia, intencionalmente, esses idosos, ao adotarem o hábito de sair de casa para se transporem da realidade circundante, podem viver momentos de pausa que os tornam visíveis. Com a descoberta do encanto do cantar e do dançar junto, as alteridades ressemantizam sua experiência e se tornam livres para criar sentido na velhice. No decorrer da pesquisa, notou-se um movimento promovido pelo capital que pode excluir as alteridades existentes no parque em detrimento do lucro em um espaço público.

Palavras-chave: 1. *Baile da Melhor Idade*. 2. Diversidade. 3. Ressignificação da velhice. 4. Regimes de interação, sentido e risco. 5. Sociosssemiótica.

MOTTA, Sintya de Paula Jorge. “*Baile da Melhor Idade*” at the *Água Branca Park*: ways of being and dressing. 200_f. 2024. Dissertation (Master's in Communication and Semiotics) – Postgraduate Studies Program in Communication and Semiotics, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

ABSTRACT

This dissertation addresses interactions between elderly people who attend the *Baile da Melhor Idade* (Senior Citizen Ball) at the Parque da Água Branca in São Paulo. The general aim of this study is to understand how alterities are expressed through the dance of dressed bodies, the ways of being and interacting and how they organize the construction of belonging to the group in which they participate. It also aims to examine how, in the light of social semiotics, the manifestations of alterity occur and also to map the regimes of interaction, meaning and risk expressed by those attending the event. The hypotheses are that: i) despite the prescriptive control, appearance and ways of acting, the music and dance environment promote hours of relaxation that bring back memories and motivate euphoric states of life for the regular attendees; ii) relaxed sociability is a time marked by a resignifying rupture in the stressful lives of the regular attendees, which extends into the daily and programmed activities and life strategies; iii) with its varied rhythms and marked by a presence on the music scene, live music leads people to do much more than structure a contract of adhesion, leading them to surrender and become involved in the socializing ambience of the dance; and iv) the role of the musicians and singers who cheer up the ball contributes to the construction of meaning for those who take part in the event and visit it in order to dance and socialize. In order to understand the social interactions of the elderly at the event, the research was carried out through the semiotic analysis of the situations — in which the structure of the context and its apprehension takes place in the act of occurrence — and, in order to support it, videos, photos and a logbook were recorded during visits to the *Baile da Melhor Idade* throughout 2023 and 2024. For the analysis, the main theoretical-methodological contribution comes from the contributions of structural semiotics and its social semiotics developments, as well as studies of the plasticity of the plane of expression. It can be seen that the regular attendees, who are segregated outside the dance, during the event become senders of themselves and make meaning in the interaction with others, by dance, dress and music. Through the regime of strategy, these elderly individuals intentionally adopt the habit of leaving their homes in order to remove themselves from the surrounding reality, and they are able to experience moments of pause that make them visible. By discovering the charm of singing and dancing together, there is a resemantization of their experience by the alterities and they become free to create meaning in old age. In the course of the research, we noticed a movement promoted by capital to exclude existing alterities from the park to detriment of profit in a public space.

Keywords: 1. Senior Citizen Ball. 2. Diversity. 3. Resignification of old age. 4. Regimes of interaction, meaning and risk. 5. social semiotics.

Lista de figuras

Figura 1 –	Mapa-múndi demarcando as cinco cidades consideradas <i>Blue Zones</i>	49
Figura 2 –	17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	52
Figura 3 –	Entrada do Parque da Água Branca pela Avenida Francisco Matarazzo, com o busto do Dr. Fernando Costa à frente e, ao fundo, a sede do parque, com estilo normando e projeto de Mario Whately. O gramado está repleto de aves que convivem em perfeita sintonia com o ambiente.	71
Figura 4 –	Mapa geográfico que destaca a localização do Parque da Água Branca, em proximidade do Terminal Barra Funda e da Avenida Francisco Matarazzo, que são os principais meios de acesso para aqueles que visitam o parque.	72
Figura 5 –	Pavão, um dos moradores ilustres do Parque da Água Branca, em cima de uma plataforma de uma das edificações, circulando livremente pelo local, quando esta pesquisa teve início. Um momento de deslumbramento era presenciar quando um pavão macho abria seu leque de penas para cortejar uma fêmea. Percebe-se o mau estado de conservação e a falta de manutenção da edificação.....	75
Figura 6 –	Galinha e seus pintinhos no Parque da Água Branca no primeiro semestre de 2023, quando esta pesquisa teve início e eles ainda viviam livres, circulando entre os frequentadores e outros animais que ali	

	moravam. Detalhe da vegetação que nasceu e se desenvolveu de forma espontânea, ou seja, não programada pelos administradores do local. Sua não intervenção permitiu que as plantas se desenvolvessem de forma ajustada e harmônica com o ecossistema 76
Figura 7 –	Edifício do Parque da Água Branca, tombado como patrimônio histórico, com marcas de depreciação e falta de manutenção, mesmo após a concessão. Prédio apresenta desgaste na pintura, falta de parte do telhado e janelas com vidros quebrados, o que demonstra descaso com o patrimônio público 79
Figura 8 –	Detalhe de edifício do Parque da Água Branca, com desgaste na pintura e porta estourada, com evidência de um estado de abandono e que mostra a falta de manutenção e cuidado por parte da concessionária..... 80
Figura 9 –	Aves moradoras do Parque da Água Branca, que viviam livres, eram figuras ilustres do local e faziam com que o parque tivesse uma aura rural. Hoje elas estão confinadas. Percebe-se que há uma superpopulação em confinamento, que causa uma aparência de tristeza e tensão ao circular pelo espaço restrito 82
Figura 10 –	Placa que tenta explicar o inexplicável, justificando o confinamento em função de uma hipotética crise aviária, para o público frequentador do Parque da Água Branca..... 83
Figura 11 –	Bancas nas quais os produtores expõem os seus produtos para venda direta ao consumidor final na feira de produtos orgânicos, que acontece três vezes por semana no Parque da Água Branca.

	Como esses produtos são adquiridos direto de quem os produz, sem intermediários, caracteriza-se uma prática de comércio justo, na qual todos são beneficiados. 86
Figura 12 –	Outro ângulo da tradicional feira de produtos orgânicos no Parque da Água Branca 87
Figura 13 –	Seresteiros de moda de viola, com presença importante de mulheres cantoras, no tradicional encontro que aconteceu em um sábado. A maior parte dos cantores e do público presente era formada por pessoas idosas 89
Figura 14 –	Escoteiros reunidos no Parque da Água Branca, em um dia de sábado, no qual estava chovendo. Eles fizeram uma prática de atividades escotistas para se protegerem da chuva e se locomoverem pelos espaços do parque 90
Figura 15 –	Mapa interno do Parque da Água Branca, que destaca as partes do parque (entre as quais estão as portarias de acesso) e que indica os trajetos que podem ser percorridos pelos idosos até chegarem ao <i>Baile da Melhor Idade</i> 94
Figura 16 –	Frequentadora do <i>Baile da Melhor Idade</i> , oriunda da Zona Norte de São Paulo, que tomou duas conduções até chegar no ponto de ônibus que se situa na Avenida Francisco Matarazzo, próximo à esquina com a Rua Dona Germaine Bucharde, caminha em direção à Rua Dona Ana Pimentel, que dá acesso à Portaria 4 do parque. A partir dali, ela percorre cerca de 250 metros para acessar o galpão de número 15, no qual acontece o baile 96

- Figura 17** – Entrada do Parque da Água Branca, denominada Portaria 4, que é um dos principais acessos para quem vai ao *Baile da Melhor Idade* via ônibus, que tem ponto na Avenida Francisco Matarazzo. Na foto, idosos já estão dentro do parque, cumprimentam-se afetuosamente e estão se preparando para ir ao baile..... 97
- Figura 18** – Casal que foi junto até o Parque da Água Branca para participar do *Baile da Melhor Idade* e fez uma parada para ir ao banheiro do parque. O homem aproveitou a parada para trocar o par de tênis pelo sapato — isso já é um costume dos frequentadores que sempre que vêm de condução: trocam o calçado antes de entrar no baile; mulheres muitas vezes colocam sapatos de salto alto neste momento..... 98
- Figura 19** – Três amigas, que participaram do *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca, vão embora juntas, em direção à Portaria 1, para seguir para o Terminal Barra Funda 99
- Figura 20** – Frequentador do *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca, após o final do baile, saindo do parque pela Portaria 1, que se situa na Avenida Francisco Matarazzo, rumo ao Terminal Barra Funda.....100
- Figura 21** – Idosos dançando no *Baile da Melhor Idade*.....106
- Figura 22** – Desenho ilustrativo da planta dos galpões onde acontece o baile. Na ilustração, pode-se observar a entrada principal, na qual se adentra o primeiro salão, onde estão a chapelaria, os sanitários e a cantina. Posteriormente, encontra-se o espaço vazado, seguido do segundo salão, com seus sanitários, grades vazadas e palco. Detalhe para as cadeiras, dispostas na topologia108

- Figura 23** – Pessoas idosas em frente à porta de entrada, aguardando o horário de início do *Baile da Melhor Idade*. Mesmo antes de começar o baile, é possível observá-los interagindo entre si, ansiosos para adentrar o espaço. Isso demonstra o quanto o baile é apreciado e aguardado por quem o frequenta 110
- Figura 24** – Recepcionista do *Baile da Melhor Idade*. Trata-se de uma frequentadora que participa do baile desde seu início, em 1995, e que conheceu, inclusive, o fundador. Permanece até hoje recepcionando o público e assegurando que as prescrições para a entrada sejam cumpridas..... 112
- Figura 25** – Placa na qual estão formalizadas as prescrições que devem ser cumpridas por aqueles que desejam ingressar no *Baile da Melhor Idade*. Trata-se de uma reiteração da fala da recepcionista 113
- Figura 26** – Chapelaria, que é situada no primeiro salão, ao lado da entrada. É o local destinado para guardar os pertences dos frequentadores do *Baile da Melhor Idade*. Os organizadores sugerem, por segurança, não deixar bolsas e demais objetos em mesas ou cadeiras, pois não são responsáveis por possíveis extravios.117
- Figura 27** – Imagem do primeiro salão. Destaque para as cadeiras, confortáveis, de madeira e acolchoadas, todas fixadas na parede — o que impede que elas sejam deslocadas para outros locais. Com isso, assegura-se que todo o espaço central seja destinado à dança..... 121

Figura 28 – Cadeiras no primeiro salão, ocupadas por frequentadores idosos, durante a realização do *Baile da Melhor Idade*. Observa-se a interação entre quem está passando ou dançando e aqueles que estão sentados122

Figura 29 – Disposição da planta possibilitando a interação entre os que estão sentados e os que estão dançando. Não existem mesas, cadeiras ou outras potenciais barreiras interpondo-se entre os frequentadores do *Baile da Melhor Idade*. Observa-se também um casal, assistindo ao baile, o que só é possível pela transparência da janela, o que faz os sujeitos do ambiente externo interagirem com o interno e vice-versa 125

Figura 30 – Casais dançando no primeiro salão do *Baile da Melhor Idade*, enquanto outros frequentadores, que estão sentados, os observam. Entre uma dança e outra, a interação ocorre quando aqueles que estavam sentados podem ser convidados a dançar ou o contrário. Existe também a interação com as pessoas que estão atravessando o salão, no corredor que se forma entre quem está sentado e quem está dançando..... 127

Figura 31 – Café situado do primeiro salão, que é bastante frequentado pelo público. Oferece lanches rápidos, bolos, cafés, refrigerantes e água. Os produtos são oferecidos por preços acessíveis, o que possibilita que muitos frequentadores consigam usufruir de uma pausa para descansar e saborear um café ao pé do balcão ou mesmo em uma das mesas situadas nas áreas vazadas129

Figura 32 – Espaço vazado: área entre o primeiro e o segundo salão, no qual os frequentadores podem sentar-se para fazer uma pausa quando estão cansados de dançar, para tomar um lanche, para bater um papo. Possui dois portões gradeados para saídas de emergência130

Figura 33 – Interação de pessoas do lado de fora, que não estão no *Baile da Melhor Idade*, seja por não estarem vestidas de acordo com a prescrição, seja por não terem a idade mínima ou por qualquer outra razão, e assistem ao baile pela grade. Essa é uma possibilidade para que o baile seja apreciado mesmo por quem está do lado de fora134

Figura 34 – A interação acontece também entre quem está dentro do baile e as pessoas que estão fora dele. Nesse momento, quem está dentro pode convidar os de fora a participar através de um convite para dançar junto, seja entrando no baile, seja dançando “dentro e fora”135

Figura 35 – Interação no segundo salão entre casal que está dançando e quem assiste a ele. É possível observar como o casal executa de forma primorosa a dança e como o público os observa atentamente.145

Figura 36 – Casal dançando, de forma que se pode sentir um ajustamento, que estabelece uma lógica de união. Percebe-se a interação entre os dois, que estão em harmonia ao bailar.148

Figura 37 – No segundo salão do baile, mulheres sozinhas dançam em frente ao palco, no qual se concentram para dançar, formando uma turma que interage entre si e com os cantores. Segundo uma frequentadora, “aqui é o lugar das mariposas, estamos felizes sozinhas, sem companheiro”.149

Figura 38 – Duas mulheres dançando no primeiro salão do baile. Existe, no baile, maior liberdade para que as mulheres dancem entre si, sem necessidade de depender de um parceiro. Isso não as impede de estar em movimento e dançar juntas. Para os frequentadores do baile, isso é visto de forma natural. Desta forma, duas amigas podem dançar juntas, mãe e filha também, e assim por diante150

Figura 39 – Transeuntes, ao passarem em frente ao baile e ouvirem a música, sensibilizam-se e se permitem um tempo para viver um momento diferente dos de suas rotinas.152

Figura 40 – Frequentadora do baile, em frente ao palco, no segundo salão, acompanha a música com o balanço do corpo e do cantar. Ela está tocada pela energia e pela interpretação da música dos cantores153

Figura 41 – Cantores no palco, situado no segundo salão, interpretando músicas de um repertório animado que combina sucessos antigos e contemporâneos. Ao fundo do palco, pode-se ler o slogan “Desperta para a vida, toda a hora é hora”. Esse enunciado mostra uma estratégia para que os idosos não se acomodem no enfado, pois mesmo estando na finitude da vida, em qualquer momento você pode ser destinador de si mesmo. Não há hora para construir sentido para a vida.155

Figura 42 – Quadrado semiótico.....156

Figuras 43, 44, 45 e 46 – Frequentadora, que é costureira aposentada e que, após anos costurando, descobriu a possibilidade de customizar e reinventar suas próprias roupas a partir do guarda-roupa que ela já tem. Cria uma estética única, que a faz construir sentido às suas habilidades antigas, de acordo com sua nova fase de vida162-163

Figura 47 – Casal dançando no primeiro salão. Sugere-se que a aparência estabelecida pela interação entre corpo e roupa situa-se no regime de programação.166

Figura 48 – Frequentadora vestindo roupas com características funcionais e com cromatismo sóbrio e discreto, apesar de, no corte da roupa, ela estar vestindo uma regata, a qual faz aparecerem o colo e os braços que apresentam as marcas do tempo de suas experiências vividas. Nessa imagem, observa-se que a programação não é tão rígida, pois quem se veste pensando exclusivamente no que se espera de uma idosa optaria por mangas que cobrissem os braços167

Figura 49 – Frequentadora do baile com liberdade de uso de trajes de cores vibrantes. Utiliza também acessórios que compõem esse cromatismo alegre e jovial e faz com que ela se distancie das prescrições preestabelecidas para uma senhora de mais de 80 anos.....169

Figura 50 – Frequentadora do baile vestindo um *look* que utiliza repertório próprio para afirmar sua identidade criativa e exuberante170

Figura 51 – Freqüentador que demonstra liberdade de escolha para a construção de sua aparência. A camisa em estampa poá difere do padrão masculino utilizado. Destaque para o contraste cromático entre claro e escuro das peças escolhidas para a montagem do sintagma vestimentar 171

Figura 52 – Freqüentadora utiliza vestido com o corte que evidencia a cintura e valoriza as curvas do seu corpo. Sua roupa tem cores vibrantes, que dão uma aparência jovem 173

Figura 53 – Freqüentadora, sentada à esquerda, com cabelo, roupas e adereços estrategicamente pensados para realçar as partes do corpo que lhe são favoráveis, criando um simulacro jovem para sua idade..... 174

Figura 54 – Freqüentadora do baile vestindo um *look* que destaca suas características fortes, refletindo uma beleza conectada com o seu momento de vida. A roupa não se sobressai: há uma união entre corpo e roupa 176

Figura 55 – Freqüentador do baile, em sintonia com sua idade, sem intenção de rejuvenescer; ao contrário, mostra-se com autenticidade, dono de si, orgulhoso de sua identidade. Há união do corpo e da roupa 177

Lista de siglas e abreviaturas

CONDEPHAAT	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ODS	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TUCA	Teatro da Universidade Católica
UNATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
USP	Universidade de São Paulo

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 37

I. O baile no parque e seus frequentadores 41

II. Pertencimentos e atravessamentos na velhice 45

III. O desafio do trabalho multigeracional..... 53

IV. O discurso sobre o baile e seus frequentadores..... 59

1. O PARQUE DA ÁGUA BRANCA E O TRAJETO DAS

ENTRADAS AO BAILE 69

1.1 Um pedaço da São Paulo rural no coração da megalópole 70

1.2 Conflitos e desafios na gestão do Parque da Água Branca..... 77

1.3 Presenças que se destacam no parque: da imperfeição

ao sentido sensível..... 84

1.4 Os trajetos pelo parque até a chegada aos galpões do baile 91

2. O BAILE DA MELHOR IDADE DO PARQUE

DA ÁGUA BRANCA..... 103

2.1 Do que trata o *Baile da Melhor Idade?* 103

2.2 As partes do baile..... 107

3. A RESSEMANTIZAÇÃO DO VIVER DESGASTANTE DOS

IDOSOS PELO *BAILE DA MELHOR IDADE* 139

3.1 A dança e a música no baile..... 140

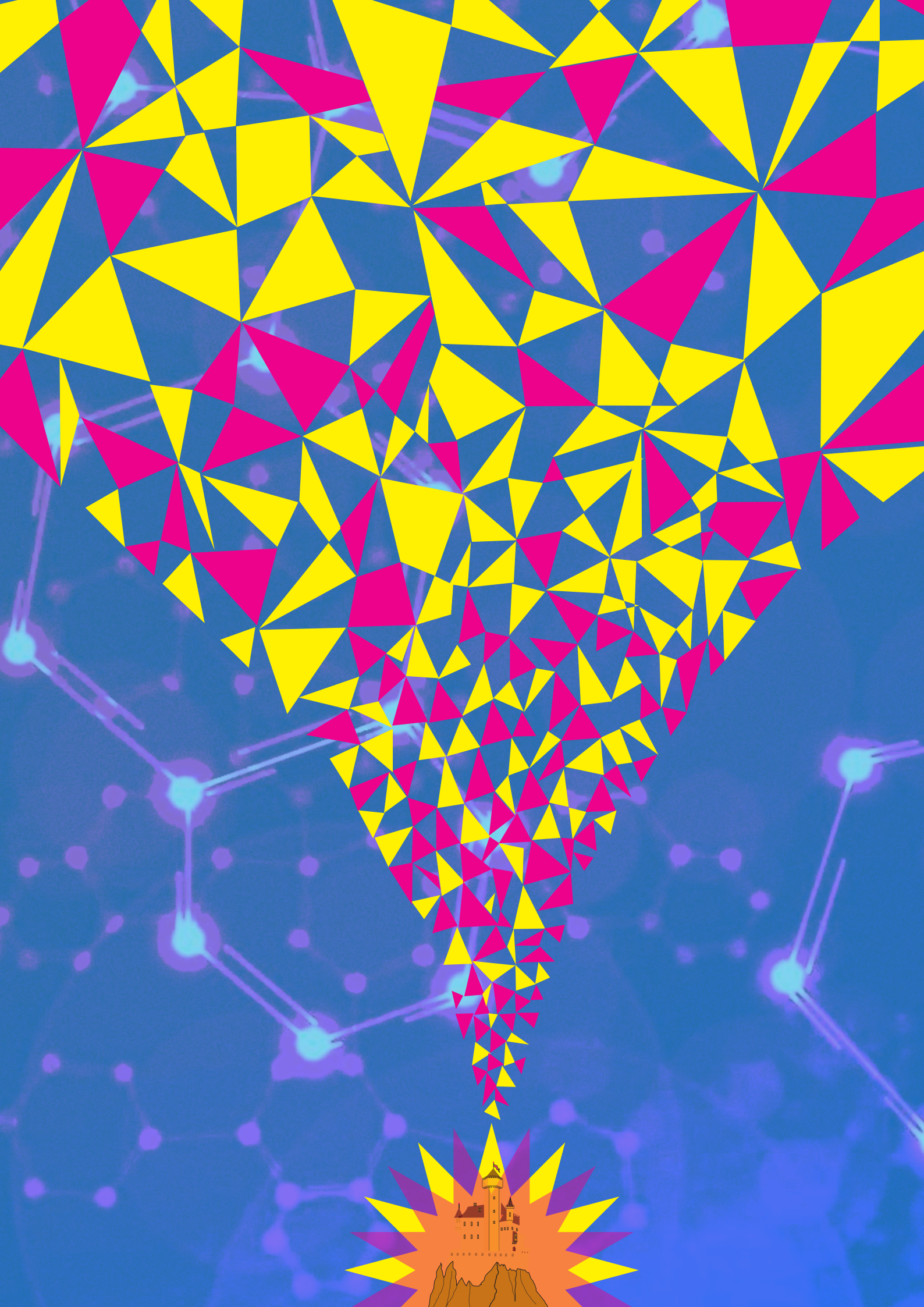
3.2 Os modos de vestir para a construção da aparência

dos idosos no baile..... 158

CONSIDERAÇÕES FINAIS 181

REFERÊNCIAS 189

APÊNDICE 199



Considerações iniciais

Ao descer na estação de metrô da Barra Funda para ir à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) realizar uma aula de mestrado, atravessei a Avenida Francisco Matarazzo e entrei no Parque da Água Branca. Como estava adiantada, dirigi-me até um carrinho que vendia água de coco quando, nesse instante, ouvi música tocando em algum lugar próximo. Interessei-me e foi então que me deparei com o *Baile da Melhor Idade* em um galpão dentro do próprio Parque da Água Branca! Fiquei fascinada... Era muito interessante refletir sobre a força da motivação das pessoas que estavam ali e, ao conversar com algumas delas, descobri que elas faziam longas viagens para irem até o baile — muitas tinham de pegar várias conduções, percorrendo um trajeto que consumia muitas horas do dia, até chegarem à região da Barra Funda, onde se situa o evento.

A pergunta que me veio à cabeça foi: qual é o sentido que essas pessoas idosas encontram nesse lugar? Qual a sensação que aquelas músicas provocam nelas e qual a motivação para que elas deixem suas casas e suas tarefas diárias e venham algumas vezes por semana para se encontrarem com amigos, namorados, namoradas e desconhecidos no baile?

Parei em frente à porta admirada. Eu queria olhar de perto, falar com aquelas pessoas, dançar junto a elas... O ambiente era muito contagiante,

e a música, ao vivo, era composta por diversas canções e melodias que lembravam a região na qual nasci e cresci no norte de Minas Gerais. As pessoas também não eram estranhas ao meu olhar — embora eu nunca tivesse visto alguma delas, elas me pareciam familiares... Algo dentro de mim sentiu-se em casa, na minha terra natal.

Na verdade, senti uma nostalgia, uma felicidade ao sentir-me acolhida em plena São Paulo, que é tão agitada, que não para nunca, nem por um instante apenas. Depois dessa primeira visita, todas as vezes que fui ao parque para entrar no baile junto aos frequentadores e realizar minha pesquisa, emocionava-me com todos dançando com aparência feliz naquele ambiente quase rural. A estética dizia muito sobre mim mesma, mas de um modo tão sensível e tocante que não conseguiria explicar... Afinal, como postula Oliveira (2017, p. 13) no prefácio da obra *Da Imperfeição*:

Ao trazer pela experiência estética [...] por todo e qualquer arranjo significante, o percurso narrativo que é vivido na experiência sensível, do sujeito, Greimas enfatiza como esses incidem com os sentidos, afetando os estados de ânimo e de alma, estados patêmicos, que são processados a partir da ação do corpo como dispositivo estésico que capta impressivamente os sentidos e, sentindo-os, os põem significando nos encadeamentos vários.

Ao atravessar aquele portão de entrada, na Rua Ministro Godói, meus batimentos cardíacos reduziam a intensidade apesar de meus passos apressados, ficavam quase suspensos, e, nisso, eu diminuía de ritmo. A sensação era a de sair do caos absurdo da grande metrópole e adentrar um lugar mágico, um lugar fantástico de minha infância no qual os galos cantavam, as galinhas cuidavam sem pressa de seus pintinhos, os patos nadavam despreocupados no lago e os gatos, seres fantásticos e fascinantes, dormiam ao sabor do calor dos raios solares, que se apresentavam sempre de maneira branda para eles.

E a música? Forró, sertanejo, valsa ou canções antigas que vinham dos salões do baile? Meu Deus! A magia se completava e a minha alegria aumentava ao entrar e atravessar o primeiro salão para finalmente chegar ao segundo. Pude, naqueles espaços, presenciar as manifestações de estados de alma eufóricos de todos aqueles sujeitos, que vinham de diferentes lugares das zonas periféricas da grande São Paulo não só para vivenciarem a dança e a música, mas também para estarem presentes naquele ambiente tão acolhedor, de extremo respeito e de interação profícua. Fiquei impressionada, pois os idosos que conhecia muitas vezes se tornavam invisíveis, perdiam essa noção de pertencimento que, como eu podia ver no baile, permitia que eles fossem vistos e percebidos como indivíduos naquele ambiente.

Desde a minha primeira visita, eu sempre pensava comigo mesma: qual o sentido dessas manifestações terem-me tocado tanto? Por que o meu interesse contagiante e o meu entusiasmo em simplesmente assistir ao baile? Quando me fiz essas perguntas, tive um momento de “Eureca!”, de “Uau!”.

Minha orientadora sempre me dizia que não somos nós que escolhemos os objetos de pesquisa: são eles que nos escolhem. Ao conversar com um colega de pós-graduação sobre minha inquietação para contar essa história pela minha pesquisa, mesmo estando próxima da minha qualificação, ele sugeriu que, antes, eu retornasse ao baile e pedisse autorização para fazer a pesquisa; em caso afirmativo, eu poderia propor essa alteração. Feita essa consulta, obtive a resposta positiva por parte dos organizadores e tomei a decisão de mudar o objeto de estudo, o que foi aprovado pela minha orientadora, que pôde testemunhar meu entusiasmo e não titubeou ao dar-me o seu aceite. Até aquele momento, estava estudando os frequentadores dos equipamentos culturais da Avenida Paulista, mas senti que precisava contar a história do *Baile da Melhor Idade* e trazer a teoria semiótica francesa e a sociossemiótica, que trata das interações nas práticas sociais e dos tipos de presenças dos sujeitos ao mundo, para iluminar esse objeto que não só significou para mim uma retomada de minhas raízes, mas que também oferecia a minha própria cura.

Por que falo de uma cura? Estava em um momento de vida repleto de dor e de contato próximo com o fim da vida. Havia perdido minha irmã havia poucos meses e, após acompanhá-la por dois anos e meio de um longo e doloroso tratamento de câncer e ver pessoas idosas vivendo com intensidade sua própria finitude, pareceu-me, em um primeiro momento, incompreensível, pois eu me encontrava de luto e, aos meus olhos, a vida não me era tão interessante. O baile, naquele instante, estimulou-me a buscar uma reconstrução de sentido para a minha vida e o meu mundo, que, afinal, não pareciam mais tão insignificantes como antes.

Esse desafio me deixou muito motivada. Conforme Landowski (2014) coloca, muitos pensadores — como Barthes, Greimas e Merleau-Ponty — postulavam que as pessoas, como seres semióticos que o são, estariam “condenadas ao sentido”. Diante disso, Landowski elabora uma nova visão na qual as pessoas estão condenadas a realizar a construção do sentido, o que evitaria que alguém se colocasse refém de uma vida vazia e entediante ou que, por outro lado, não visse significação em sua vida e, assim, fosse tomado por um enfado, ou uma dor que aprisionasse quem a sentisse de forma absoluta e implacável. Segundo o autor,

[...] o enfado, esse estado de alma no qual o mundo, vazio de sentido, de interesse, de valor, dá a impressão de estar ausente e no qual, correlativamente, o sujeito permanece prostrado no sentimento de sua própria incapacidade de existir. Depois a experiência da dor, na qual o mundo parece, ao contrário, concentrar-se inteiro nos limites do próprio corpo sob a forma de uma presença invasiva, a do mal que insiste em atormentar-nos, de maneira tão mais difícil de suportar quanto nos parece privado de sentido? (Landowski, 2014, p. 14-15).

No que lhe concerne, Simone de Beauvoir (2018, p. 12) explora também esse enfado no qual o mundo, na visão do idoso e de quem com ele con-

vive, torna-se menos interessante e pode parecer sem sentido (no caso, para esse idoso): “o lazer não abre ao aposentado possibilidades novas; no momento em que é, enfim, libertado das pressões, o indivíduo vê-se privado de utilizar sua liberdade. Ele é condenado a vegetar na solidão e no enfado, decadência pura”.

Como escreveu Miller (2023, p. 28), “uma das grandes tragédias que uma pessoa pode experimentar é sentir-se desinteressada pela sua própria vida. Acordar, acreditando que o destino está escrevendo uma história terrível, a qual estamos fadados, é como estar aprisionado em nossa própria pele”. Acontece que me senti, naquele momento e durante toda a pesquisa que se seguiu, efetivamente condenada a construir sentido nessa minha jornada no *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca.

I. O baile no parque e seus frequentadores

É em meio a um espaço arborizado no coração da Zona Oeste de São Paulo que dezenas de “senhores e senhoras” se reúnem com seus *looks* caprichados e uma disposição admirável. Trata-se do já mencionado *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca, localizado no bairro da Água Branca (parte do distrito da Barra Funda), que duas vezes na semana (quando iniciada a pesquisa) possibilita e convida, com exclusividade, o encontro de um público mais maduro — ali a entrada é permitida apenas para “maiores de 50 anos”. Mesmo entre as diversas atividades oferecidas na programação deste prestigiado parque da capital paulista (como área para ginástica e ioga, exposições de arte e aulas de equitação), é a animada pista de dança com música ao vivo que atrai e se destaca aos olhos desse público, majoritariamente composto por pessoas idosas ou de meia-idade, que se dirigem ao evento voluntariamente para confraternizar, dançar e interagir entre si.

Desde 1995, o baile acontecia regularmente três vezes por semana no salão do parque. Com a pandemia, os bailes foram suspensos para asse-

gurar o distanciamento social. Quando iniciada a pesquisa, no primeiro semestre de 2023, eles já haviam sido retomados e aconteciam em edições semanais fixas às terças e sextas-feiras, das 13:00 às 17:00 horas. Ao longo do desenvolvimento da dissertação, a partir de agosto de 2023, os bailes voltaram a acontecer em três sessões semanais, às terças, às quintas e aos sábados, mantendo o horário das 13:00 às 17:00 horas. É um evento que recebe pessoas acima de 50 anos de idade, estejam elas sozinhas, estejam elas acompanhadas de amigos ou de seus parceiros, sempre em busca dessa socialização possibilitada pelo evento.

O baile é bastante popular e muitos se deslocam desde bairros vizinhos ou mais afastados para ir até ele dançar. O público varia de um fluxo de 300 pessoas às terças, para 400 a 500 às quintas, chegando a 800 pessoas aos sábados. Todas elas tomadas por sua animação e nitidamente empenhadas na apresentação de seu visual, desde as roupas e os calçados até os penteados e adereços.

Testemunhar a energia desse encontro, dos sutis flertes na pista à precisão dos passos de dança, leva a uma reflexão quanto a essa dedicação à aparência que os idosos irão transmitir, assim como a forte popularidade do evento, que simboliza o protagonismo que a população idosa desempenha e firma cada vez mais na sociedade. Essa percepção, por sinal, tem sido reforçada até mesmo por estatísticas recentes — atualmente, projeções nacionais e mundiais sugerem um aumento significativo do número de pessoas acima de 60 anos: de acordo com os dados da Divisão de População da Organização das Nações Unidas (ONU), 13,9% da população mundial atual, que soma mais de 8 bilhões de pessoas, é composta por idosos, que chegam a somar 1,1 bilhão de pessoas (Alves, 2022). Na realidade brasileira, em particular, atualmente há mais de 31 milhões de idosos no país (14,4% da população), sendo que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse número deverá mais do que dobrar até 2050 — até lá, estima-se que 30% da população no Brasil terá mais de 60 anos de idade (População [...], 2022).

Essas projeções — um tanto surpreendentes em vista da discrepância para a expectativa de vida de séculos passados — não só mostram que a longevidade se estendeu de algumas gerações para cá, como também acabam por alimentar diversas reflexões sobre o papel desempenhado pela população considerada idosa, assim como sobre sua importância e sua visibilidade na sociedade. Paralelamente a esse aumento exponencial, há também um crescimento em ascendência de preocupações e considerações quanto ao envelhecimento.

Contudo, se essa população está traçando o caminho da longevidade para as futuras gerações, ao mesmo tempo que “se faz ser” em seus espaços de direito, como no *Baile da Melhor Idade*, por que são constantes os relatos de discriminação e desvalorização para com ela? Por qual razão o envelhecimento ainda é depreciado pela sociedade e, em decorrência dessa percepção cultural de subestimação, estabelecem-se práticas etaristas, isto é, atitudes e falas preconceituosas com idosos?

Antes de dar prosseguimento a essa discussão, faz-se importante estabelecer uma clareza terminológica a respeito do público aqui referido e das distintas nomenclaturas possíveis para citá-lo. Como se verá, não existe uma única forma de se referir ao idoso.

Conforme definição prescrita pelo Dicionário Houaiss, “idoso” resume-se àquele “que ou quem tem muitos anos de vida; velho” (Houaiss, 2023), enquanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) determina como “idosos” aqueles com mais de 65 anos de idade nos países considerados desenvolvidos; contudo, nos países ainda em desenvolvimento, a população idosa é aquela com mais de 60 anos (Ministério da Saúde, [2020?]). Deve-se refletir por que, no Baile, essa faixa etária de 60 anos é antecipada de uma década: o que esses frequentadores passaram e enfrentaram em sua jornada de vida para que essa antecipação acontecesse?

Ampliando o repertório denotativo dos termos associados à população idosa, ao consultar a locução “terceira idade” no Houaiss, o buscador on-line indica duas conceituações: “1. Último terço da vida, [geralmente] conside-

rado a partir dos 65 anos de idade; velhice” e “2. Parte da população acima dos 65 anos de idade <*palestras para a t. idade*>” (Houaiss, 2023).

Em contrapartida, a consulta do termo “melhor idade” no mesmo dicionário não retorna resultados; de acordo com Barbieri (2012, p. 116-117), esta locução, “*melhor idade*”, e demais termos, “assim como *maturidade, maior idade, futuridade*, além da *terceira* (e agora a também quarta) idade, são claramente usados para substituir o termo *velhice*, em uma tentativa de qualificar positivamente essa fase”. Enquanto a denominação de velho e palavras relacionadas embutem valores disfóricos, a busca por uma denominação como “melhor idade” procura atribuir valores eufóricos e positivos a essa fase da vida. Sem pretender esgotar todas essas nomeações, alguns destes termos devem ser analisados com um pouco mais de detalhe.

O termo “melhor idade” é um eufemismo que embute um preconceito. A terminologia usada é uma forma de romantizar um momento que os aspectos negativos não podem ser ocultados. Como atesta Barbieri (2012, p. 119), “a negação ou o silenciamento dessas questões não facilitam o lidar com o envelhecimento. Ao contrário, negar a velhice e as perdas inerentes a esse processo produz um sujeito em suspensão, pelo empobrecimento das trocas sociais [...]”.

Assim como “melhor idade”, a denominação “terceira idade” carrega um ocultamento do envelhecimento e dos problemas por ele acarretados, como se o envelhecer fosse um processo que pudesse ser evitado, e não algo natural e inerente à vida. Ele é claramente utilizado para qualificar euforicamente a fase na qual as pessoas de mais idade se encontram, o que acarreta todas as contradições já mencionadas. Com o avanço da idade, é uma tendência agravar algumas particularidades indesejáveis e inevitáveis à saúde, quando o corpo passa a estar mais suscetível a doenças crônicas e degenerativas. Isso ocorre em especial na população de baixa renda, na base da pirâmide social, na qual é mais visível esse desgaste físico, e, junto a isso, há menos acesso ao atendimento de saúde — esses são a maioria daqueles que frequentam o baile.

Quando se chama alguém de “velho”, existe uma conotação negativa, “politicamente incorreta”, pois denota que aquela pessoa não tem utilidade — ela é confundida com uma coisa, com um objeto que não tem mais serventia e pode ser descartado. Seria algo (ou alguém) que pode ser desprezado, deixado de lado, pelo valor disfórico que lhe é atribuído, o que se identifica como mudanças axiológicas em função das culturas em que o “velho” ou ancião é valorado negativa ou positivamente. Hoje, inclusive, alguns profissionais da área, como gerontólogos e médicos geriatras, evitam utilizar o termo “velho” em seus discursos.

A palavra “idoso”, por sua vez, tem sido usada de forma a ser possuidora de atributos positivos e valorados euforicamente pela sociedade por o idoso ser alguém que merece respeito, que pode ocupar um lugar relevante na sociedade, portanto uma abordagem mais respeitosa, pois considera que esse sujeito experiente carrega um saber acumulado a ser partilhado no seu social, ou seja, tem um importante papel a ser desempenhado. Deve-se destacar que essa palavra é utilizada por diversas vozes, como o Estatuto do Idoso e a OMS — em razão disso, este trabalho elegerá a palavra “idoso” como aquela a ser utilizada daqui por diante para dar conta do público deste estudo. Conforme descrito por Loiola (2021a, p. 92), “faz-se necessário um processo de reeducação de toda a sociedade para a superação de ideias preconceituosas em torno da velhice, envolvendo aceitação e compreensão da realidade das etapas da existência humana”.

II. Pertencimentos e atravessamentos na velhice

“Por que não podemos espelhar a idade que temos? Por que envelhecer continua sendo um tabu?” — com estes questionamentos a jornalista Mariza Tavares (2020, p. 9) marca o início de sua obra *Longevidade no cotidiano: A arte de envelhecer bem* ao problematizar o teor elogioso atribuído ao ouvir-se ou ao dizer que alguém não aparenta ter a idade

que de fato tem. Mestre em Comunicação, a escritora sexagenária discorre sobre a construção de uma boa velhice e interpreta o aumento da expectativa de vida alcançado ao longo do século XX como conquista e motivo de aproveitamento da vida. Apesar disso, existe ainda uma tentativa social de ignorar o envelhecimento, mesmo que inúmeros dados e levantamentos têm apontado para a presença e o crescimento ascendentes (além de um protagonismo inevitável) de pessoas longevas.

Traçando um paralelo midiático mais recente, no *live action* de Barbie (2023), dirigido por Greta Gerwig e lançado em julho de 2023, um trecho do filme narra uma situação que retrata a afirmação acima. Acontece que, quando sai da Barbielândia, pela primeira vez em sua vida, a Barbie protagonizada por Margot Robbie se depara com as mazelas da humanidade. Inclusive, ela se surpreende com uma mulher idosa, que possuía rugas, algo que a impressiona muito.

Aliás, Beauvoir (2018) já havia mencionado essa mesma sensação de perplexidade que acometeu o príncipe Sidarta, que sempre havia morado em um castelo e nunca havia saído para ver o povo. Quando ele o faz, encontra um homem enrugado, curvado e apoiado em uma bengala. O príncipe fica muito triste que pessoas do seu convívio, embriagadas pelo orgulho próprio, fossem fracas e ignorantes a ponto de valorizarem apenas a juventude e não prestarem atenção à velhice a ponto de tornarem os idosos invisíveis em um processo semiótico de segregação (Landowski, 2012). A própria escritora francesa apresenta a existência de um processo social que coloca o velho na situação de um “Outro” e, segundo ela, “[...] os mitos e os clichês, postos em circulação pelo pensamento burguês, se aplicam em mostrar o velho como um outro” (Beauvoir, 2018, p. 9, letra maiúscula e sublinhado da autora). Landowski (2012, p. 32) complementa o pensamento de Beauvoir, ao colocar a problemática relacionada às alteridades, inclusive aquelas constituídas a partir da faixa etária de que o indivíduo participa:

Porque, mesmo que todo mundo seja em princípio, sujeito do mesmo modo, cada um se apresenta na realidade, tanto para outrem como para si mesmo como pertencente a “sua” categoria socioprofissional, a “seu” meio étnico e cultural, a “seu” grupo linguístico ou confessional – e, é claro, além do mais, a sua faixa etária, a sua geração, a seu sexo e assim por diante –, de modo que, em definitivo, na medida em que esses diferentes critérios de referência tendem a superpor-se uns aos outros e, na maioria das vezes, a reforçar mutuamente seus esforços, alguns membros da comunidade chegam muito naturalmente a passar por “um pouco mais” sujeito que outros – como se, ao acumularem as marcas sociais convencionalmente consideradas mais positivas, eles encarnassem por si sós o tipo mais acabado do grupo considerado, ao passo que os outros não passariam de imagens falhas, ou mesmo em negativo desse grupo.

Contudo, a realidade prática muitas vezes é outra: pessoas entre 50 e 70 anos, ou até mais, estão envelhecendo cada vez melhor, sendo consumidoras ávidas, atualizando-se em pautas sociais, mostrando-se ativas nas redes sociais, preocupando-se com sua integridade física e mental em vista de um envelhecimento prolongado e mais saudável (Tavares, 2020). Apesar da segregação existente, há uma parcela crescente dessa população que encontra nessa fase da vida um momento para se reinventar e fazer coisas novas (Goldenberg, 2022), isto é, ter uma bela velhice, tal como cunhado por Simone de Beauvoir (2018). Essa bela velhice, entretanto, não pode ser confundida com a busca incessante da fonte da juventude, pois sabe-se que o processo do envelhecimento é irreversível e inexorável. Com um bom planejamento em todas as áreas da vida (econômica, social, física, mental), pode-se desfrutar de uma velhice produtiva e longeva, livre de compromissos que consumiram seu tempo e energia na idade adulta. É uma oportunidade de se reinventar e de desfrutar a vida.

Barbieri (2012) registra que uma pessoa idosa com saúde e ativa não diz respeito a todos e, mesmo que muitas pessoas se descubram com maiores conquistas nessa fase da vida, isso não isenta ninguém de se deparar com as mudanças decorrentes da idade, quaisquer que elas sejam. Ainda segundo a autora, em vista dessas variáveis envolvidas no envelhecimento humano, é preciso que o idoso seja reconhecido, que tenha seu pertencimento social devidamente estabelecido.

O envelhecimento saudável tem sido uma pauta cada vez mais discutida e, uma vez que as pessoas estão vivendo mais, é importante que elas envelheçam com saúde. A respeito disso, o interesse em desvendar o que leva à longevidade tem sido objeto de estudos científicos e produções audiovisuais. A minissérie documental da Netflix *Como Viver até os 100: Os Segredos das Zonas Azuis* (2023), por exemplo, percorre as cidades conhecidas como “Blue Zones” (as “Zonas Azuis” em tradução livre), denominação que o jornalista Dan Buettner atribuiu às regiões onde a população não só ultrapassa a média da expectativa de vida, como o faz com qualidade (Yoneshigue, 2023).

Ao buscar essas cidades em que a longevidade impera, Buettner identificou que Okinawa (no Japão), Sardenha (na Itália), Nicoya (na Costa Rica), Icária (na Grécia) e Loma Linda (nos Estados Unidos) (figura 1) compartilham algumas semelhanças, como a espiritualidade praticada pela comunidade e os estilos de vida pautados por atividades físicas (que podem ser realizadas por quem leva uma vida ativa), senso de propósito e significado na trajetória do indivíduo (que os japoneses denominam *ikigai*), alimentação saudável (com ênfase no consumo de plantas) e a sociabilidade com os outros, cultivando amigos por toda a vida, através de um senso de comunidade.

FIGURA 1

Mapa-múndi demarcando as cinco cidades consideradas *Blue Zones*.

Fonte: Yoneshigue, 2023.



No Brasil, também é possível encontrar características similares às das zonas azuis citadas no documentário, como é o caso da cidade de Veranópolis, no Rio Grande do Sul, que chegou a receber representantes do projeto Blue Zones e ser avaliada para compor a lista de exemplos internacionais da iniciativa. Conforme registrado na reportagem de Yoneshigue (2023), apesar de não ser tão fácil conseguir o reconhecimento de *blue zone* em vista da quantidade de critérios que precisam ser contemplados, Veranópolis é observada há décadas e já foi objeto de estudo de inúmeros artigos em vista de entender os hábitos de seus moradores e sua influência na longevidade. Na mesma matéria, a respeito desse interesse no envelhecimento saudável, Alessandra Ferrarese, médica geriatra do Hospital São Vicente de Paulo, comentou que “a ciência da longevidade está ganhando cada vez mais atenção porque

o mundo está envelhecendo. [...] Mas ainda estamos engatinhando. Precisamos escutar mais os idosos, combater o etarismo e melhorar a qualidade do envelhecer” (Yoneshigue, 2023).

Em vista disso, a fim de conscientizar a população e difundir a importância de uma nova configuração de pensamentos e atitudes sobre o envelhecimento, alguns órgãos e organizações desenvolvem ações e projetos em razão de contribuir para a amenização/resolução desse problema — assim como o faz o Instituto da Melhor Idade Estação Vida, que organiza o *Baile da Melhor Idade* e que, fundado há quase 30 anos, foi um dos precursores, cuja missão é “ser referência em promoção do envelhecimento ativo e saudável, contribuindo para uma sociedade inclusiva e valorizadora da experiência e conhecimento dos idosos” (Tripoli, 2023).

Por iniciativa da ONU, por exemplo, em 1991 foi determinado que 1º de outubro seria o Dia Nacional do Idoso e o Dia Internacional da Terceira Idade¹, data cujo intuito é sensibilizar a sociedade para questões concernentes ao envelhecimento, além de conscientizar sobre as desigualdades enfrentadas na velhice, promover proteção e modificar os estereótipos negativos construídos sobre os idosos (Ministério da Saúde, [2020?]).

Em 2020, a Assembleia Geral da ONU declarou o período de 2021 a 2030 como a “Década do Envelhecimento Saudável”, cuja motivação é fortalecer o trabalho unificado e colaborativo das Nações Unidas, dos governos, da sociedade civil e do setor privado de forma a tanto aumentar a expectativa de vida quanto a garantir a melhor qualidade desses anos vividos (Nações Unidas Brasil, 2020). Para que se alcance essa meta, algumas das iniciativas tomadas nesse período envolverão a mudança dos pensamentos, dos sentimentos e das atitudes das pessoas a respeito do envelhecimento, a inclusão facilitada de idosos para que participem e contribuam para com a

1

Nota-se que, apesar de tratar-se da mesma data, a ONU usa duas terminologias para atribuir à celebração: Dia do *Idoso* e Dia da *Terceira Idade*. Ora, cabe a reflexão: qual o objetivo de usar nomenclaturas diferentes? E, no que isso se estende às próprias práticas sociais cotidianas, por que as pessoas empregam termos distintos para tratar da mesma pauta?

sociedade, cuidados geriátricos específicos e atenção integrada a essa parcela da população, de acordo com o entendimento das Nações Unidas Brasil (2020). É um esforço organizado para promover uma admissão desse dessemelhante à sociedade — isto é, para Landowski (2012, p. 16), a admissão é “reconhecer o outro a despeito de sua diferença e de sua aparente estranheza, como parte integrante de si, e por isso mesmo, aceitá-lo ao seu lado, bem pertinho de si em sua casa [...]”.

Determinados pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2015 e constituintes da chamada Agenda 2030, “os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade” (Nações Unidas Brasil, [c2023]). Essa iniciativa condiz também com pelo menos dois dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU (figura 2), voltados a “Saúde e Bem-estar” e a “Redução das desigualdades”.



O referido ODS 3 visa a “garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, **em todas as idades**” (Nações Unidas Brasil, [c2023], grifos desta pesquisadora) — afinal, o capital a nível físico, isto é, a integridade da saúde, é um dos pilares mais importantes para o bem-estar geral e a construção de um bom e mais tranquilo envelhecimento.

A respeito ainda dos ODS determinados pelas Nações Unidas, outro objetivo que envolve a população idosa é o ODS 10, referente à “Redução das desigualdades”, que tem em vista “reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países” (Nações Unidas Brasil, [c2023]). Esse objetivo implementa a eliminação da discriminação etária ao promover

uma inclusão socioeconômica de todas as pessoas, independentemente de sua idade, assim como de seu gênero, sua etnia, sua religião etc. (Nações Unidas, 2019; Nações Unidas Brasil, [c2023]).

Recortando-se finalmente uma última problemática social destacada pela ONU em seus ODS, a “discriminação etária”, em particular, tem sido uma pauta bastante difundida e discutida em pesquisas, nas comunidades e nas mídias. O conceito leva ao chamado “etarismo”, cuja denotação remete à “atitude de discriminação e preconceito contra idades maduras; ancianismo, idadeismo” (Houaiss, 2023). Além do “ancianismo” e do “idadeismo” citados na definição do Dicionário Houaiss, outra denominação relacionada a essa discriminação etária é o “ageísmo”, do inglês *ageism* (Aragão, 2023).

Essas definições e toda essa miríade de dados, estabelecidos e sustentados em propostas realizadas por órgãos e organizações de incontável referência (Ministério da Saúde, ONU, OMS), demonstram que as preocupações e discussões voltadas ao idoso não se tratam de problemáticas pouco difundidas ou minoritárias, tampouco são “rasas” ou de relevância limitada, sequer devem interessar apenas a quem a velhice já atingiu ou preocupa — na verdade, tal como se constatou, trata-se de uma pauta mundial em termos socioculturais, a qual afeta o convívio e o pensamento coletivo como um todo.

III. O desafio do trabalho multigeracional

A invisibilidade e a segregação dos idosos em espaços sociais (e até mesmo familiares) e as oportunidades limitadas no mercado de trabalho são alguns dos encontros cotidianos com que uma pessoa pode se deparar na velhice. Por se tratar de uma construção social de pensamento e comportamento, o combate ao preconceito contra o idoso é, ao

mesmo tempo, uma das frentes mais importantes e desafiadoras nessa jornada de reinvenção da velhice. Torna-se primordial, assim, a realização de investigações que não só possibilitem debates que contestem práticas etaristas e proporcionem uma conscientização social, como também compreendam e demonstrem as expressões das identidades da população idosa e a sua construção de pertencimento a determinado grupo ou à sociedade como um todo.

Diante das mudanças socioeconômicas que se deram desde o século XVIII no Ocidente, houve uma depreciação da velhice em decorrência dos novos modos de produção, os quais passaram a interferir nos espaços sociais quando a valorização e a inserção individual na sociedade passaram a ser validadas diante da força de trabalho de cada um (Barbieri, 2012). Assim, como conta a autora, as pessoas idosas começaram a enfrentar uma desvalorização social por não trabalharem, não obstante sua aposentadoria ser fruto de um direito legal conquistado não apenas pela idade, como também por anos de, justamente, trabalho e produtividade — ainda assim, o “estar aposentado” é em geral associado a algum tipo de ociosidade. Aliás, ainda segundo Barbieri (2012, p. 118), “vale lembrar que o termo aposentar quer dizer: retirar-se para os aposentos, evidenciando a ideia de ociosidade. Quase sinônimos, velhice e aposentadoria passaram a ser caracterizados pela inatividade e pela pobreza”.

Não bastasse essa descredibilização associada ao âmbito profissional, que ao mesmo tempo limita as oportunidades de trabalho aos idosos no mercado, por estarem “ultrapassados”, “desatualizados” ou serem “mais lentos” para desempenhar funções que exijam familiaridade tecnológica, são inúmeras outras as discriminações exercidas diariamente para com eles. É o caso quando pessoas idosas são segregadas e desmoralizadas em convenções sociais ou familiares, em falas vexatórias, quando são chamadas de “gagás”, “senis”, ou “velhas demais para isso” numa nítida utilização pejorativa dos termos com a intenção de ofensa.

Essas caracterizações pessoais e profissionais pelas quais passam os idosos os apresentam como uma alteridade, isto é, deixam de fazer

parte do grupo de referência e passam a ser o Outro. Deve-se lembrar de que os sujeitos desta pesquisa já não eram identidades dominantes, em função da classe social da qual fazem parte, o que agrava ainda mais o processo de segregação. Não fazem parte do Nós da sociedade e do seio familiar, tal como conceituado por Landowski (2012) em *Presenças do Outro*. Na mesma obra, ele menciona justamente a segregação sofrida por essa população:

[...] do mesmo modo que antigamente toda aldeia tinha seu “idiota”, as famílias hoje têm seus velhos e a sociedade seus grandes enfermos: claro, eles são mantidos meio à parte, mas daí a relegá-los uns à casa de repouso, outros ao asilo ou ao “hospital para aidéticos”, resta um passo decisivo a dar, que para muitos não é sequer concebível. Embora haja modos e modos de separar e de “segregar” e uns possam parecer-nos mais inofensivos, outros francamente bárbaros [...], todos eles manifestam, em profundidade, aquela mesma ambivalência que tentamos caracterizar entre impossibilidade de assimilar e, portanto, de tratar o Outro realmente “como todo mundo” – e recusa de excluir [...] (Landowski, 2012, p. 17).

Muitas empresas já estão atentas a essa problemática e desenvolvem estratégias para combater o preconceito em relação ao idoso. Conforme reportagem publicada no Valor Econômico, por exemplo, ao retratar o etarismo como tema na agenda da diversidade, “a conclusão do estudo é que, com o desenvolvimento demográfico e aumento da expectativa de vida da população, ao adotar políticas de diversidade que incluem a idade, as empresas ajudam a promover uma força de trabalho multigeracional e inclusiva para o futuro” (Marcos, 2023).

A inclusão do idoso no ambiente de trabalho pode oferecer, além da diversidade, como aponta Beauvoir (2018) em sua pesquisa, diversas

qualidades que pessoas idosas tendem a possuir: pontualidade, atenção concentrada e vigilante, boa vontade, disciplina, prudência, paciência e acabamento da tarefa. Ainda que não seja necessariamente fácil para essa população se adaptar às mudanças, existem ganhos relevantes advindos do seu trabalho. Segundo destaca Dino (2023), “é importante analisar os pontos fortes e fracos de cada geração e combinar as diferenças de forma estratégica para realizar a melhor distribuição de tarefas. Isso vai manter os colaboradores engajados e a produtividade em dia”.

Exemplo dessa dificuldade é retratado até mesmo na mídia e no cinema, como representado em *Um Senhor Estagiário* (2015). No filme de 2015 dirigido por Nancy Meyers, Anne Hathaway interpreta Jules Ostin, a criadora bem-sucedida de um *site* de vendas de roupas, e Robert De Niro é Ben Whitaker, um idoso, viúvo, cuja vida ele mesmo entende ser “sem graça”. Quando a empresa de Jules inicia um projeto de estágio voltado à integração dos idosos à vida ativa, Ben enxerga uma oportunidade no estágio para mudar sua vida. Ao longo do filme, apesar de um forte conflito geracional entre eles, os personagens de Hathaway e De Niro estabelecem uma amizade (Motta, R.; Corá, 2019).

Debates a respeito do (combate ao) etarismo e pesquisas voltadas aos aspectos sociais e psicológicos relativos ao envelhecimento têm sido cada vez mais empreendidos, voltados tanto a nutrir importantes discussões sobre práticas mais saudáveis na tratativa do envelhecimento quanto a proporcionar conscientização e desmistificação de possíveis preconceitos enraizados e manifestados em falas e atitudes etaristas. Dentro desse contexto, os bailes de idosos têm um papel muito importante para fazer com que os frequentadores possam se sentir parte de algo e construir sentido nas suas próprias vidas, pois, quando eles se reconhecem nos demais e passam a ter uma rotina de atividades na qual o encontro e o afeto possam existir, esses idosos sentem-se vistos e valorizados. Assim, suas vidas podem ser ressemantizadas pela dança, pela música e pelo afeto proporcionado pelos encontros semanais

no baile. Em vez de reféns de uma vida vazia e entediante, eles se tornam protagonistas de seu processo de envelhecimento.

Ao recuperar uma das obras da qual nos utilizamos neste capítulo, em *Longevidade no cotidiano*, Tavares (2020) convida a uma necessária reconceptualização e reinvenção do que se entende por “envelhecimento”. Ao expor que a própria geração acima de 60 anos (os chamados *baby boomers*, assim denominados por terem nascido após o desfecho da Segunda Guerra Mundial) colaborou para a construção de um culto à juventude quando estes próprios eram jovens, a autora entende que a essa mesma geração cabe desmistificar algumas construções negativas sobre o envelhecimento, assim como o fazem constantemente fazendo-se ser e estar em seus espaços de direito.

Aliás, ao mesmo tempo que envelhecem, os agora idosos dessa geração acabam envolvidos em sua própria “armadilha” e por vezes buscam ser “artificialmente jovens”, submetendo-se a intervenções estéticas e procedimentos cirúrgicos. Porém, muitas vezes, essas pessoas apenas retardam o envelhecimento, como frequentemente observado em celebridades — um exemplo midiático recente foi o caso da cantora Madonna, que, extremamente popular desde sua juventude na década de 1980, compareceu ao Grammy de 2023 e foi alvo de comentários maldosos e etaristas (Souza, 2023).

Por óbvio a responsabilidade desse movimento de desconstrução de um pensar coletivo deve ser compartilhada por toda a sociedade, inclusive (e talvez principalmente) por aqueles que entendem que essa pauta não lhes diz respeito por estarem distantes dessa realidade, por ainda serem jovens — pensamento esse que chega a ser infundado, haja vista que existe o estabelecimento de uma nova narrativa sobre a velhice e o envelhecimento, que é um legado fundamental para as futuras gerações, na qual cada vez mais os idosos serão decisivos também em sua contribuição para a força de trabalho. Diante disso, Tavares (2020, p. 13) alerta: “não caia na armadilha de achar que o assunto não lhe diz respeito porque parece estar distante do seu horizonte. Na

verdade, começamos a envelhecer no momento em que nascemos. Todos os que temos sorte chegaremos lá e é fundamental que comecemos a praticar o quanto antes”.

A autora orienta ainda diferentes esforços voltados à contribuição social no combate ao preconceito com idosos e à percepção negativa atribuída ao envelhecimento. Tavares (2020) propõe que, primeiro, é importante tomar consciência de que essa discriminação existe e, diante disso, posicionar-se contra ou impedir qualquer manifestação do gênero, exigindo-se respeito — seja a si próprio, quando vítima desse preconceito, seja ao outro, quando testemunhar-se uma prática discriminatória. Esse ponto demanda atenção, pois, “sobre tais bases”, “o *status quo* de desigualdade pode até adquirir uma espécie de legitimidade, não só do ponto de vista do grupo que o impõe, mas também aos olhos dos próprios indivíduos que são submetidos a ele, as vítimas se transformando, quer queira, quer não, em quase cúmplices” (Landowski, 2012, p. 19).

Ao se constatar algumas das medidas instituídas por órgãos nacionais e internacionais, como fizeram o Ministério da Saúde e a própria ONU, a autora também reforça que o apoio dessas instituições é fundamental, assim como se faz primordial o papel da legislação nesse cenário. Nas palavras de Tavares (2020, p. 140), “boas leis mudam opiniões e comportamentos”, como é o caso do Estatuto do Idoso, que tem se mostrado eficaz, mas que pode se expandir ao combate de problemas contemporâneos, tal qual o estereótipo de que idosos são ineficientes no mercado de trabalho.

No mais, além do próprio ambiente de trabalho, onde as frentes se concretizam e são postas em prática, outras proposições da jornalista abrangem: a cobrança da população ao governo para que sejam criadas ações efetivas; o convívio intergeracional, voltado à diminuição da intolerância entre os mais jovens com os mais velhos; e o combate à concepção de que o envelhecimento está associado à saúde decadente — “quanto maior for o avanço para termos idosos ativos e saudáveis, mais chances de desconstruir a imagem negativa que acompanha a velhice” (Tavares, 2020, p. 141).

A respeito desses cuidados com a saúde e sobre a atual realidade que os idosos têm protagonizado, no livro *A invenção de uma bela velhice*, a antropóloga Mirian Goldenberg (2022) compartilha ótimos relatos de pessoas a que chama de “seus novos amigos”, todos com idade acima de 60 anos e, em sua maioria, até mais de 90. Segundo eles revelam, “a velhice pode ser uma fase repleta de beleza e de projetos de vida”, afinal “não se aposentaram da vida: todos valorizam a liberdade, buscam a felicidade e cultivam a amizade” (Goldenberg, 2022, p. 22).

E, então, se essas diversidades estão vivendo suas idades com liberdade, divertindo-se, estudando, trabalhando, tocando instrumentos musicais, praticando atividades físicas, saindo para dançar, perpetuar o pensamento de que pessoas mais maduras são limitadas e incapazes não passa de um estigma estereotipado, equivocado, em resumo, etarista. Isso é, aliás, o que a segregação pode causar em última instância se não for contraposta por outras práticas sociais. Uma citação feita por Barbieri (2012, p. 119) sobre uma fala de Lygia Fagundes Telles vale para esse momento: “Não gosto de envelhecer, não tem nenhuma compensação, mas para você não envelhecer, tem de morrer jovem; eu não queria morrer jovem. É uma questão da vida, não adianta arrancar os cabelos. É preciso cumprir a trajetória que me foi destinada até o meu fim”.

IV. O discurso sobre o baile e seus frequentadores

De maneira a não apenas tomar-se conhecimento de demais investigações sociossemióticas correlacionadas ao interesse aqui definido, como também assegurar o ineditismo desta pesquisa semiótica, foi realizado um levantamento na plataforma Google Acadêmico² para o desenvolvimento do estado da arte. Num primeiro momento, de modo a encontrar demais estudos voltados ao *Baile da Melhor Idade* realizado no Parque da Água Branca, numa busca pelas palavras-chave

combinadas “Baile da Melhor Idade” + “Parque da Água Branca”³, não se obteve qualquer resultado. Diante disso, realizou-se uma nova pesquisa com outra possível denominação para o mesmo evento⁴: “Baile da Terceira Idade”. A partir desta combinação, “Baile da Terceira Idade” + “Parque da Água Branca”, o buscador acadêmico retornou quatro resultados, os quais serão resumidos a seguir.

Prontamente observou-se que os dois primeiros resultados correspondiam a pesquisas complementares, das mesmas autoras, publicadas em dois congressos diferentes. A primeira pesquisa resultante na busca, intitulada “A terceira idade frente aos desafios impostos pela tecnologia: a necessidade do aprendizado para um uso ético e seguro”, foi proposta por Solange Barros e Paula Leite (2019) na 18ª Conferência Iberoamericana em Sistemas, Cibernética e Informática. Nesse estudo, elas empreenderam uma pesquisa de campo com 76 idosos frequentadores do Baile da Terceira Idade do Parque da Água Branca com o intuito de compreender a frequência de utilização de *smartphones* por essa população e as maiores dificuldades enfrentadas por ela. Diante de uma análise quantitativa, as autoras constataram

2

Pesquisa realizada em 5 de abril de 2023.

3

Os termos foram registrados entre aspas para a obtenção de resultados exatos. A combinação estratégica de uma palavra-chave à outra, registradas entre aspas, visou à economia de resultados em vista de providenciar o descarte imediato de trabalhos que se utilizassem das palavras isoladamente. Por exemplo, buscar o termo “Parque da Água Branca” sem a demarcação por aspas leva a resultados das palavras isoladas, no caso “parque”, “água” e “branca”. O mesmo ocorre se o termo “Baile da Melhor Idade” for registrado sem essa demarcação, o que resulta em pesquisas que registram simplesmente as palavras “baile”, “melhor” e “idade”, sem necessariamente estarem no mesmo contexto.

4

Apesar de que, segundo o *site* oficial responsável pelo parque, o nome em definitivo do evento seja “Baile da *Melhor Idade*”, pressupôs-se haver essa possível variedade terminológica sinônima, a certo nível igualmente válida, para denominar-se o evento, o que se comprovou diante dos resultados retornados em nova pesquisa. Tão somente para a contextualização dos estudos encontrados no estado da arte, será reproduzida a nomenclatura optada por aqueles pesquisadores — Baile da *Terceira Idade*; ao longo de todo o restante desta dissertação, será padronizada e empregada a denominação atribuída oficialmente pelo Instituto da Melhor Idade: *Baile da Melhor Idade*.

as habilidades dos idosos e os tipos de uso empreendidos em seus *smartphones*, assim como constataram demais problemas enfrentados pela população idosa nessa interação direta com a internet a partir de seus celulares, como a vulnerabilidade a golpes cibernéticos, a propagação de notícias falsas e a exposição de seus dados pessoais.

O segundo resultado, referente a uma pesquisa também daquelas pesquisadoras, correspondeu ao estudo “A terceira idade frente aos desafios impostos pela tecnologia: um protótipo de aplicativo para aprendizado e uso da informática” (Leite; Barros, 2020), apresentado à 72ª Reunião Anual da SBPC. A partir da mesma pesquisa de campo realizada em 2019, com os 76 idosos que frequentavam o Baile da Terceira Idade no Parque da Água Branca, as pesquisadoras identificaram as principais dificuldades enfrentadas por eles ao utilizarem *smartphones*. Diante dos dados alcançados, dando continuidade a seu primeiro estudo, as autoras propuseram um protótipo de aplicativo voltado aos desafios constatados pelos entrevistados com o objetivo de facilitar a adaptação desse público à tecnologia de aparelhos móveis.

Em seguida, o terceiro estudo identificado no levantamento do Google Acadêmico dizia respeito a um projeto de pesquisa apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Cruzeiro do Sul, de autoria de Cássia Almeida Cruz (2018). O estudo, sob o título “Estudos sobre idosos e seus desafios pela emancipação na era digital”, visou a compreender as dificuldades desempenhadas pelos idosos ao manusearem seus celulares e teve como intuito sensibilizar e conscientizar a comunidade científica quanto ao impacto da tecnologia e à importância da inclusão digital para a população idosa, afinal a interação on-line também é parte da vida social do idoso.

Finalmente, o quarto e último resultado relativo ao mesmo conjunto de palavras-chave levou à dissertação da mestrandia em Música Kátia da Conceição (2013), que intitulou sua pesquisa “Música e idosos: a relação ensino/aprendizagem em três oficinas de música na cidade de São Paulo”. Apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Música do

Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), o estudo investigou o desenvolvimento das atividades, do ensino musical e das relações estabelecidas em três oficinas de música realizadas na Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da UNESP, na UNATI da Universidade de São Paulo (USP) e no SESC Consolação. Ao longo do desenvolvimento da dissertação, quando analisa a oficina “As experiências de ouvir música” da UNATI/UNESP e busca compreender a sua baixa procura — entre os motivos, estariam a falta de divulgação do curso e o horário em que a oficina é ministrada, por exemplo —, a autora constata haver diversos outros programas mais consolidados para o público idoso na mesma região paulista, entre os quais ela cita o Baile da Terceira Idade do Parque da Água Branca.

Assim, apesar de apresentarem palavras-chave que condizem às da presente investigação, as quatro pesquisas distintas foram descartadas por incompatibilidade a este estudo, uma vez que não convergiam ao escopo desta dissertação.

Num segundo momento complementar, quando simultaneamente procuradas no Google Acadêmico todas as palavras-chave que interessam a este estudo (“Baile da Melhor Idade” + “Parque da Água Branca” + “corpos vestidos” + “alteridade” + “sociosemiótica”), o buscador não retornou quaisquer resultados. Ambos os levantamentos propiciaram sua devida relevância para o desenvolvimento do estado da arte e demonstraram, por fim, não haver trabalhos prévios que se propuseram a um objetivo semelhante tal qual o desta dissertação, constatando-se, assim, esta possível lacuna a ser preenchida nos estudos sociosemióticos a respeito da compreensão dos idosos — e suas identidades — no *Baile da Melhor Idade* oferecido no Parque da Água Branca e de como suas diferenças manifestas participam das interações sociais no referido evento.

Considerando-se essa importante discussão a respeito de uma visão coletiva e social sobre envelhecimento e tendo em vista o atrativo evento feito para e frequentado por esse público, o problema que esta dissertação busca responder é: como o encontro para dançar pode ser uma

escapatória da rotina e, assim, ressignificar a vida que os frequentadores do *Baile da Melhor Idade* levam na megalópole de São Paulo?

Justificado na compreensão da diversidade dos corpos vestidos identificados e como esse fenômeno abarca diversos sujeitos com características socioeconômicas e culturais particulares, manifestas no evento e também em seus desdobramentos de ordem midiática e nas redes sociais, o objetivo geral deste estudo é compreender como as alteridades são expressas por meio da dança dos corpos vestidos, dos modos de estar e de interação e como elas organizam a construção do pertencimento ao grupo do qual participam.

A pesquisa é orientada ainda por dois objetivos específicos, a saber: i) fazer um levantamento dos discursos expressos nas roupas e nos modos de vestir e estar dos sujeitos investigados com o propósito de examinar e categorizar as manifestações da alteridade, conforme os regimes tratados por Landowski (2012): assimilação, exclusão, admiscção e segregação; e ii) mapear os regimes de interação e sentido, a saber: programação, manipulação, ajustamento e acidente a partir dos quais identidades e alteridades são constituídas.

De modo a identificar como a diversidade em relação aos corpos vestidos pode acontecer, algumas hipóteses serão testadas nas análises semióticas ancoradas na sociosemiótica. Essas são as de que: i) apesar do controle prescritivo, da aparência e dos modos de agir, o ambiente de música e de dança promove horas de descontração que devolvem lembranças e motivam estados de vida eufóricos aos frequentadores; ii) a sociabilidade descontraída é um tempo marcado por uma ruptura ressignificante do viver desgastante dos frequentadores, que se estende nas atividades rotineiras e programadas e nas estratégias de vida; iii) com seus ritmos variados e marcados por uma presença na cena musical, a música ao vivo conduz as pessoas a muito mais do que estruturar um contrato de adesão, levando-as à entrega e ao envolvimento na ambiência socializante do baile; e iv) o papel de músicos e cantores que animam o baile contribui para a construção do sentido daqueles que participam do evento e o visitam para dançar e confraternizar.

A fim de compreender e investigar as interações dos idosos, que são demonstradas pelas roupas, pelas poses, pelas posturas, pelos posicionamentos, pelos gestos e pelos modos de dançar e de conversar, enfim, a hexis assumida nas interações dos frequentadores do evento a partir da sociossemiótica, foram realizadas visitas ao salão do baile do Parque da Água Branca. Partindo-se do pressuposto semiótico quanto a uma imagem configurar-se como um todo de significação (Greimas; Courtés, 1979), que se constrói a partir das relações entre as suas partes e entre estas com o todo, passa-se para o desenvolvimento do *corpus* deste estudo.

Buscou-se delimitar o *corpus* de maneira a constituir um recorte que fosse ao mesmo tempo econômico e representativo do objeto de estudo, nos moldes do que postula a teoria semiótica. Para isso, durante 2023, estabeleceu-se como objetivo a observação de 20 edições do baile, nas quais as principais impressões foram registradas em um diário de bordo. Para apoiar as análises, foi constituído um conjunto de fotografias registradas nessas visitas técnicas, além de vídeos gravados nos mesmos eventos. Durante as visitas, conversou-se com frequentadores e organizadores e foram tomadas notas destas conversas no diário. Os bailes visitados foram realizados tanto às terças quanto às sextas-feiras (quando as edições do evento ainda aconteciam nessas datas durante o primeiro semestre de 2023) e, posteriormente, também às terças, às quintas e aos sábados (após a ampliação das edições no segundo semestre de 2023).

Em seguida, as fotografias passaram por um processo de curadoria (em que foram eliminadas fotos duplicadas ou desfocadas), assim como foram escolhidas as melhores fotos para contemplar as análises da pesquisa. No Apêndice A, foi inserido o roteiro de observação de campo para a redação do diário de bordo.

Sendo esta uma pesquisa semiótica, para o desenvolvimento da análise, o principal aporte teórico-metodológico advém das contribuições da semiótica discursiva de Algirdas J. Greimas, enfocando-se os des-

dobramentos sociossemióticos de Eric Landowski quanto aos regimes de interação, sentido e risco e manifestações de alteridade, assim como o estudo da plasticidade do plano de expressão de Jean-Marie Floch e os desenvolvimentos de Ana Claudia de Oliveira.

Espera-se, assim, no espaço do baile, ampliar o debate sobre o “fazer-se ser” das pessoas idosas nesse espaço quanto à compreensão dos efeitos de sentido expressos pelos corpos vestidos de acordo com o baile frequentado. Ademais, espera-se que essa discussão possa reverberar em outros espaços de forma a se pensar sobre a possibilidade de pessoas idosas tornarem-se destinadoras de si mesmas e protagonistas capazes de tomar decisões sobre suas vidas e, assim, causar impacto no seu entorno, além de problematizar as limitações sofridas por essa população em função dos preconceitos sofridos.

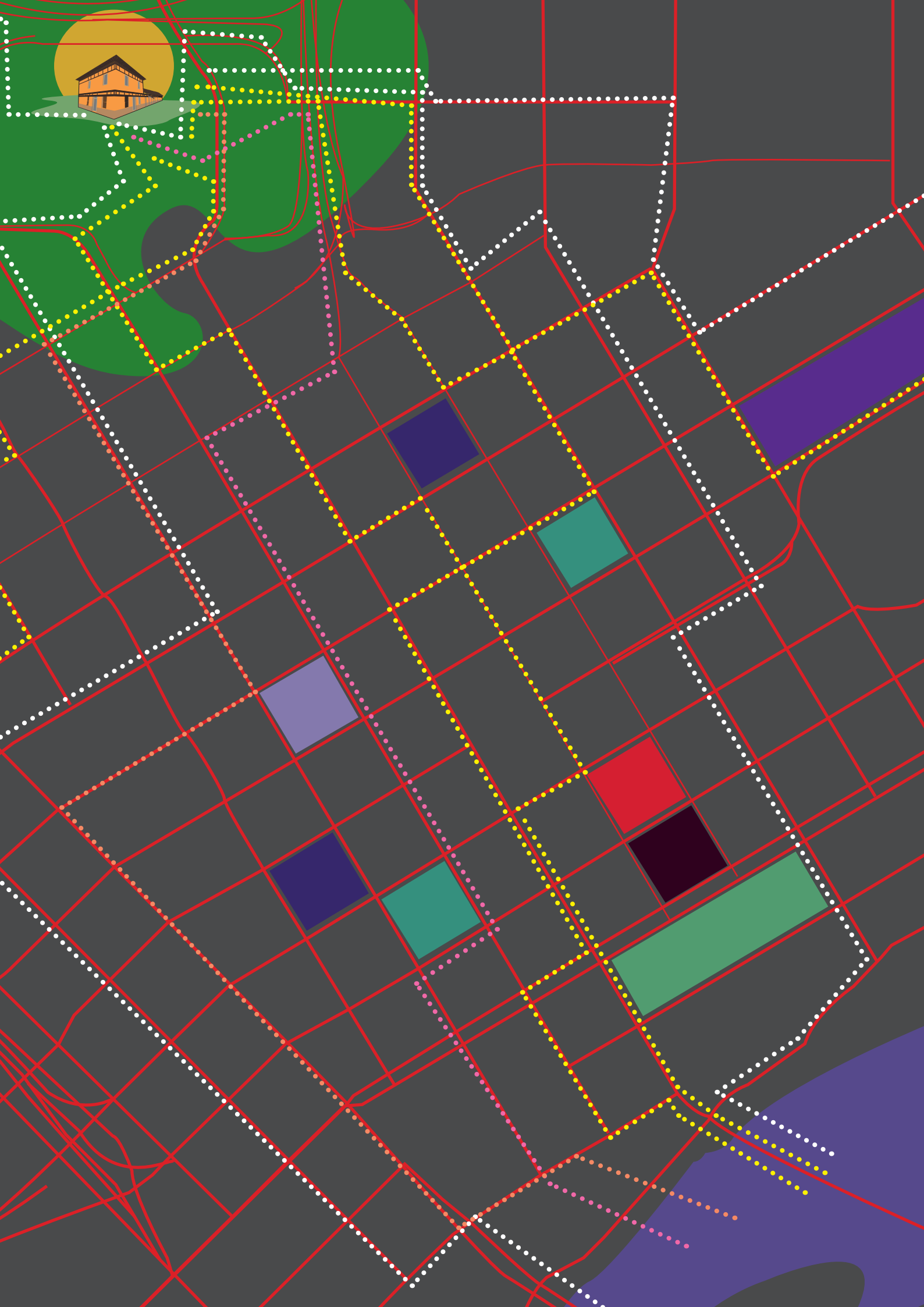
Visto que este estudo busca chegar às categorias, tipificar os regimes de interação, sentido e risco a partir de, entre outras, as vestimentas utilizadas pelos idosos, esta pesquisa parte ainda de um entendimento já estabelecido na literatura a respeito da importância do vestuário através do fenômeno denominado “*enclothed cognition*”, ou cognição do vestuário (Adam; Galinsky, 2012). A pesquisa sugeriu o quão importante é o vestir-se para a autoimagem da pessoa — segundo S. Motta e Rabello (2021), apesar de as roupas não representarem a integralidade do indivíduo, elas têm poder sobre quem as veste.

Finalmente, deve-se colocar que o parque possui características únicas, muito diferentes do que se poderia esperar — notadamente rurais — e que, ao longo da pesquisa, passaram por modificações por sua vez relevantes, devido a este estudo utilizar-se de uma semiótica da situação, na qual o contexto de sua apreensão se dá no ato de sua ocorrência. Notadamente, com a concessão da administração do parque para a iniciativa privada, o caráter rural vem sendo transformado a ponto de caracterizar uma fratura (Greimas, 2017). Por exemplo, as aves que viviam livres no parque hoje estão confinadas a uma área restrita. O próprio *Baile da Melhor Idade*, assim como a feira de produtos orgâ-

nicos que lá ocorre, que são atividades com cunho social, podem não interessar à concessionária por não serem frequentados por uma população com potencial de consumo significativo.

Tecido este texto introdutório, este estudo está estruturado em cinco partes, a começar por estas considerações iniciais, dedicadas ao contexto do objeto de estudo e ao problema de pesquisa identificado. Em seguida, o capítulo 1 se volta ao contexto e às particularidades do Parque da Água Branca em estudo — de sua inauguração em 1929 às suas atividades atuais. Já o capítulo 2 apresenta e realiza as análises semióticas do *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca, ao focar os sentidos sensíveis e inteligíveis do *Baile da Melhor Idade* (percorrendo o estar naquele espaço e suas partes). Após, o capítulo 3 se volta ao dançar, à música e à contribuição do vestir — neste momento, a teoria sociossemiótica serve de suporte para analisar um evento em que o idoso transcende em seu vestir, manifesta-se em seu agir. Para tanto, esta seção percorre a amplitude contextual do *corpus* pesquisado para então focar-se o *Baile da Melhor Idade* e compreender-se os seus frequentadores e, por extensão, suas identidades e alteridades manifestadas a partir de suas roupas, seus gestos e suas poses. Finalmente, este estudo é encerrado com as considerações finais, em que são retomadas as principais contribuições esperadas e sugeridos possíveis desdobramentos futuros.





1. O parque da Água Branca e o trajeto das entradas ao Baile

Ao traçar um retrato da capital paulista, Bueno (2014, p. 31) compreende São Paulo como “uma cidade de múltiplos discursos que pretendem defini-la, explicá-la, criticá-la ou entendê-la”. A megalópole é constituída por centros financeiros, turísticos e culturais atravessados por trabalho e lazer, por oportunidades e desigualdades. Diante das inúmeras pluralidades que compõem São Paulo, mais especificamente a nível de sua presença e importância econômica, cultural e social, a cidade reúne inúmeros espaços formados por museus, galerias de arte, instalações artísticas, cinemas, teatros, livrarias e parques. A variedade de lugares para estar, para ver e ser visto, é tão diversa quanto o público que procura por essa São Paulo eclética, que consegue oferecer um pulso elétrico ou desacelerado, que pode ser moderna ao mesmo tempo que é histórica. A metrópole recortada por vias congestionadas entornando conglomerados de edifícios é também pontilhada por diversas áreas verdes, que podem consistir em reservas naturais, espaços arborizados, jardins botânicos e parques, por exemplo. Faz parte deste cenário o Parque da Água Branca (Secretaria Especial de Comunicação, 2023).

1.1 Um pedaço da São Paulo rural no coração da megalópole

Ao entrar no parque, o visitante que não o conhece fica espantado com o local (figura 3) — e, ao conhecê-lo e contemplar a configuração do lugar, aquele passa a ser um espaço sempre importante para quem o adentra. Este, no qual o objeto de estudo está inserido, tem uma relevância histórica. Seu nome oficial é “Parque Doutor Fernando Costa”, em homenagem ao então Secretário de Agricultura que o fundou em 1929, mas o local ficou popularmente conhecido por “Parque da Água Branca”, em razão do bairro em que está localizado. Em 1996, o parque foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) como patrimônio cultural, histórico, arquitetônico, turístico, tecnológico e paisagístico (Magalhães, 2021). Em 2022, o parque teve sua administração concedida à iniciativa privada, o que ocasionou um conflito complexo entre o público e o privado.

Em certo momento de sua história, o local chegou a ser uma escola voltada ao desenvolvimento de pesquisas nas áreas de agropecuária e agricultura no Estado de São Paulo (Araújo, 2016) — isto motivou iniciativas para promover seu caráter rural, como abrigar os mencionados patos, galinhas e pavões, para citar alguns de seus “moradores ilustres” em plena região central da capital. Contrapondo-se a esse “jeito de roça”, o parque guarda também construções cuja arquitetura foi inspirada na região francesa da Normandia, prédios esses que já sediaram alguns cursos oferecidos pelo Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo (Araújo, 2016; São Paulo, 2013). São sólidas, amplas, porém demonstram o desgaste do tempo em sua pintura e conservação. A primeira impressão de estranhamento só aumenta quanto mais adentra-se o espaço, que oferece experiências únicas, como a exibição de cavalos, que participam de exposições e eventos. Esse clima rural é diferente do que se encontra em outros parques paulistanos.

FIGURA 3

Entrada do Parque da Água Branca pela Avenida Francisco Matarazzo, com o busto do Dr. Fernando Costa à frente e, ao fundo, a sede do parque, com estilo normando e projeto de Mario Whately. O gramado está repleto de aves que convivem em perfeita sintonia com o ambiente.

Fonte: Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística, 2019.



É situado na Água Branca (distrito da Barra Funda), um bairro tradicional e de classe média na Zona Oeste de São Paulo. Toda a região é de fácil acesso tanto por transporte público (em função da proximidade do Terminal Barra Funda — há linhas de metrô, trem e ônibus que transportam passageiros até a região) quanto privado. Segundo a página oficial do Metrô de São Paulo (Governo SP, 2009), o terminal iniciou sua



FIGURA 4

Mapa geográfico que destaca a localização do Parque da Água Branca, em proximidade do Terminal Barra Funda e da Avenida Francisco Matarazzo, que são os principais meios de acesso para aqueles que visitam o parque.

A linha tracejada com marcações representa o caminho que a maioria dos frequentadores faz do metrô Barra Funda até o Baile, percorrendo 1,21Km.

Fonte: A autora a partir da ferramenta on-line Google Maps, 2023.

operação em 1989. Atualmente possui uma área de 17.700 metros quadrados e recebe cerca de 40 mil usuários por dia. Suas dimensões o tornam o maior terminal intermodal do sistema, interligando metrô, trens de subúrbio e de longa distância, além de ônibus urbanos e interestaduais. Essa disponibilidade de meios de transporte torna o Parque da Água Branca um lugar no qual é possível que visitantes vindos de todas as regiões de São Paulo possam usufruir de suas instalações e atividades oferecidas (figura 4). Ele se torna um local de interações entre múltiplas alteridades, que só são possíveis por ser um parque e por sua acessibilidade. A esse respeito, segundo Thrall e Jardim (2014, p. 103), “nos parques esta interação se dá de maneira mais livre do que nos equipamentos (como museus e centros culturais) justamente pela gratuidade de seu acesso e das atividades que aí se desenrolam”, tais quais “cursos [...], práticas coletivas de esporte e de dança, saraus, shows, exposições, apresentações teatrais, entre outros”.

Nota-se ainda que a região apresenta muitas e variadas opções de lazer em seus bairros vizinhos — como o Teatro da Universidade Católica (TUCA), o Espaço Unimed e o Allianz Parque — e tradicionais instituições de ensino — como a PUC-SP, a Uninove, o Colégio Batista Brasileiro e o Colégio Santa Marcelina. Ali encontra-se também uma boa infraestrutura de centros comerciais, como o Shopping West Plaza e o Shopping Bourbon, além de comércios de rua, enquanto, em termos de habitação, seus moradores residem principalmente em edifícios que foram construídos a partir do século XX. Ainda que existam moradores que habitam casas e sobrados, é pertinente frisar que se trata de uma região que passa por um acentuado processo de verticalização em décadas recentes, o que demandará estudos sociossemióticos dedicados para contemplar esta nova problemática que está causando amplos impactos socioeconômicos e culturais.

Assim como a região, o parque vem passando por transformações. Logo na entrada e por todo o parque, quando esta pesquisa teve início, cis-cavam, por entre as árvores centenárias, galos, galinhas e seus pintinhos, que, soltos, não demonstravam qualquer medo das pessoas e dos inúmeros gatos que lá também residem. Sua tranquilidade contrastava com o trânsito das avenidas e ruas dos arredores. Além dos galos, galinhas e até mesmo pavões que também residiam soltos por ali, ao avançar pelo parque, logo nos primeiros lagos por onde nadam peixes e tartarugas, podiam ser observados patos nadando tanto por ali quanto pelas poças que se formavam no local após chuva mais intensa. Era uma oportunidade rara dentro da cidade, para os frequentadores, em especial as crianças, terem contato e interagir com a natureza e com os animais — inclusive, foi também essa experiência sensível vivenciada no parque que motivou a realização desta pesquisa (figuras 5 e 6).

FIGURA 5

Pavão, um dos moradores ilustres do Parque da Água Branca, em cima de uma plataforma de uma das edificações, circulando livremente pelo local, quando esta pesquisa teve início. Um momento de deslumbramento era presenciar quando um pavão macho abria seu leque de penas para cortejar uma fêmea. Percebe-se o mau estado de conservação e a falta de manutenção da edificação.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



FIGURA 6

Galinha e seus pintinhos no Parque da Água Branca no primeiro semestre de 2023, quando esta pesquisa teve início e eles ainda viviam livres, circulando entre os frequentadores e outros animais que ali moravam. Detalhe da vegetação que nasceu e se desenvolveu de forma espontânea, ou seja, não programada pelos administradores do local. Sua não intervenção permitiu que as plantas se desenvolvessem de forma ajustada e harmônica com o ecossistema.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



1.2 Conflitos e desafios na gestão do Parque da Água Branca

Hoje a realidade é outra. Houve o surgimento e a expansão de concessionárias privadas que passaram a administrar os parques. Estas são empresas especializadas que deveriam cuidar e preservar as suas estruturas, assim como desenvolver atividades a serem oferecidas ao público frequentador. Esta participação das empresas privadas na gestão dos parques pelas concessões teve início em 2019, quando João Doria Jr. era o prefeito de São Paulo, e foi ampliada pelo seu sucessor, Bruno Covas. A exemplo, o primeiro parque a ser gerido desta forma foi o Parque Ibirapuera; hoje, já são onze parques com gestão privatizada, além do complexo do Zoológico de São Paulo (Altino, 2022). O motivo declarado para esse processo de privatização, no qual o poder público delega a responsabilidade de cuidar dos parques ao poder privado, seria o receio de deterioração dos locais. Thrall e Jardim (2014, p. 108) argumentam que

[...] equipamentos públicos aparecem hoje investidos de uma disforia que parece irreversível, na qual o perigo de assaltos (e estupros), a sujeira, a falta de manutenção e a corrupção de tudo aquilo que é público, coletivo sobrepuja qualquer benefício que possa haver nestes lugares. Esta crença popular na impossibilidade de uma regeneração desta coletividade impede qualquer luta por investimento nesta forma de cidade e aqueles que lutam por ela são, muitas vezes, calados pela própria população que se alia aos interesses corporativos.

Para Landowski (2012), o que justifica a instalação de todo esse dispositivo disfórico é a necessidade de controlar os fluxos que vêm do exterior, ou seja, as alteridades ali presentes, que poderiam perturbar o

equilíbrio da identidade dominante e a ordem do local. Com isso, almeja-se retirar as marcas do Outro que estavam presentes antes da concessão e, assim, atingir um estado estável e pretendido para que o Nós, residentes do entorno, sinta essa sensação de segurança, frequente ainda mais o parque e finalmente dê retorno econômico à concessionária.

Acontece que, cada vez mais comuns, os planos de privatização do governo de São Paulo são alvos de debate. Se, por um lado, os defensores das parcerias público-privadas alegam a possibilidade de otimização de recursos e ampliação de demanda a nível turístico, por outro, existem muitos pontos negativos que devem ser considerados. Destaca-se a falta de preocupação com o fortalecimento ambiental desses espaços e a exploração econômico-comercial dos parques em detrimento da conservação dos ecossistemas ali existentes (Altino, 2022). Infelizmente, após mais de um ano de concessão, assiste-se à falta de manutenção cada vez maior nas edificações e nos espaços de convivência do parque (figuras 7 e 8).

FIGURA 7

Edifício do Parque da Água Branca, tombado como patrimônio histórico, com marcas de depreciação e falta de manutenção, mesmo após a concessão. Prédio apresenta desgaste na pintura, falta de parte do telhado e janelas com vidros quebrados, o que demonstra descaso com o patrimônio público.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



FIGURA 8

Detalhe de edifício do Parque da Água Branca, com desgaste na pintura e porta estourada, com evidência de um estado de abandono e que mostra a falta de manutenção e cuidado por parte da concessionária.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Além desses pontos mencionados, uma preocupação coletiva é a democratização do acesso dos frequentadores com baixa renda, haja vista que a administração privada leva à possibilidade de reajuste de preço dos produtos e serviços oferecidos (Altino, 2022; Durval 2022). Entre as mais recentes concessões feitas ao grupo Reserva Paulista (que é uma das principais gestoras de parques urbanos), este venceu um edital de licitação do governo paulistano em 2022 para administrar três parques públicos: o Parque Villa-Lobos, o Parque Cândido Portinari e o próprio Parque da Água Branca (Durval, 2022).

Essa iniciativa político-econômica vem opondo-se às alteridades instaladas em cada parque. No Parque da Água Branca, por exemplo, as aves já estão confinadas desde o segundo semestre de 2023 e não mais circulam livremente (figuras 9 e 10). É possível que um frequentador sequer saiba em que local elas se encontram, pois não há uma divulgação expressiva do que ocorreu e do pretense motivo — o risco de contaminar as pessoas com a gripe aviária. Os frequentadores do parque, por sua vez, se quiserem adquirir algum produto para consumo, tem de gastar um valor muito acima do que antes da privatização, o que pode vir a ocasionar a exclusão de boa parte deles (Landowski, 2012).

Além disso, outros serviços de maior valor agregado são cada vez mais oferecidos pelas concessionárias, como áreas exclusivas para eventos e atividades específicas, que são cobrados ao público e a possível instalação de restaurante para consumidores com poder aquisitivo elevado (Bini, 2023). Segundo Thrall e Jardim (2014, p. 106), a exclusividade tem um valor eufórico que “[...] pressupõe a exclusão daqueles que não pertencem àquele contexto [...]; o livre acesso é tido com a perda do diferencial destes espaços. A euforia, portanto, é baseada no acesso restrito e não igualdade entre os cidadãos”. São exemplos que indicam que as alteridades, que já são segregadas, podem vir a ser excluídas do ambiente do parque (Landowski, 2012).

FIGURA 9

Aves moradoras do Parque da Água Branca, que viviam livres, eram figuras ilustres do local e faziam com que o parque tivesse uma aura rural. Hoje elas estão confinadas. Percebe-se que há uma superpopulação em confinamento, que causa uma aparência de tristeza e tensão ao circular pelo espaço restrito.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



FIGURA 10

Placa que tenta explicar o inexplicável, justificando o confinamento em função de uma hipotética crise aviária, para o público frequentador do Parque da Água Branca.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Pode-se observar que, apesar da coletividade que hoje frequenta o parque não se posicionar sempre que necessário para defender seus interesses públicos, a sociedade civil demonstra um engajamento crescente com essa pauta. Já existem movimentos organizados para questionar essa situação, dar voz a novas visões de como gerir os parques, inclusive na região na qual o Parque da Água Branca se situa. A Associação Moradores e Amigos de Perdizes (Amora Perdizes), por exemplo, busca transformar o bairro de Perdizes em um local sempre melhor para se viver e está atenta ao que está ocorrendo com o parque, pois tem receio de que o local seja descaracterizado e perca suas características rurais que são tão caras à cidade de São Paulo.

Em vista disso, é muito importante que as associações e os cidadãos leiam os editais e documentos relacionados às concessões para poderem fiscalizar sua correta execução. Por exemplo, deve-se esperar que a Reserva Paulista zele pelo parque, que é um patrimônio histórico, cultural e ambiental de São Paulo.

1.3 Presenças que se destacam no parque: da imperfeição ao sentido sensível

Ao longo de seus 137 mil metros quadrados totais, o parque conta com uma infraestrutura apropriada para a prática de corrida, caminhada e ioga, espaços para equitação/equoterapia, ginástica, dança, leitura e piquenique, além da Praça do Idoso. Outras atrações são o lago de peixes, as construções tombadas como patrimônio histórico, as feiras de artesanato e feiras orgânicas, enquanto se pode preencher a visita também com atividades de educação ambiental, observação de aves, escotismo, contemplação da natureza, visitas à Casa do Caboclo e também o *Baile da Melhor Idade*, que é o objeto desta pesquisa.

No parque quase centenário, todos os visitantes podem realizar a Trilha do Pau-Brasil, uma trilha de dificuldade fácil com extensão de 500 metros, que podem ser percorridos em até 30 minutos. No percurso, é possível contemplar diversas espécies de árvore cujos nomes estão devidamente sinalizados, entender o papel do pau-brasil para a história do país e aprender sobre a importância da mata nativa na preservação ambiental para a própria manutenção da vida.

Quanto aos frequentadores, nota-se a presença de moradores do bairro e dos arredores, que vão até lá para praticar esportes como a caminhada e a corrida. Há também a presença de mães e babás que levam as crianças para brincar ou os bebês para tomar ar fresco e observar os animais, além de pessoas idosas que, muitas vezes acompanhadas por cuidadores, vão tomar sol por lá — como o bairro é composto por muitos prédios, os moradores encontram no parque um agradável local para essa atividade. Muitos também são trabalhadores, que se dirigem desde zonas periféricas até a Barra Funda rumo a seus empregos ali mesmo ou em bairros nos arredores, como o tradicional Perdizes, e que, com isso, optam por atravessar o parque após tomarem um café na calçada da Avenida Francisco Matarazzo para saírem na Rua Ministro Godói. O parque também recebe diversas pessoas de outras regiões até mais afastadas para passar o dia e participar das atividades e dos eventos oferecidos.

Um dos eventos que merecem destaque é a feira de produtos orgânicos (figuras 11 e 12), que acontece no parque desde 1990, todas as semanas, às terças-feiras, aos sábados e domingos, das 7:00 às 12:00 horas. Pessoas vêm de diversos bairros para adquirir os produtos oferecidos direto do produtor.

FIGURA 11

Bancas nas quais os produtores expõem os seus produtos para venda direta ao consumidor final na feira de produtos orgânicos, que acontece três vezes por semana no Parque da Água Branca. Como esses produtos são adquiridos direto de quem os produz, sem intermediários, caracteriza-se uma prática de comércio justo, na qual todos são beneficiados.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



FIGURA 12

Outro ângulo da tradicional feira de produtos orgânicos no Parque da Água Branca.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Próximo à feira, encontra-se a Casa do Caboclo, que, construída em pau a pique em 1999, é uma réplica de uma residência rural do interior e oferece cafés e cavacas (broas de milho assadas na chapa do fogão à lenha). Lá também é o local no qual seresteiros se encontram para tocar músicas caipiras (figura 13). É um encontro intimista, que não é programado pela administração do parque — percebe-se que os participantes se conhecem e têm uma amizade de longa data. Esses momentos são muito importantes para a preservação da tradicional moda de viola, que nasceu no interior do Brasil.

Aos finais de semana, o grupo de escotismo Grupo Escoteiro Tiradentes também realiza suas atividades no parque. Organizadores, crianças e adolescentes, que fazem parte do grupo, encontram-se e praticam atividades específicas da prática escotista. Alguns pais assistem aos encontros dos quais seus filhos participam (figura 14).

FIGURA 13

Seresteiros de moda de viola, com presença importante de mulheres cantoras, no tradicional encontro que aconteceu em um sábado. A maior parte dos cantores e do público presente era formada por pessoas idosas.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



FIGURA 14

Escoteiros reunidos no Parque da Água Branca, em um dia de sábado, no qual estava chovendo. Eles fizeram uma prática de atividades escotistas para se protegerem da chuva e se locomoverem pelos espaços do parque.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Além das atrações anteriormente mencionadas, acontece, como já apresentado, no Parque da Água Branca, o objeto de estudo desta pesquisa, o *Baile da Melhor Idade*, que atrai centenas de idosos semanalmente às terças e quintas-feiras e aos sábados, das 13:00 às 17:00 horas e é promovido desde 1995 pelo Instituto da Melhor Idade — nos capítulos seguintes, o baile será mais explorado.

1.4 Os trajetos pelo parque até a chegada aos galpões do baile

Neste momento, cabe resgatar a complexidade do trajeto que os frequentadores idosos devem fazer para poder chegar até o baile. Segundo se apurou na pesquisa de campo, a maioria deles vem de regiões distantes e periféricas. Não é uma atividade trivial, ainda mais quando realizada por alguém que é idoso e que necessita utilizar transporte coletivo por um percurso longo, que demanda horas do dia para ser concluído. Sendo assim, eles têm de se desdobrar física e emocionalmente para chegar em uma região central como aquela na qual se situa o Parque da Água Branca, interagindo no percurso com pessoas mais jovens, actantes com outras motivações e outros ritmos, economicamente ativos, que estão se deslocando para trabalhar ou para cumprir compromissos variados e que têm um ritmo acelerado em função do contínuo de suas rotinas. Em oposição a estes, que muitas vezes sentem que seu fluxo é prejudicado, estão os idosos — alteridades —, muitos já aposentados, alguns com dificuldade de locomoção e com um caminhar mais lento em relação ao ritmo da cidade. Sobre isso, Landowski (2012, p. 31) reflete:

[...] tratando-se de filosofia política, o Si e seu Outro não poderiam ser considerados de outro modo senão como duas unidades que se defrontam numa relação de simetria e de igualdade perfeitas: em direito,

todo indivíduo é Sujeito inteiro, igual ao outro, seu semelhante, qualquer que seja ele. A coisa é muito diferente [...] [nas] práticas sociais, quando se encaram as relações entre sujeitos em situação.

Nesse plano, as definições apriorísticas de ordem transcendental não bastam mais: superpõem-se a elas ou as substitui a referência a determinações que têm por efeito introduzir entre os sujeitos, transformados em atores sociais, toda a espécie de disparidades que se podem descrever em termos de estatutos, papéis e posições relativas, que interdefinem os indivíduos ou os grupos e os diferenciam uns dos outros.

É um percurso longo, que, ainda que seja gratuito, em função da isenção de pagamento dos meios de transporte público, não é destituído de risco. São demorados trajetos, nos quais os idosos enfrentam potenciais interações arriscadas (Landowski, 2014), seja com pessoas com quem cruzam no percurso (ladroes podem se aproveitar de sua condição física, transeuntes podem esbarrar ou feri-los, por exemplo), seja com a ameaça de serem atropelados por veículos nas ruas, seja ainda com o risco de cair ao caminhar em uma calçada que não foi feita pensando no caminhar do idoso e que está deteriorada pelo tempo e pela falta de manutenção.

Esse risco de acidentes acontecerem é algo presente a cada vez que vão e a cada vez que voltam do baile, sobretudo em uma cidade como São Paulo, uma metrópole que não foi pensada para ser amiga do idoso e assim oferecer as condições necessárias para a qualidade de vida deste público. O acidente (o acaso), conforme Fiorin (2014, p. 9) explora no prefácio da obra de Landowski, “[...] é o modelo que descreve acontecimentos, que, por sua própria natureza, escapam a qualquer determinação”.

A entrada principal do parque se dá pela Avenida Francisco Matarazzo, 455 – Água Branca – São Paulo (SP), enquanto o endereço oficial é na Rua Dona Ana Pimentel, s/n – Água Branca – São Paulo (SP), e seu

horário de funcionamento diário é das 6:00 às 20:00 horas. No total, existem cinco portarias — três abertas ao público e duas apenas para serviço no parque (figura 15). Eles entram no parque em uma das portarias e vão até o galpão de número 15, apresentado no mapa, no qual ocorre o *Baile da Melhor Idade*. Para isso, a maior parte dos idosos desce no Terminal Barra Funda, para em seguida atravessar a Rua Tagipuru, entrar na Rua Salvador Julianelli, cruzar a Avenida Francisco Matarazzo e finalmente chegar no Parque da Água Branca. São 600 metros de caminhada, que um adulto demora cerca de dez minutos para percorrer e um idoso pode levar mais tempo para concluir.

Há ainda aqueles que vêm de ônibus e param no ponto em frente ao Supermercado Sonda, na Avenida Francisco Matarazzo, atravessam a avenida, entram na Rua Dona Germaine Burchard, viram à esquerda na Rua Dona Elisa e acessam o parque pela entrada que se situa nessa rua. Enquanto alguns vêm em grupos ou casais (que se formaram na condução), outros fazem o trajeto todo sozinhos. Ao realizar essas jornadas até o baile, todos os riscos que o idoso passou até o momento serão mais uma vez enfrentados. O acidente está à espreita em cada passo.

FIGURA 15

Mapa interno do Parque da Água Branca, que destaca as partes do parque (entre as quais estão as portarias de acesso) e que indica os trajetos que podem ser percorridos pelos idosos até chegarem ao *Baile da Melhor Idade*.
Fonte: Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística, 2023.



As pessoas que entram pela entrada principal do parque se deparam com o busto do Doutor Fernando Costa, que tem ao fundo um belo jardim e o palacete em estilo normando. Ao entrar no parque, percebe-se uma aparência de relaxamento dos idosos, possivelmente pela sensação

de segurança de estarem em um local fechado e monitorado por seguranças. Seu próprio caminhar fica mais tranquilo; sua postura, mais calma. É como se tivessem adentrado um portal para um local no qual eles saem de um ritmo frenético da cidade e passam para um mais cadenciado. São convidados a deixar para trás o estado de tensão, de frenesi, e passam para um espaço amplo, sem calçadas desuniformes. Sua audição, seu olfato e sua visão são requisitados para outros interesses, como o cantar dos pássaros, o odor das flores e a paisagem dominada pelas áreas verdes. Sentem-se em um espaço dotado de harmonia, que os predispõe a vivenciar o sensível. Eles se sentem acolhidos e sabem que terão momentos de prazer e de desfrute. É como se estivessem preparando seu corpo, que teve momentos de estresse e de tensão nas últimas horas, para a dança que logo acontecerá e que irá oferecer momentos de interação e prazer para aqueles que dela participarem.

Após entrarem, os idosos viram à direita e passam em frente à arena que foi, durante muitos anos, utilizada para exposições de cavalos. Nesse momento, muitos vão ao banheiro, podem até trocar de roupa ou mudar o calçado, se vieram de tênis. As mulheres fazem um último retoque na maquiagem. Ficam prontos para ir ao baile. Seguem à esquerda e finalmente chegam na entrada do baile (figuras de 16 a 20).

Em qualquer uma dessas etapas, eles podem cruzar frequentadores do parque, muitos dos quais moram em regiões próximas a ele. Acostumados a se encontrarem, os idosos são ignorados, percebidos como alteridades, numa atitude de segregação, na qual a conjunção entre as partes não existe (Landowski, 2012). Na segregação, Landowski (2012, p. 16) explica que:

Baseando-se evidentemente no horror das misturas entre unidades consideradas como distintas, as atitudes segregativas têm, de fato, por princípio, ficar, se é que se pode falar assim, menos disjuntivas do que seria possível em teoria ou mesmo na prática. Aqui não há “solução final” – não há exclusão absoluta [...].

FIGURA 16

Frequentadora do *Baile da Melhor Idade*, oriunda da Zona Norte de São Paulo, que tomou duas conduções até chegar no ponto de ônibus que se situa na Avenida Francisco Matarazzo, próximo à esquina com a Rua Dona Germaine Buchard, caminha em direção à Rua Dona Ana Pimentel, que dá acesso à Portaria 4 do parque. A partir dali, ela percorre cerca de 250 metros para acessar o galpão de número 15, no qual acontece o baile.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



FIGURA 17

Entrada do Parque da Água Branca, denominada Portaria 4, que é um dos principais acessos para quem vai ao *Baile da Melhor Idade* via ônibus, que tem ponto na Avenida Francisco Matarazzo. Na foto, idosos já estão dentro do parque, cumprimentam-se afetuosamente e estão se preparando para ir ao baile.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



FIGURA 18

Casal que foi junto até o Parque da Água Branca para participar do *Baile da Melhor Idade* e fez uma parada para ir ao banheiro do parque. O homem aproveitou a parada para trocar o par de tênis pelo sapato — isso já é um costume dos frequentadores que sempre que vêm de condução: trocam o calçado antes de entrar no baile; mulheres muitas vezes colocam sapatos de salto alto neste momento.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

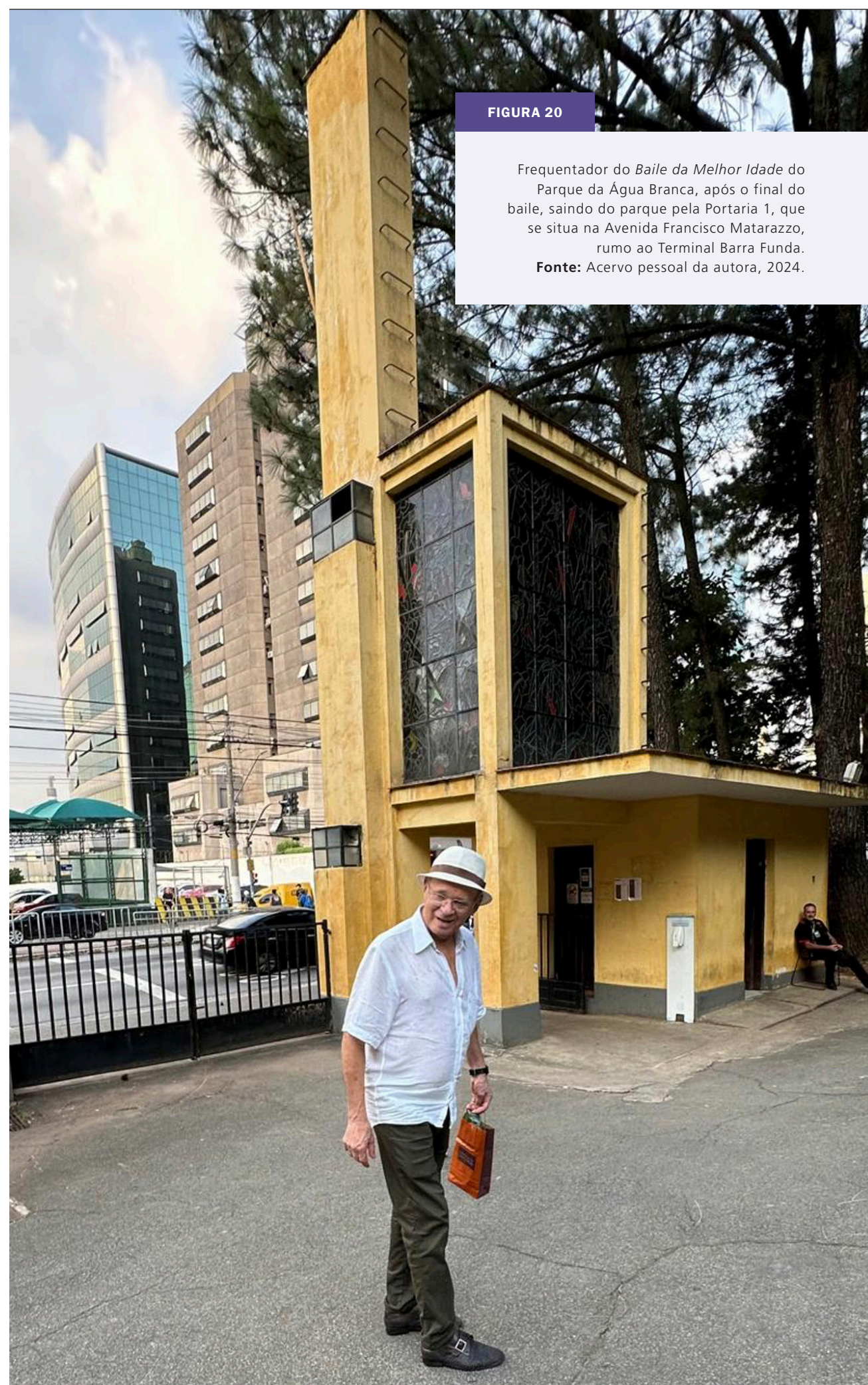


FIGURA 19

Três amigas, que participaram do *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca, vão embora juntas, em direção à Portaria 1, para seguir para o Terminal Barra Funda.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



**FIGURA 20**

Frequentador do *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca, após o final do baile, saindo do parque pela Portaria 1, que se situa na Avenida Francisco Matarazzo, rumo ao Terminal Barra Funda.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Finalmente, após concluir esse trajeto, os idosos chegam ao baile. O evento é situado no coração do parque, sem uma divulgação massiva na entrada e nos espaços que o constituem. Enquanto pessoas se exercitam caminhando ou correndo, e outras tomam sol sentadas em seus bancos, pode-se ouvir grandes sucessos contemporâneos e tradicionais saindo de dois galpões contíguos que lembram um centro de convenções — na verdade, cada um abriga um salão do baile e, durante as visitas realizadas, descobriu-se que esse local, no passado, foi um estábulo para cavalos.



2. O *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca

A realização deste trajeto, com todas as suas interações arriscadas, é um preâmbulo para o evento que eles estão prestes a vivenciar: o *Baile da Melhor Idade*. Muitos curiosos, ao ouvirem a música, podem ter o interesse de se aproximar para verificar o que passa: seria um ensaio de um espetáculo a ser encenado no final de semana? Alguém que trouxe inadvertidamente um aparelho de som para o parque e estaria ouvindo música sem se preocupar com os demais? Definitivamente não é isso que ocorre...

2.1 Do que trata o *Baile da Melhor Idade*?

Os bailes são, sobretudo, locais de encontro e de dança. Além dessas que são suas principais características, esses oferecem serviços para atender da melhor forma possível seus frequentadores, como uma cantina⁵ e uma chapelaria, por exemplo. Os bailes podem acontecer em salões especialmente organizados para seu uso, como em clubes e boates. Normalmente, possuem uma regularidade, que pode ou não

estar associada a um evento, e diferenciam-se das festas, que, quase sempre, celebram uma ocasião festiva, como um aniversário.

Os bailes da terceira idade, por sua vez, são eventos nos quais pessoas idosas podem se encontrar, sociabilizar entre si e dançar com amigos ou mesmo com outros frequentadores que venham a conhecer no local. A dança é o ápice do baile. Esta atividade proporciona a melhora da condição física e da saúde mental diante da sociabilização e dos encontros que propicia. Enquanto dançam, os frequentadores também cantam junto às músicas que são tocadas, o que pode favorecer a manutenção da sua memória. Além disso, apenas o ato de se vestir bem para ir ao evento contribui para a autoimagem do idoso ser positiva através do fenômeno da cognição do vestuário (Motta, S.; Rabello, 2021).

O *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca tem sido um ponto de encontro para idosos interessados em dançar, socializar e interagir entre si. Aliás, existem bailes para esse público espalhados por toda a São Paulo. Durante a pesquisa, foram visitados alguns deles no Centro e na Zona Oeste da cidade — existem os bailes do SESC Pompeia, da União Fraterna, do Clube Piratininga e do Roma Danças, entre outros, e cada um tem suas próprias normas de funcionamento (por exemplo, a idade mínima para entrar, o vestuário que se deve utilizar, o valor do ingresso, os dias e horários em que o baile acontece etc.). Em comum, encontra-se o público mais maduro ansioso para dançar, realizar os passos que conhece e também se desafiar em ritmos diferentes e, assim, aumentar o repertório de estilos de dança. Alguns dos bailes chegam até mesmo a ter professores de dança.

Foi impressionante conhecer a amplitude e as possibilidades de diversão desse público (figura 21), que tem uma ampla oferta de bailes na cidade, sustentada por uma demanda crescente de pessoas, em função do envelhecimento da população. Deve-se destacar que alguns idosos fre-

5 Ao longo de visitas a outros bailes, notou-se a presença de cantinas, bares e/ou restaurantes, cuja denominação varia a depender da atribuição de cada local.

quentam vários bailes durante a semana, como registrou um cavalheiro elegante, educado, que sempre é encontrado vestido de maneira formal: chapéu na cabeça, camisa e calça social, cinto, sapato bem engraxado, bigode aparado e uma leveza no olhar e no sorriso que é encontrada ao observá-lo dançando. Não é possível vê-lo dançar sem ser levado pela fluidez do seu balanço, que é um convite para também participar do baile. Ele conta:

Eu frequento os bailes todos os dias da semana, com exceção das quintas-feiras, quando minha esposa — que não frequenta os bailes, mas me permite ir — pede para eu ficar em casa. Aproveito para estar próximo da família. Utilizo esse dia, então, para descansar e para me preparar para os demais eventos que acontecem nos outros dias. Vou duas vezes no baile da Água Branca, e nos demais dias eu intercalo as visitas em outros bailes, como o Piratininga e outro que acontece na Rua Catão. São todos muito animados.

FIGURA 21

Idosos dançando no *Baile da Melhor Idade*.
 Fonte: Lisboa, 2017.



Pois entre tantas opções de baile pela capital, esta pesquisa se concentra no *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca, que é um objeto em situação, em devir, em processamento, que entrelaça em sua estruturação o contexto e sua apreensão, que se dá no ato de ocorrência. A escolha deste partiu da necessidade de compreender como as alteridades se expressam por meio do dançar, do modo de estar e do vestir. Além disso, buscou-se identificar como as maneiras de interagir e construir sentido ressemantizam a vida por meio do pertencimento ao grupo do qual participam.

Tanto o baile quanto o Instituto da Melhor Idade Estação Vida, que o organiza, foram idealizados pelo falecido Ricardo de Alvarenga Tripoli, militante a favor de políticas públicas para os idosos e presidente do Conselho Estadual do Idoso de 2004 a 2006. O Instituto da Melhor Idade é presidido por sua viúva, Esther Tripoli, e um dos filhos do casal, Ricardo Tripoli (homônimo do pai), que o administra junto a uma equipe formada por colaboradores e voluntários.

2.2 As partes do baile

Para melhor compreensão do baile, em toda a sua espacialidade, cada um dos salões e demais ambientes lá existentes são analisados nesta etapa. Para tanto, é feita a desconstrução do objeto “baile” e cada uma das partes é iluminada com a metodologia semiótica. Posteriormente, as partes constituintes analisadas são reunidas para chegar ao sentido gerado e a como ele foi construído (Oliveira, 2004a). Desta forma, a reoperação dessas partes permite chegar aos sentidos produzidos pelo baile, que oferecem respostas para parte do problema da pesquisa. Para facilitar essa visualização, a figura 22 apresenta a planta integral do galpão e suas partes constituintes, a qual é composta por entrada, primeiro salão, ambiente vazado e, finalmente, segundo salão com o palco dos cantores.

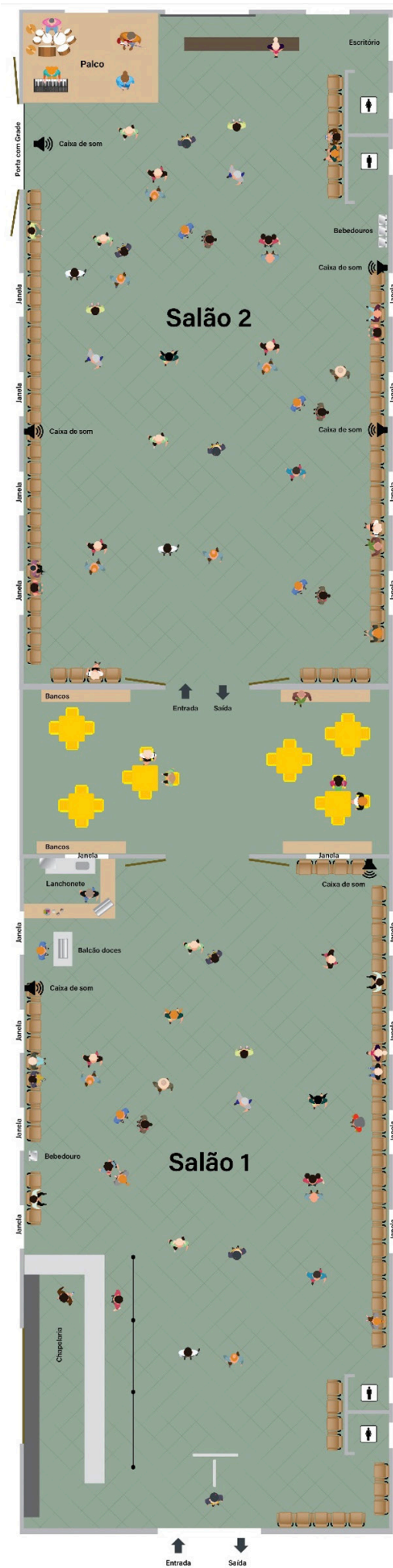


FIGURA 22

Desenho ilustrativo da planta dos galpões onde acontece o baile. Na ilustração, pode-se observar a entrada principal, na qual se adentra o primeiro salão, onde estão a chapelaria, os sanitários e a cantina. Posteriormente, encontra-se o espaço vazado, seguido do segundo salão, com seus sanitários, grades vazadas e palco. Detalhe para as cadeiras, dispostas na topologia.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ao aproximar-se do baile, pode-se encontrar muitos idosos tanto sentados nos dois bancos situados ao lado da entrada, como parados em frente ao acesso (figura 23). Estão se reencontrando, conversando, preparando-se para entrar no baile... Eles costumam se sentar nesses bancos para aguardar o início das atividades ou, se elas já tiverem começado, quando desejam fazer uma pausa, rumam até ali para tomar uma água e depois continuar. Todos estão ouvindo a música que está sendo tocada no interior do espaço, ainda que não seja possível identificar quem está tocando — para saber, é necessário entrar no baile. Após a entrada, observa-se que, no primeiro salão, a música que está sendo tocada ao vivo no segundo é transmitida por caixas de som — o baile acontece em dois salões, um seguido do outro.

FIGURA 23

Pessoas idosas em frente à porta de entrada, aguardando o horário de início do *Baile da Melhor Idade*. Mesmo antes de começar o baile, é possível observá-los interagindo entre si, ansiosos para adentrar o espaço. Isso demonstra o quanto o baile é apreciado e aguardado por quem o frequenta.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Para entrar, existe uma triagem que é feita por uma senhora que recepciona os frequentadores (figura 24). Ela também é uma frequentadora que participa do baile desde o seu início e que, em algum momento, foi convidada a colaborar com a organização. Ainda que a entrada seja gratuita, ela observa um conjunto de prescrições que devem ser seguidas para adentrar o *Baile da Melhor Idade*, como ter mais que 50 anos de idade e estar vestido de acordo com as regras estabelecidas pelos organizadores: homens e mulheres não podem usar tênis, apenas sapatos para homens e sapatos ou sandálias para mulheres; não é permitido o uso de camisas de times de futebol; e as mulheres não podem usar saias curtas. Além disso, um determinado conjunto de modos também deve ser obedecido: não se pode adentrar o baile com bebidas alcoólicas, não se pode entrar em um estado alterado motivado pelo álcool (ou por drogas ilícitas), e não são permitidos beijos e carícias entre frequentadores. O acesso também é franqueado a pessoas com deficiência intelectual, desde que comprovada.

FIGURA 24

Recepcionista do *Baile da Melhor Idade*. Trata-se de uma frequentadora que participa do baile desde seu início, em 1995, e que conheceu, inclusive, o fundador. Permanece até hoje recepcionando o público e assegurando que as prescrições para a entrada sejam cumpridas.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Importa constatar que, ao longo da efetivação desta pesquisa, notou-se a implantação de uma placa na entrada do salão, onde passaram a estar registradas essas prescrições, como se pode verificar na figura 25. Se, no passado, as regras eram subentendidas, após a pandemia de Covid-19, observou-se a vinda de novos frequentadores que não conheciam os protocolos, o que motivou a colocação da placa para não gerar conflitos e desentendimentos com a pessoa responsável pela portaria.

FIGURA 25

Placa na qual estão formalizadas as prescrições que devem ser cumpridas por aqueles que desejam ingressar no *Baile da Melhor Idade*. Trata-se de uma reiteração da fala da recepcionista.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Instituto Núcleo da Melhor Idade

Estação Vida

Bailes

Toda semana realizamos bailes com entrada Grátis para **MAIORES DE 50 ANOS**, os participantes devem vir bem vestidos, traje social, proibido a entrada de tenis, boné, pessoas embreagadas ou com roupas curtas, para participar deve fazer a carteirinha do instituto.

Reforçamos o nosso compromisso com todos vocês e lembramos que venham para os bailes bem alimentados, assim evitamos maiores desconfortos.

Bailes da melhor idade

Terças feiras - das 13h às 17h, Parque da Água Branca
Quartas feiras - 13h às 17h, no Horto Florestal (Zona Norte)
Quintas feiras - das 13h às 17h, Parque da Água Branca
sábados - das 13h às 17h, Parque da Água Branca

WhatsApp



@institutodamelhoridade



Instituto Núcleo da Melhor Idade

Estação Vida

Para manter a segurança e ordem em nossos bailes, mais de 1.000 frequentadores concordam e preferem manter algumas regras para continuarmos com o nosso baile.

Contamos com a compreensão de todos.

✗

- Não entrar com Tênis de corrida ou academia, coloridos;
- Chinelos de dedo ou que possa causar acidente;
- Vestido ou saia curta, camisas de time de Futebol
- Pessoas embriagadas, menores de 50 anos

✓

- Maiores de 50 anos;
- Se divertir muito!
- Danças, cantar, pular;

WhatsApp



@institutodamelhoridade

O baile (e seus frequentadores), à primeira vista, apresenta uma forma determinista de compreender o mundo, com maneiras preestabelecidas de interagir com os demais, que oferecem pouco espaço para o imprevisto e são dominadas pela regularidade no contexto do evento: as vestimentas, os modos, os dias e horários são estipulados e devem ser cumpridos caso se pretenda participar da experiência. As normas e os regulamentos do *Baile da Melhor Idade* buscam impor uma programação a ser seguida pelos frequentadores. A esse respeito, para Landowski (2014), existem quatro regimes de interação: programação (manifesto pela regularidade), manipulação ou estratégia (manifesto pela intencionalidade), ajustamento (manifesto pela reciprocidade) e acidente (manifesto pela imprevisibilidade). De forma a aprofundar o primeiro regime em específico, a programação é governada por uma regularidade em que se faz o que se é esperado, portanto não há qualquer risco associado. Esse regime “traduz uma visão de mundo essencialmente determinista: visão filosoficamente rudimentar, sem dúvida [...]” (Landowski, 2014, p. 15).

Esse regime situa-se na constelação da “prudência” (Landowski, 2014), na qual o sentido obtido é o do lugar comum, pelo qual as regras e normas estabelecidas regem as interações e a aquisição de significado por parte dos frequentadores, regime esse que confere uma aparente segurança não apenas para eles, como também para os organizadores e para os próprios familiares dos idosos.

Com isso, busca-se uma regularidade nas condutas e nos comportamentos para evitar o risco de que aquelas pessoas, invisíveis em outros ambientes, possam causar ao estarem todas juntas confraternizando. “A opção do tipo programático minimiza os riscos de ordem prática” (Landowski, 2014, p. 58), que, para os idosos, podem envolver quedas, esbarrões e diversos mal-estares comumente associados a pessoas de maior idade que se expõem em demasia. Para o autor,

o que os modelos assim difundidos propõem explicitamente, em geral em nome da saúde e de uma melhor qualidade de vida em um mundo cheio de perigos, ou em nome de uma realização pessoal e do êxito na interação cotidiana, é com toda a evidência uma normalidade a que os sujeitos são incitados a se conformar ao mesmo tempo que nela se reconhecerem (Landowski, 2014, p. 69).

Essas conclusões, todavia, como se observa ao pesquisar o baile, mostram-se insuficientes para compreender toda a complexidade das interações que ocorrem quando o evento efetivamente acontece. Apesar do controle prescritivo, o ambiente extrovertido promove horas de descontração, que desenvolvem lembranças e motivam estados de vida eufóricos aos frequentadores. Novos elementos de ordem figurativa irão aparecer a seguir: “[...] cores, gestos, atitudes [...] dotados de significados” (Greimas, 2017, p. 85), que irão desvelar novos regimes de interação, sentido e risco.

Efetivamente, em *Da Imperfeição*, Greimas (2017, p. 13) afirma que, por mais automatizadas que sejam atividades realizadas por sujeitos, inclusive as que envolvem a aquisição, a identificação e a leitura do ambiente no qual estão inseridos e das ações, das atitudes e dos comportamentos por eles realizados, caso fossem “[...] investidos de um valor a mais, poderiam se tornar obras que promoveriam novos sentidos, ressemantizando a vida”. Ou seja, o ato de ir ao baile estabelece uma rotina programada e estimulante, sendo uma possibilidade de ressignificar a vida das pessoas idosas. Essas alteridades estariam dispostas a se submeter a esse regime para se apresentarem da melhor forma possível e para resgatarem, pelas vestimentas e pelos modos, sua melhor aparência, e assim tentar se aproximar do grupo de referência, formado pela classe média, inclusive que mora nos arredores do parque.

Segundo entendimento de Landowski (2012), o idoso é um Outro, alguém marginal, cuja simples presença causa incômodo e acarreta desconforto aos demais. Para responder a essa situação cada vez mais frequente na sociedade em função do envelhecimento da população, esse idoso é excluído — por exemplo, quando colocado em um asilo, destino de muitos dos grandes enfermos — ou, em muitos casos, segregado — quando deixado em casa com possibilidades de convívio e lazer muito restritas. Observa-se que o público no *Baile da Melhor Idade* está longe de ser organizado como um idoso geralmente é visto e tratado na sociedade.

O frequentador do baile, inclusive, é o Outro em mais de uma dimensão, além da sua idade. Como já escrito, ele é morador de regiões distantes e periféricas, então, ao adentrar um parque situado em uma região mais central e privilegiada (dada a sua proximidade com bairros que oferecem infraestrutura socioeconômica e cultural superior à de outras partes da cidade), ele tem contato com um frequentador que habita a região. Este representa a identidade dominante, que percebe os idosos que frequentam o baile como dessemelhantes, alguém que não faz parte do seu convívio e, como tal, é invisibilizado. Duplamente invisível, sua própria existência e participação do baile configuram-se como um ato não apenas de lazer, mas também de resistência.

Após ter o acesso liberado, os frequentadores têm a opção de fazer uma contribuição espontânea em uma caixa de madeira para a entidade mantenedora, a fim de ajudar na manutenção do espaço no qual o evento é realizado. Feito isso, seguindo em frente, eles podem, a partir da cobrança de uma pequena quantia, deixar suas bolsas e demais pertences na chapelaria (figura 26), que é um espaço destinado para guardar objetos e está situado do lado esquerdo do salão. Pela popularidade do baile, que recebe centenas de pessoas, há sempre uma fila para entregar suas coisas (ou para retirá-las, se for a hora de encerramento do baile). Do lado direito, há toaletes masculinos e femininos.

FIGURA 26

Chapelaria, que é situada no primeiro salão, ao lado da entrada. É o local destinado para guardar os pertences dos frequentadores do *Baile da Melhor Idade*. Os organizadores sugerem, por segurança, não deixar bolsas e demais objetos em mesas ou cadeiras, pois não são responsáveis por possíveis extravios.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Nesta etapa da pesquisa, descobriu-se um elemento importante na espacialidade do *Baile da Melhor Idade*, o qual o difere das reiteraões entre planos observados nos demais bailes visitados e que influencia tanto as interações dos frequentadores quanto, assim, a produção de sentido. Ao observar a topologia do baile, nota-se a organização dos formantes, que fazem parte do plano de expressão (Floch, 2022; Oliveira, 2004b). Em suas pesquisas, Oliveira, em coautoria com Fernandes e Souza, ressalta a importância da análise dos espaços para a semiótica:

Espaços não somente inteligíveis, mas sensíveis, afetivos, onde existir não é apenas seguir regras e normas, sejam elas de qual ordem forem, mas arriscar-se em *outras possibilidades*, à aventura do lançar-se na cidade de forma sensual onde o corpo e ambiente (artificial ou natural) interagem gerando outros significados para os locais, transformando-os em lugares (Ferrara, 2007). Com isso, afirmamos que os espaços se *lugarizam* na medida em que os indivíduos se apropriam destes, sentindo-o, intercambiando com o ambiente, desvelando-o e ao mesmo tempo gerando a possibilidade de infinitas conformações de espacialidades que tecem o cotidiano da vida citadina. Trama infinita, aberta e amorfa. Rede geradora de possibilidades (Oliveira; Fernandes; Souza, 2008, p. 3).

Os espaços, de fato, comunicam sentidos. Para analisá-los, foram considerados tanto o plano de expressão quanto o plano de conteúdo. Isso aconteceu não apenas por afinidade e por estudos, mas, sobretudo, por necessidade, uma vez que a homologação entre os planos se faz necessária para o entendimento do evento analisado — afinal, todo e qualquer sentido se organiza a partir da elaboração de ambos (Grei-mas; Courtés, 2021). De fato, são complementares: através da análise do plano de expressão, são registrados os formantes plásticos que po-

dem ser observados no evento em ato (Floch, 2022; Oliveira, 2004b). A unidade mínima da expressão constitui-se nos “formantes”, isto é, nos “traços não figurativos e dimensões básicas da imagética que é manifestada na superfície” (Oliveira, 2004b, p. 122). Há seis formantes: matérico, cromático, eidético, topológico, estésico e rítmico. O plano de conteúdo, por sua vez, permite que os níveis discursivo, narrativo e fundamental do baile sejam percebidos de forma sensível. Como escrito por Oliveira (2004b, p. 155):

as relações entre as partes constituintes do plano da expressão e do plano de conteúdo mostra-nos que a significação não está na visibilidade aparente do motivo figurado. O olhar perscrutante, que minuciosamente retraça os traçados visíveis, retraça também os traçados sugeridos pelo jogo das relações e assim, o invisível ganha visibilidade e a obra, significação.

O formante matérico refere-se aos “materiais” que compõem determinado objeto, ou melhor, refere-se ao que atribui corporeidade a ele. Em seguida, como o nome permite antecipar, o formante cromático constitui-se nas cores que compõem o objeto analisado, assim, numa análise de dimensão cromática, o semiótico pode avaliar toda a composição do espectro cromático, incluindo os possíveis jogos entre claro/escuro, brilhante/opaco etc. Já o formante eidético envolve as formas identificadas em determinado objeto a partir de arranjos entre linhas e pontos, por exemplo. Por sua vez, o formante topológico diz respeito à ocupação que toma determinado objeto diante de um conjunto constituído num espaço-suporte, assim compreendendo que “os formantes constitutivos matérico, eidético e cromático compõem o formante constituído, o topológico” (Oliveira, 2021, p. 135), que propõe haver também uma estesia implicada ao plano da expressão numa dimensão plástica, a qual é integrada com marcadores rítmicos influenciando os sentidos ali relacionados — diante dessa acepção, surgiu-se o estabe-

lecimento de outros dois formantes: o estésico e o rítmico. O formante estésico concerne ao papel da estesia, o qual, segundo Oliveira (2021, p. 145), tange a uma “condição de realização da estética”, caracterizando os modos de sensibilização, enquanto o formante rítmico, finalmente, constituído a partir das posições e posturas de um sujeito, é estabelecido a partir de marcadores que “afetam os sentidos para promover a sua apreensão” (p. 135).

No formante matérico, no qual é analisada a “fisicalidade própria” (Oliveira, 2004b, p. 119) do que está sendo estudado, é relevante se deter por um momento nas cadeiras. Estas são muito confortáveis, acolchoadas e de couro marrom, próprias para acomodar o frequentador, que esteticamente sente o aconchego oferecido por sua cor, sua temperatura e seu material. Isso é uma característica que se pode observar em outros espaços, tais como o cinema ou o teatro, no qual a plateia irá ficar durante algum tempo. Já nos outros bailes visitados, não existe a mesma preocupação, as cadeiras são menos confortáveis e de plástico, daquele tipo que pode ser encontrado em um bar.

No *Baile da Melhor Idade*, as cadeiras são postadas rodeando a espacialidade do local (figura 27). Estão todas fixas, encostadas nas paredes e são ocupadas por pessoas que estão apreciando o evento ou descansando um pouco até seguirem em frente e dançarem na próxima música (figura 28). Com isso, assegura-se que todo o espaço do baile, em especial em sua centralidade, seja dedicado àqueles que estão dançando. A topologia do espaço torna este baile o mais democrático e acessível possível, impressão que foi corroborada pelas conversas realizadas com os frequentadores.

FIGURA 27

Imagem do primeiro salão. Destaque para as cadeiras, confortáveis, de madeira e acolchoadas, todas fixadas na parede — o que impede que elas sejam deslocadas para outros locais. Com isso, assegura-se que todo o espaço central seja destinado à dança.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

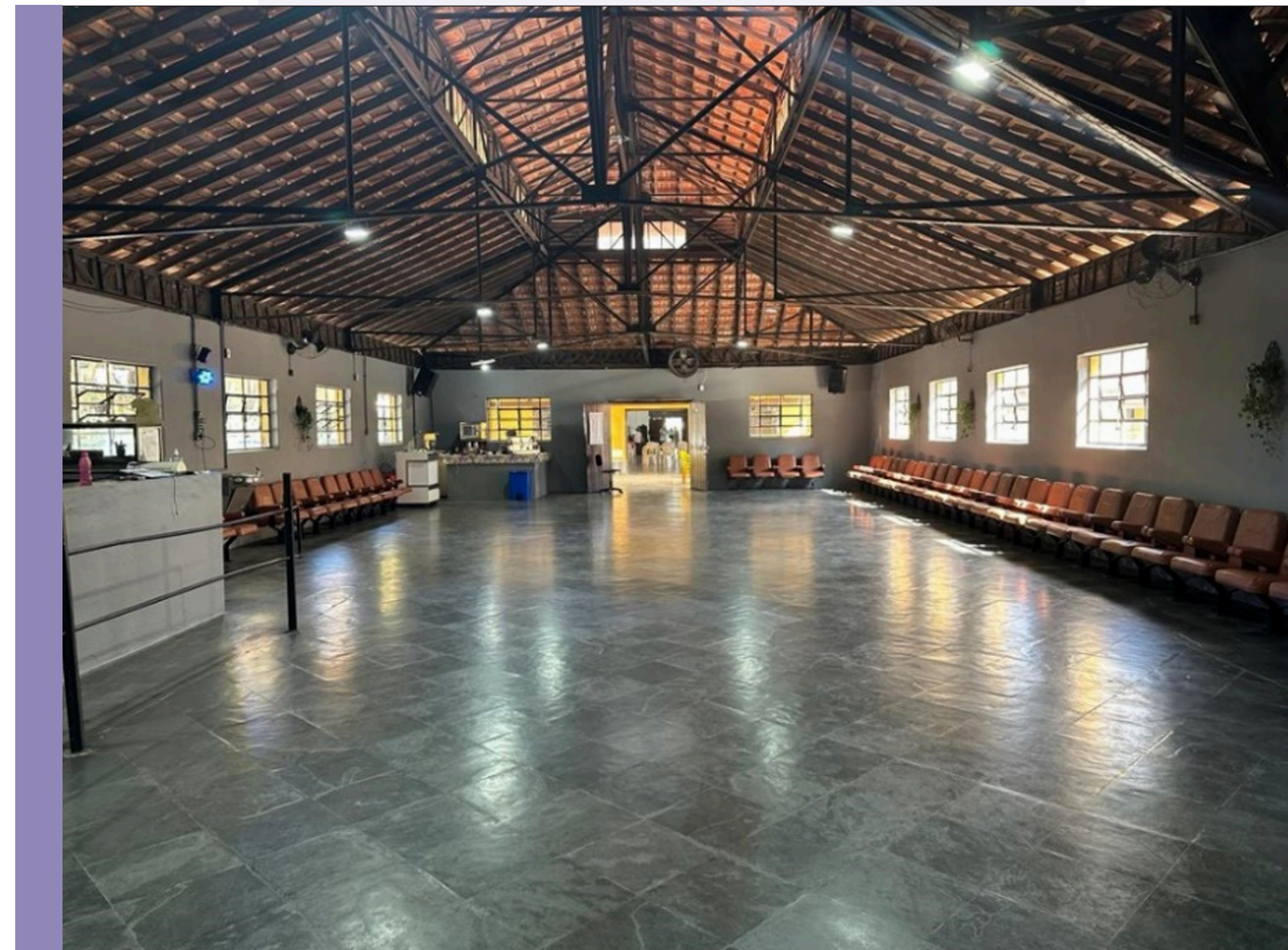


FIGURA 28

Cadeiras no primeiro salão, ocupadas por frequentadores idosos, durante a realização do *Baile da Melhor Idade*. Observa-se a interação entre quem está passando ou dançando e aqueles que estão sentados.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Nos outros bailes visitados, a interação entre os frequentadores é mais difícil, pois, entre eles, estão mesas e cadeiras dispostas nos ambientes. Os organizadores buscam “resolver” essa situação oferecendo o serviço de dançarinos especialmente contratados para dançar com os idosos que estão nas mesas e não encontram pares para a dança — inclusive, uma taxa é cobrada daqueles interessados em dançar com o profissional. É uma relação de manipulação pelo dinheiro, nos termos que confere Landowski (2014), o que torna a relação menos espontânea e fluida. Na manipulação, ou estratégia, busca-se, por meio da persuasão — que pode se dar de diferentes maneiras (como o dinheiro) —, motivar alguém a agir de determinada forma desejada por quem manipula. Apesar de a palavra poder ter uma conotação negativa, é necessário ressaltar que esse regime é o modelo majoritário das sociedades democráticas, visto que a política sempre envolve persuasão, “já que poder funda sua legitimidade num acordo de vontades” (Landowski, 2014, p. 9).

As mulheres sozinhas nesses outros bailes (e vale destacar a preponderância do público feminino entre os frequentadores de todos os bailes destinados para idosos) podem ficar — e de fato muitas vezes ficam — isoladas. Nisso, elas aguardam outro idoso chamá-las para dançar, o que pode demorar várias danças para acontecer. O que também acontece, e que demonstra emancipação e autonomia da mulher idosa, é elas contratarem um par, e não ficarem apenas à mercê das circunstâncias.

A interação existente no baile do Parque da Água Branca entre aqueles que estão sentados nas cadeiras e os demais, por sua vez, propicia uma interação orgânica e intensa, que é uma das marcas registradas do evento em questão. Lá, é difícil alguém ficar isolado. Todos os que estão sentados podem interagir com os que estão dançando: alguns esperam, em uma próxima pausa, que algum parceiro o/a convide para dançar, enquanto outros, impossibilitados de dançar por alguma limitação física, podem ao menos dançar com os olhos, cantar as músicas e viver o que se passa com os outros frequentadores. Mesmo

quem quer dançar sozinho, basta levantar-se e dançar junto aos demais. Como disse uma frequentadora:

Eu já fui em vários bailes e aqui é o meu preferido. O local é aberto, eu posso entrar e sair quando quiser. Tenho amigos que sempre encontro e posso dançar com muitas pessoas. Não tem nem ar-condicionado, que eu não gosto, porque me deixa gripada, como os outros bailes que são fechados e cobram a entrada. Ele também é gratuito, o que é muito importante para nós que já somos aposentados e temos o dinheiro contado.

A configuração da planta possibilita a interação entre quem está sentado e quem está dançando por não existirem mesas e cadeiras entre eles, o que lembra uma expressão utilizada no teatro, a “quebra da quarta parede” (Brecht, 1967), que é uma parede imaginária, que separa os atores da plateia e, quando ela é quebrada (o que não acontece com frequência), os personagens da peça passam a interagir diretamente com o público (figura 29). Assim, diversidades são admitidas (Landowski, 2012) e convidadas a participar do baile. Na admissão, as diferentes formas de alteridades se tornam parte integrante e aceita do todo (os frequentadores do baile), um elemento que também forma o “Nós”, que são aqueles que estão bailando, sem precisar abrir mão de sua própria identidade para que isso ocorra. Isso pode acontecer de diferentes formas. Há aquela senhora que, sentada e impossibilitada de dançar por alguma limitação física, ao trocar olhares com quem está dançando, sente alegria e bem-estar, sente-se viva a partir do outro, mesmo estando na cadeira, e, então, começa a sorrir e balançar ao ritmo da música. Outros, tímidos, que não têm muitos amigos ainda, ao serem envolvidos esteticamente pelo som e pelos efeitos que a dança transmite, adquirem uma predisposição favorável a dançar, a se expor (como não estão acostumados a fazer em seu dia a dia fora do baile). Naturalmente, são convidados a dançar por alguém e se entrosam com os demais participantes.

FIGURA 29

Disposição da planta possibilitando a interação entre os que estão sentados e os que estão dançando. Não existem mesas, cadeiras ou outras potenciais barreiras interpondo-se entre os frequentadores do *Baile da Melhor Idade*. Observa-se também um casal, assistindo ao baile, o que só é possível pela transparência da janela, o que faz os sujeitos do ambiente externo interagirem com o interno e vice-versa.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



A dinâmica do baile oferece, portanto, mais do que criar oportunidades para que um acidente aconteça, como um idoso esbarrar no outro, ou sofrer um mal-estar súbito. Esses acidentes, cujos acontecimentos acabam por escapar de possíveis determinações e estão situados na constelação da aventura (assim como o ajustamento, mas diferente dele), são eventos imprevisíveis, que podem ocasionar efeitos de sentido também impossíveis de se prever, portanto podem potencialmente nos levar a uma situação tão inesperada quanto absurda (Landowski, 2014). Como registrou Beauvoir (2018, p. 297, grifo da autora):

Entretanto os acidentes [...] integram-se facilmente à nossa história, porque nos atingem em nossa singularidade: a velhice é um destino, e quando ela se apodera da nossa própria vida, deixa-nos estupefatos [...]. A velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha. Será que tornei, então, uma *Outra*, enquanto permaneço eu mesma?

De outra forma, o *Baile da Melhor Idade* oferece uma miríade de momentos nos quais as pessoas se conhecem, dançam, celebram a vida e, assim, constroem sentidos para essa experiência, que é sobretudo um encontro de partilha com os outros, com os seus iguais. Essas interações acontecem de forma intencional, quando o sujeito busca chamar atenção para si e, assim, motivar quem está assistindo a juntar-se a ele na dança, o que caracteriza a estratégia. Nesse regime, segundo Landowski (2014), busca-se, por meio da persuasão, motivar o outro a agir de uma certa maneira. Ocorrem também, com muita intensidade, interações nas quais os sujeitos se relacionam por meio do ajustamento, com todos os riscos que o colocar-se em interação com os outros frequentadores do baile podem trazer (figura 30). Segundo Mendes *et al.* (2021, p. 5), “nesse regime, nenhuma regra é dada a priori. As regras de interação, ao contrário, emergem pouco a pouco, na e pela interação”.

FIGURA 30

Casais dançando no primeiro salão do *Baile da Melhor Idade*, enquanto outros frequentadores, que estão sentados, os observam. Entre uma dança e outra, a interação ocorre quando aqueles que estavam sentados podem ser convidados a dançar ou o contrário. Existe também a interação com as pessoas que estão atravessando o salão, no corredor que se forma entre quem está sentado e quem está dançando.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



No ajustamento, segundo Landowski (2014), a forma de interação que prevalece é o contágio. O contágio é uma “forma de ‘fazer ser’ que não está baseada na persuasão, mas sim no contato ‘corpo a corpo’ entre actantes, ou ainda no interagir mútuo deles, cada um na presença imediata do outro” (Landowski, 2017, p. 161). Em vista disso, nenhum dos atores tem a disposição ou a capacidade de programar ou elaborar uma estratégia sobre como acontecerá sua relação com seu parceiro. As relações sensíveis entre os atores acontecem de forma a propiciar encontros que, dotados de alguma imprevisibilidade, geram satisfação pessoal além do sentido da experiência.

Landowski (2014, p. 69) pontua que, no regime de ajustamento,

[...] pode-se [...] adotar, do interior, a perspectiva de um sujeito que está vivendo sua própria história e que, ignorando por milagre os modelos instituídos em circulação no seu entorno, ou conseguindo liberar-se deles, procuraria bravamente descobrir por si mesmo um sentido – uma significação e uma orientação – para seu próprio percurso de vida, visto a partir dos pontos pelos quais transita.

No final do primeiro salão, há um café, o único local que comercializa alimentos e bebidas não alcoólicas (figura 31). A proprietária é ela própria uma frequentadora, que, além de trabalhar, dança e se diverte com os demais. Moradora da Zona Leste, leva todos os produtos em um carrinho no metrô. Como a maior parte dos idosos que frequentam o evento, ela tem um deslocamento significativo para chegar até lá. Caso deseje, o frequentador pode, como opção, trazer o seu próprio lanche e consumi-lo sentado em uma das cadeiras. Mais uma vez, percebe-se a disposição instalada não apenas dos frequentadores, como também do espaço, feita pelos organizadores, de forma a priorizar a experiência estética e rítmica (Oliveira, 2004b), dando prioridade absoluta para o dançar.

FIGURA 31

Café situado do primeiro salão, que é bastante frequentado pelo público. Oferece lanches rápidos, bolos, cafés, refrigerantes e água. Os produtos são oferecidos por preços acessíveis, o que possibilita que muitos frequentadores consigam usufruir de uma pausa para descansar e saborear um café ao pé do balcão ou mesmo em uma das mesas situadas nas áreas vazadas.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Para aqueles que estão interessados em conhecer o próximo salão, após o término do espaço do primeiro, há uma área vazada, na qual é possível sentar-se, seja para descansar, tomar um ar ou comer um lanche, seja para conversar com os novos ou “velhos” amigos. Nessa área, que é de aproximadamente um quinto do tamanho de um salão, as pessoas não dançam, mas, ao longo do baile, ela está sempre bem movimentada por pessoas que estão se deslocando de um salão para outro ou passan-

do um pouco de tempo lá. Por ser vazio, sua topologia é a de um espaço bem claro, iluminado e fresco, com mesinhas e cadeiras ocupando, de forma parcial, o local intensamente disputado (figura 32).



Espaço vazio: área entre o primeiro e o segundo salão, no qual os frequentadores podem sentar-se para fazer uma pausa quando estão cansados de dançar, para tomar um lanche, para bater um papo. Possui dois portões gradeados para saídas de emergência.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

FIGURA 32

Nesse espaço, encontros acontecem. As pessoas confraternizam com seus amigos, com colegas de dança que haviam combinado de se ver ou que estavam à espera, pois sabem que são *habitués*. Novas amizades e até mesmo paqueras que começam no salão se estreitam ali. Isso deve acontecer com descrição e recato, pois demonstrações explícitas de afeto não são permitidas dentro do baile — mais uma vez, uma prescrição de ordem programática estabelecida pelos organizadores. Para contornar isso, os frequentadores podem marcar de se encontrar fora do baile no espaço externo.

No que concerne à importância dos relacionamentos, a Universidade de Harvard tem empreendido um estudo voltado a investigar a vida adulta, que tece lições importantes sobre as conexões sociais. Intitulado “Harvard Study of Adult Development” (Estudo de Harvard sobre o Desenvolvimento Adulto, em tradução livre), esse é o estudo mais longo sobre felicidade já realizado e, desde 1938, acompanha centenas de jovens durante anos para monitorar seus aspectos mentais, físicos e emocionais a fim de entender o que faz uma pessoa realmente feliz em sua vida (Martins, 2016). Hoje, seu diretor, Robert Waldinger, afirma que “uma descoberta surpreendente [do estudo] é a de que nossas relações e o quão felizes somos em nossos relacionamentos têm uma forte influência em nossa saúde”: mais do que dinheiro ou fama, são as relações próximas que mantêm as pessoas felizes ao longo de suas vidas (Mineo, 2017, tradução livre).

Chegou-se, neste momento, apenas até a metade do espaço, mas essas alteridades (Landowski, 2012), tão questionadas, reprimidas e até invisibilizadas, na maior parte de seu dia, nesse local estão vibrantes, entrosadas e vivas. Aqui, esses idosos são vistos como pessoas inteiras, e não da maneira como Beauvoir (2018, p. 9) atesta que eles estariam destinados a existir: “se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória”.

Retomando-se a estrutura do baile propriamente, o segundo salão tem o mesmo tamanho que o primeiro e a mesma disposição das cadeiras, que ficam nas laterais, encostadas nas paredes. A respeito delas, aliás, é interessante refletir sobre as pessoas que estão sentadas nas cadeiras ao redor do espaço de dança. Muitas vezes, trata-se de frequentadores que estão descansando entre uma dança e outra, conversando com seus amigos. Ou, como mencionado, são frequentadores que estão começando a ir ao baile, que ainda não têm um círculo amplo de amizades e que, assim, não encontram facilmente um par para dançar — não obstante esse encontro ser mais fácil do que se observou ser nos demais bailes visitados —, ou mesmo podem ser aqueles que têm alguma dificuldade motora ou um constrangimento em se expor no ato de dançar. Vale a pena observá-los por alguns instantes e ver como as múltiplas interações acontecem.

Pode-se notar que, lá, os idosos dançam ainda mais entusiasmadamente, pois, no final do salão, está a banda, que toca as músicas ao vivo. A interação com os músicos, que são muito simpáticos, pode ser interrompida pelos organizadores, que têm sempre um representante que sobe ao palco, agradece a todos pela participação e fala da agenda dos eventos. São personagens conhecidos e bem-recebidos pelos frequentadores, que, por sua vez, aceitam as intervenções — aliás, esses conhecem os organizadores e vice-versa. Há um ambiente de troca e sinergia entre as partes, inclusive com a criação de vínculos afetivos.

O ambiente é euforizante — no nível fundamental, a euforia, segundo Greimas e Courtés (2021) — é um termo positivo que serve para valorizar universos semânticos abordados. Fiorin (2022) corrobora essa definição e complementa que ela está sempre associada a um valor positivo — e, nesse caso, entende-se a experiência de frequentar o baile como, sem dúvida, positiva para os idosos que lá vão, enquanto o clima de admissão (Landowski, 2012) instalado naturalmente incentiva aqueles que estão dançando a convidar essas pessoas a dançar também.

Isso sugere que as interações são influenciadas pelo ambiente, no qual a disposição da planta favorece a dança e a interação de quem a assiste

com quem está dançando, além de também incentivar as pessoas que já fazem parte do baile a se relacionar e interagir entre si e com os novos frequentadores. Talvez essa seja uma reflexão necessária para a promoção de uma sociedade que admite as diversidades. Isso porque esse ambiente, ao se expandir, poderia ser pensado até mesmo como uma cidade ou um país, que aceita as várias identidades, com suas particularidades, o que o enriquece e contribui para que seja dotado de vivências repletas de sentido. Afinal, este é um desejo da semiótica: a inspiração da mudança através das relações sensíveis embasadas nos sentidos construídos pelos sujeitos.

Ainda a respeito do segundo salão, além dos ventiladores e das janelas que deixam o ambiente mais agradável (ambos que existem também no primeiro salão), há uma grade próxima ao palco, que permite que as pessoas de fora apreciem o baile (figuras 33 e 34). Todos aqueles que são atraídos pela música e pela animação no local, quer já saibam da existência do baile ou não, têm a oportunidade de poder, por alguns instantes, apreciar a alegria e a agitação que está acontecendo todas as semanas. Apesar de a grade poder parecer uma forma de excluir o Outro que está do lado de fora, por ela permitir que a interação aconteça, ela convida os demais a participar da dança.

FIGURA 33

Interação de pessoas do lado de fora, que não estão no *Baile da Melhor Idade*, seja por não estarem vestidas de acordo com a prescrição, seja por não terem a idade mínima ou por qualquer outra razão, e assistem ao baile pela grade. Essa é uma possibilidade para que o baile seja apreciado mesmo por quem está do lado de fora.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



FIGURA 34

A interação acontece também entre quem está dentro do baile e as pessoas que estão fora dele. Nesse momento, quem está dentro pode convidar os de fora a participar através de um convite para dançar junto, seja entrando no baile, seja dançando "dentro e fora".
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

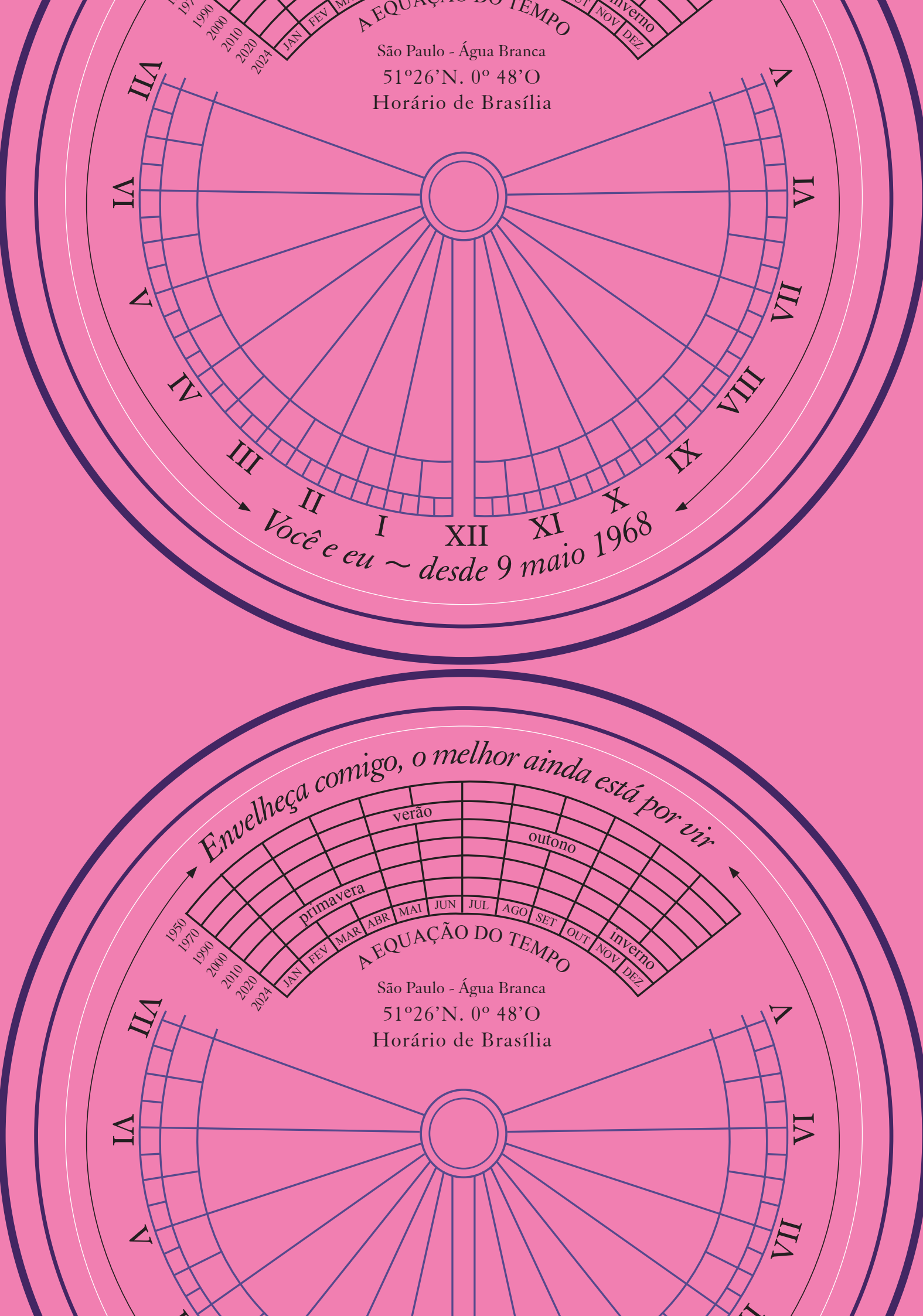


Para alguns, é uma surpresa encontrar idosos que não têm receio de aparentar a sua idade e vivê-la com intensidade sem se preocupar em permanecer jovens para se identificar com um senhor “Todo Mundo” (Landowski, 2012), ser assimilado pelo Outro e ter uma vida desprovida de relações e sentido. Alguns dos idosos, aliás, dançam de forma eufórica de frente para a grade, como se estivessem convidando aqueles que observam a participar também do encontro que lhes é tão prazeroso, estratégia que termina por criar um efeito euforizante em quem assiste a eles (Landowski, 2014). Esses idosos estão permanentemente seduzindo aqueles que estão do lado de fora, observando o evento da parte externa e se encantando com sua vitalidade e disposição durante interações estabelecidas no evento.

Enquanto muitos outros bailes acontecem em salões fechados e cobram pela entrada, o *Baile da Melhor Idade*, além de gratuito, oferece, em razão de sua disposição espacial, um local em que o frequentador estabelece relações providas de sentido. Quem comparece ao baile não apenas participa por algumas horas de um grupo de referência, como também admite outros que potencialmente podem se beneficiar da experiência. São ondas de pertencimento formadas, o que potencialmente pode ajudar a explicar o charme e o encantamento que lá existe. Deixam longe a ideia de que “idoso” é sinônimo de decadência e depressão. A autenticidade do idoso ao se expor bem-vestido e com todas as marcas do tempo em sua pele não tem uma conotação negativa para quem a vivencia — muito pelo contrário. Como Beauvoir (2018, p. 40) ressalta:

Quando se fala de “bela velhice”, de “velhice vigorosa”, significa que o homem idoso encontrou seu equilíbrio moral e físico e não que seu organismo, sua memória, suas capacidades de adaptação psicomotoras sejam a de um homem jovem. Nenhum homem que vive muito tempo escapa a velhice: é um fenômeno inelutável e irreversível.





3. A ressemantização do viver desgastante dos idosos pelo *Baile da Melhor Idade*

O ser humano nasceu para manifestar a alegria que tem dentro de si, e o que parece é que se vive uma vida toda para descobrir finalmente na velhice tudo o que foi deixado para trás por falta de tempo ou mesmo por julgamento, medo ou vergonha. Dentro dessa perspectiva, é possível finalmente ser inteiro e expressar a luz que existe em cada um. Em passagem do livro *A return to love: reflections on the principles of "A course in miracles"*⁶, a autora Marianne Williamson (1992, p. 190, tradução livre) registra:

Nosso maior medo não é o de sermos inadequados. Nosso maior medo é o de sermos poderosos além da medida. É a luz, não a escuridão que mais nos assusta. Nos perguntamos: "Quem sou eu para ser brilhante, lindo, talentoso, fabuloso?"

Na realidade, quem é você para não ser? Você vem de uma fonte abundante. Ao se fingir pequeno, você não contribui para o mundo. Não há nada de iluminado em se apequenar para que outros não se sintam inseguros ao seu lado. Todos nós fomos feitos para brilhar, assim como as crianças. Nascemos para manifestar a glória divina que está em nós. Não apenas em alguns de nós: em todos nós. E quando permitimos que nossa luz brilhe, inconscientemente damos a mesma permissão a outros. Ao nos liberarmos do medo, nossa presença automaticamente libera as outras pessoas.

O ato de se vestir para ir ao baile, dançar durante algumas horas com outros frequentadores, vivenciar a música ao vivo, promove horas de descontração que constroem lembranças, ao mesmo tempo que promovem estados de vida eufóricos. Com a ambiência da música, da dança e da possibilidade do autocuidado por meio do vestir, abre-se uma possibilidade de ressignificação da vida dos idosos, que por muitas vezes podem se sentir destituídos de sentido em seu viver. Tornam-se, ao participar do baile, destinadores de si (Greimas; Courtés, 2021). Como escreveu Loiola (2021b, p. 198): “Não seria assim a velhice, o momento de um estado de graça, do simplesmente ser, livre de todas as exigências sociais”?

3.1 A dança e a música no baile

Ao pensar no idoso, que, apesar da idade, busca conectar-se com sua própria fonte abundante de energia, que pode ser ainda mais vibrante nessa fase, cabe reconhecer a importância do dançar nessa construção. Pesquisas evidenciam a dança como atividade importante para a manutenção da saúde mental e física dos idosos (Rehfeld *et al.*, 2017). Doenças podem ser prevenidas e tratadas, ou mesmo minimizadas, por meio da aquisição e do desenvolvimento do hábito de dançar. Isso

acontece porque, ao executarem as coreografias, os idosos mantêm ativas importantes regiões do cérebro, além da sociabilização que a dança proporciona. O dançar oferece também vários outros benefícios. Um deles é o equilíbrio, algo que se perde com a idade, assim como a agilidade, a flexibilidade e a manutenção dos músculos e do vigor físico. Quando os idosos convivem com a música, por sua vez, acabam por fortalecer seu cérebro com os estímulos fornecidos, que permitem o estabelecimento de novas ligações neurais. Como ilustrou um dos frequentadores, um militar aposentado⁷:

Eu sempre fui muito ativo. Eu venho ao baile todos os dias da semana. Na verdade, na sexta-feira, eu saio daqui às 17:00, tomo um ônibus, vou para outro baile e fico lá até às 20:00. Sempre que venho, durmo como uma pedra. Quando eu não consigo vir, por estar doente ou por outro motivo qualquer, sinto que meu corpo fica enferrujado.

Os autores do referido artigo, por fim, concluem sua análise sobre a importância da dança (e o mesmo vale para a música) para o público idoso com um pensamento que reforça conceitos explorados no decorrer desta pesquisa: eles acreditam que a dança é uma ferramenta poderosa para estabelecer novos desafios para o corpo e a mente na idade avançada (Rehfeld *et al.*, 2017). Albuquerque (2021, p. 45) amplia esse pensamento:

Dançar não descarta o envelhecimento, não rejuvenesce o indivíduo que dança; não é a descoberta da juventude eterna; mas pode oferecer um novo olhar para a velhice; permitindo descobrir que o corpo,

mesmo com as limitações crescentes, tem muitas possibilidades. Novos movimentos sur-

7

Depoimento feito no primeiro semestre de 2023, quando o baile acontecia às terças e sextas-feiras.

gem das adaptações, a autoestima se renova e o sentimento de inutilidade se dissipa. O corpo precisa ser aceito, precisa ser cuidado, respeitado em suas necessidades e limitações. Ele é o que se é, é impossível viver plenamente, experimentar o mundo sem aceitar o instrumento de que dispomos para isso.

Ao entrar no baile e presenciar os idosos dançando, sente-se imediatamente a manifestação da alegria no ambiente. Isso transmite a impressão de que, com a proximidade do fim da vida, adquire-se consciência da perda de tempo que muitos tiveram por estarem preocupados com as convenções sociais, o que faz com que essas pessoas finalmente, por meio da dança, possam se expressar e, assim, sentir o prazer e a felicidade de moverem seus corpos no ritmo da música com liberdade. De fato, conforme Garaudy (1980, p. 25-26):

Dançar a vida não seria, antes de tudo, tomar consciência de que não apenas a vida, mas o universo, é uma dança, e sentir-se penetrado e fecundado por este fluxo do movimento, do ritmo, do todo? Em cada um de nossos gestos toda a palpitação do mundo, todas as suas interações estão presentes, refletem-se e se repetem, concentram-se com um espelho convergente. Neste diálogo de movimento entre nosso ser ínfimo e o todo é a invisível e incessante vida do todo, que respira com nosso alento e pulsa com nosso sangue. Viver é, antes de mais nada, participar [...] desse movimento, desse ritmo, dessa totalidade, porque, mesmo durante nosso sono, vela em nosso peito a lei da dupla batida, a da nossa respiração e a do nosso coração.

Essa possibilidade de viver uma vida repleta de sentido, todavia, não é o único caminho que pode ser seguido — pelo contrário, é mais uma exceção do que uma regra. Sabe-se que muitos idosos, ao se aposentarem,

ficam perdidos com o tempo que terão de folga, o qual é muito maior do que quando tinham uma vida profissional ativa. Para Beauvoir (2018), essa é a tragédia do envelhecimento. O trabalho e a fadiga mascaram a falta de sentido da vida. Nesta fase, os idosos são obrigados a enfrentá-la. Isso proporciona a esses sujeitos uma sensação de tédio e vazio existencial, o que termina por deixá-los, muitas vezes, paralisados e deprimidos com sua condição. Segundo Albuquerque (2021, p. 44),

limitar os dias da pessoa velha a uma cadeira de balanço, um rádio ou uma TV ligada e fazer crochês, determina que todos ao envelhecer se interessam por um número de atividades limitadas e limitantes, que não lhes darão mais esperança de vida, tão pouco lhes proporcionará mecanismos para ressignificar o momento da velhice; em qualquer fase da vida, é humano garantir meios para que seja possível atravessá-la com bem-estar.

Ao dançar, o idoso tem a capacidade de reconectar-se com sua energia vital. Todos ali presentes — mesmo às vezes não dançando, mas só assistindo às danças — esteticamente se alimentam dessa energia (Landowski, 2014) que se dá entre eles. Para Garaudy (1980, p. 21):

Toda a dança implica participação: mesmo quando ela é espetáculo, não é apenas com os olhos que a “acompanhamos”, mas com os movimentos pelo menos esboçados de nosso próprio corpo. A dança mobiliza de algum modo, um certo sentido, pelo qual temos consciência da posição e da atenção de nossos músculos, como os canais semicirculares de nosso ouvido nos dão consciência de nosso equilíbrio e o comandam.

A interação, entre quem dança e aqueles que a assistem, se dá por meio do ajustamento (Landowski, 2014). Os frequentadores do baile vão para

experienciar a atividade da dança, salvo algumas pessoas que, por timidez, ou mesmo por uma limitação física em participar, acabam assistindo aos demais moverem seus corpos. Para esses, a oportunidade de apenas presenciar os demais faz com que a sensação vivida por intermédio do corpo do outro ressoe de forma singular e construa sentido. Como disse uma frequentadora, que enfatiza essa união resultante da experiência:

Venho ao baile há algum tempo. Comecei a vir depois da pandemia. Venho só para assistir. Não perco um dia sequer. Muitas vezes, os casais me chamam para dançar e sacudir um pouco. Me dá uma alegria muito grande em ver eles dançarem. A impressão que tenho é que, mesmo que esteja sentada, estou dançando.

Além do regime do ajustamento, acontece também a interação por estratégia (Landowski, 2014) entre aqueles que estão sentados e quem está dançando, que pode ocorrer de duas maneiras distintas (figura 35). Na primeira, quem a está assistindo sanciona (Fiorin, 2022) a performance do dançarino de forma positiva, tal qual pode ser observado em diferentes manifestações, como a partir de um sorriso de alguém que está olhando, por exemplo, ou então da vivacidade com que eles assistem à dança ou com que batem palmas encorajadoras. A segunda manifestação da estratégia é realizada por aquele que dança, que, com o seu ritmo e balanço, seduz e encanta os demais que estão assistindo à sua performance. Na sedução, há um esforço do sujeito — no caso, o dançarino — para performar e, dessa forma, corresponder ao simulacro (positivo) que aqueles que assistem a ele atribuem. Como disse uma frequentadora, que também contribui com a organização:

Cada um quer se mostrar mais do que o outro. E quando eles percebem que tem alguém assistindo, aí é que eles ficam amostrados para valer. Eles tentam mostrar ainda mais os passos difíceis que possuem na dança. Eu fico é muito feliz, porque assim a gente

vê as habilidades dos nossos amigos aumentando e também pode assistir um show de graça.



Interação no segundo salão entre casal que está dançando e quem assiste a ele. É possível notar como o casal executa de forma primorosa a dança e como o público o observa atentamente.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

FIGURA 35

Além das interações entre quem está sentado e quem está dançando, pode ser observado que esse público muitas vezes inverte o papel entre si. O dançarino, que é destinador, ao fazer os movimentos na pista de dança, também gosta de realizar pausas e assistir ao baile, assim colocando-se como destinatário e, dessa vez, experimentando a sensação de quem a ele havia assistido, sendo ele próprio assistente dessa feita. Destinador e destinatário são, na semiótica, os dois actantes do processo comunicacional, enquanto o idoso, actante no baile, muitas vezes transita entre os dois papéis.

São ações que podem ser desenvolvidas de forma programada, intencional ou sensível entre os idosos, implicando uma troca de papéis e de posições físicas que torna menos previsível o desenrolar do baile. Os mesmos dançarinos, que uma vez estavam no papel temático (Fiorin, 2022) de exímios “pés de valsa”, também sentem prazer em observar essas interações, encontrando assim novos caminhos que ampliam o seu repertório para a dança. Esses migram do regime de estratégia para o de ajustamento ao interagir de forma sensível com os que dançam.

Ao contrário do receio de muitos que têm parentes idosos quanto a eles poderem lesionar-se durante a vivência do baile, lá os acidentes são muito raros de acontecer, e o ajustamento, de fato, junto à estratégia são os regimes mais vivenciados pelos participantes ao dançarem, apesar mesmo de toda a programação que os organizadores buscam executar (Landowski, 2014), estabelecendo uma série de regras, tais quais as mencionadas anteriormente, para serem seguidas pelos frequentadores.

Em vários momentos da dança, o ajustamento (figura 36) pode acontecer quando um casal está dançando junto, o que mostra o princípio da sensibilidade. Às vezes há uma sinergia entre o homem e a mulher — ou entre mulheres quando estas decidem formar um par — e a troca faz com que se perceba a fluidez do movimento e o ato de respirar juntos. Mesmo quando a pessoa está sozinha bailando (figura 37), o ajustamento acontece com os demais que estão dançando. Os dança-

rios sincronizam os passos, cantam juntos, trocam olhares e uma onda de pertencimento e comunhão acontece no grupo.

Na estratégia, muitas vezes, um dos parceiros, que tem mais habilidade na dança que o outro, impõe o seu ritmo (figura 38). O parceiro manipulado fica sem espaço para se colocar, para se expressar. Nessa situação, existe uma dominação, uma supremacia de um sobre o outro. Em contrapartida, uma simultaneidade de regimes de interação pode ocorrer durante a dança: mesmo quando, no início, um dos parceiros impõe, seguindo a lógica da intencionalidade (Landowski, 2014), os passos sobre o outro, ao longo do bailado, a fluidez dos movimentos os aproxima, eles se ajustam nos seus ritmos internos e aos externos da música, dando-se então uma lógica da união. Acontece, assim, uma estratégia que conduz a um ajustamento. Essas interações mostram, de acordo com Greimas (2017), o ver e ser visto como concretização da estesia, que se encontra, pois, distribuída sobre o objeto e sobre o sujeito, como é o caso dos passos harmoniosamente executados no baile, além de marcar o sincretismo dos dois actantes, uma fusão momentânea do homem e do mundo, reunindo, ao mesmo tempo, para dizer, como Descartes, a paixão da alma e a do corpo.

FIGURA 36

Casal dançando, de forma que se pode sentir um ajustamento, que estabelece uma lógica de união. Percebe-se a interação entre os dois, que estão em harmonia ao bailar.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



No segundo salão do baile, mulheres sozinhas dançam em frente ao palco, no qual se concentram para dançar, formando uma turma que interage entre si e com os cantores. Segundo uma frequentadora, “aqui é o lugar das mariposas, estamos felizes sozinhas, sem companheiro”.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

FIGURA 37



Duas mulheres dançando no primeiro salão do baile. Existe, no baile, maior liberdade para que as mulheres dance entre si, sem necessidade de depender de um parceiro do gênero masculino. Isso não as impede de estar em movimento e dançar juntas. Para os frequentadores do baile, isso é visto de forma natural. Desta maneira, duas amigas podem dançar juntas, mãe e filha também, e assim por diante. Aqui a mulher de vestido estampado comanda intencionalmente o dançar.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

FIGURA 38

Os que estão caminhando pelo parque não conseguem ficar indiferentes ao ouvir as músicas que são tocadas nos salões do baile. Os ritmos são constituídos por músicas famosas que remontam a épocas passadas e propiciam momentos nostálgicos como boleros, músicas caipiras, forrós, sambas, sertanejos, chá-chá-chás e valsas, que, por si só, fazem lembrar os tempos de outrora. Os cantores também podem cantar grandes sucessos contemporâneos, como rocks e samba-rocks, o que mostra uma linha contínua entre o viver com música ontem e hoje, atestando a presença da música que marca o viver. É nesse momento em ato que acontece uma fratura (Greimas, 2017) para aquele frequentador que está realizando uma atividade física ou apenas passeando pelo parque quando, repentinamente, ouve essas músicas tocando em plena tarde. Muitos param em frente às grades ou às janelas do baile e se deixam levar por aquele acontecimento inesperado. Ao ter contato pela primeira vez com o evento que está acontecendo, esses passantes se permitem, pelo menos por alguns instantes, ter a oportunidade de vivenciar e interagir com a música e com a dança, mesmo estando do lado de fora (figura 39). Aqueles que estão aproveitando o baile, além de estarem dançando, estão cantando em coro com os cantores as músicas que estão sendo tocadas, uma vez que elas fazem parte do repertório desses idosos (figura 40).

FIGURA 39

Transeuntes, ao passarem em frente ao baile e ouvirem a música, sensibilizam-se e se permitem um tempo para viver um momento diferente dos de suas rotinas.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Frequentedora do baile, em frente ao palco, no segundo salão, acompanha a música com o balanço do corpo e o cantar. Ela está tocada pela energia e pela interpretação da música dos cantores.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

FIGURA 40

Os organizadores planejam o evento de forma que a cada dia da semana se tenha a apresentação de uma banda ao vivo (figura 41). O repertório das músicas pode se diferenciar um pouco, mas sempre gira em torno dos mesmos ritmos. Essas bandas estabelecem a escolha de quatro músicas a serem tocadas de maneira que os cantores apresentem seleções por ritmo. Por exemplo, podem ser tocados quatro forrós seguidos de quatro boleros, alternando ritmos mais intensos com outros mais cadenciados para que os frequentadores possam se recuperar. De tempos em tempos, é feita uma pausa a fim de que os dançarinos possam descansar, tomar água e fôlego para seguirem adiante. Na metade do evento, há uma pausa maior para que os cantores possam relaxar, momento em que são tocadas músicas gravadas para aqueles que querem continuar dançando. Mais uma vez, trata-se de uma ruptura com o simulacro do idoso como sendo alguém em más condições físicas ou mesmo incapaz de realizar atividades vigorosas. Esse estereótipo é derrubado pelos participantes do baile que vivem momentos euforizantes, associando-se às vidas dos jovens, e não às daqueles que, em teoria, estão na finitude da vida.

FIGURA 41

Cantores no palco, situado no segundo salão, interpretando músicas de um repertório animado que combina sucessos antigos e contemporâneos. Ao fundo do palco, pode-se ler o *slogan* “Desperta para a vida, toda hora é hora”. Esse enunciado mostra uma estratégia para que os idosos não se acomodem no enfado, pois, mesmo estando na finitude da vida, em qualquer momento você pode ser destinador de si mesmo. Não há hora para construir sentido para a vida.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Portanto, o que se pode observar no *Baile da Melhor Idade* é a sede de viver desses idosos que, pelo menos três vezes por semana, encontram-se de forma espontânea na arena do salão do baile para construir sentido a essa nova fase da vida. Ao resgatar esse conjunto de interações, é pertinente mencionar um pensamento da personagem Zaratustra, tal como foi feito na obra de Nietzsche (2005, p. 19): “Elevai os vossos corações, meus irmãos, ao alto, mais alto! E não esqueceis também as vossas pernas. Elevai também as vossas pernas, vós, bons dançarinos, melhor ainda: faça também o pino!”.

Nessa etapa da análise sociosemiótica, os frequentadores do baile estudados podem ter suas interações organizadas a partir de um quadrado semiótico, representado na figura 42.



A reflexão permite depreender que a vida que cada um realiza é constituída de distintas etapas, contínuas e, na maior parte dos casos, previsíveis (infância, adolescência, vida adulta e velhice — consciência da finitude). Assim, a vida é percebida pela programação, na qual o sujeito realiza rotinas de acordo com seu momento. Após a aposentadoria, a maioria dos idosos permanece em casa com uma rotina reduzida de atividades de lazer e poucas interações sociais, tomados pelo enfado. Neste momento, segundo Landowski (2014, p. 14), “[...] esse estado de alma no qual o mundo, vazio de sentido, de interesse, de valor, dá a impressão de estar ausente e no qual, correlativamente, o sujeito prostrado no sentido de sua própria incapacidade de existir”.

Em oposição a esse estado de alma, os idosos, em um movimento inesperado, vivenciam uma fratura. Para Bogo (2018, p. 16), “As fraturas seriam as irrupções súbitas e inesperadas do sentido, como pequenos milagres que retiram o sujeito de um estado de anestesia para fazê-lo experimentar brevemente o momento estésico”. Conhecem e vão ao baile, se arriscam em uma atividade diferente e passam a ter uma vida surpreendente, repleta de encontros e oportunidades imprevisíveis, pautada pelo regime do acidente.

O hábito de ir ao baile de forma intencional, após a aposentadoria, permite que os idosos se sintam vivos e produtivos ao enriquecer o cenário proposto e ampliar a abundância de oportunidades para seus frequentadores. Ao se depararem com diferentes modos de se relacionarem com os demais, compreendido como uma estratégia para enfrentar a situação, acabam transpondo, no sair de casa, uma realidade circundante que possibilita a eles viver momentos de pausa nos quais novas relações são construídas a partir da interação do que acontece.

A descoberta do baile e as possibilidades oferecidas nas interações sensíveis desses idosos fazem com que eles construam novos significados a partir da liberdade e da possibilidade de serem novamente (ou finalmente) destinadores de si mesmos. O baile sensibiliza os idosos a se entenderem entre si, de forma, ao mesmo tempo, madura e serena

para preencherem de sentido essa fase da vida — relações organizadas, portanto, pelo regime de sentido do ajustamento. A descoberta do encanto, do cantar e do dançar desabrocha uma liberdade para além da vida cotidiana, criando sentido para a velhice ao oferecer uma escapatória para que a vida seja ressemantizada. A escapatória, de acordo com Bogo (2018, p. 16), são apreensões sensíveis que permitem “[...] a construção de sentido do [...] sujeito em suas práticas cotidianas”.

3.2 Os modos de vestir para a construção da aparência dos idosos no baile

Diante do paradigma que é o guarda-roupa de alguém, escolhe-se diariamente o que irá vestir, o que compõe o *look* de cada um, aquilo, por sua vez, que é uma organização sintagmática, arranja um conjunto de formas vestimentares da pessoa. Em sincretismo com o corpo, constrói sentido, em primeiro lugar, a quem fez essa escolha no universo de seu paradigma. Na interação do corpo vestido com os corpos vestidos de outras pessoas, o sentido se concretiza.

Pesquisas em outras áreas do conhecimento apontam na mesma direção. Adam e Galinsky (2012), por exemplo, realizaram um estudo que sugere que as roupas não apenas possuem significados simbólicos, mas que a ocorrência simultânea do significado simbólico da roupa com a experiência física de vesti-la impacta a imagem que o sujeito tem de si. Esse é o fenômeno denominado como cognição do vestuário (do inglês *enclothed cognition*). As interações entre essa imagem que ressignifica o idoso para si próprio e para o grupo com o qual interage acontecem no baile, uma vez que o exercício entre corpo e vestimenta traz novos significados. Quanto a isso, Greimas (2017, p. 83) reitera que “vestir-se é coisa séria e toda a inteligência sintagmática é empregada nesse ato: eis aí uma sequência de vida ‘vivida’, como uma sucessão ininterrupta de escolhas e que conduz pouco a pouco a construção de um objeto de valor”.

Muitos idosos deixam de experienciar essa aventura constante de construir sua identidade por meio do seu arranjo vestimentar, atividade que acontecia de forma muito mais frequente quando esses sujeitos eram jovens, quando se vestiam para trabalhar e para vivenciar atividades de lazer — é esse ato de escolha do que vestir, um assumir-se, que é abandonado por muitos em idade avançada.

Para os idosos, passa então a existir o estigma de permanecer de pijama o dia inteiro. Utilizado para ficar em casa, esse “uniforme”, pode desencadear o hábito de não se ter mais autocuidado e ir da cama para a sala e da sala para o quarto — deve-se destacar que esse hábito foi ampliado para os mais jovens durante a quarentena em razão da Covid-19 e mesmo após a pandemia com a expansão do trabalho remoto (Motta, S.; Rabello, 2021). Essa forma de estabelecer a rotina faz com que a pessoa idosa perca as suas demais referências e comece a ficar alienada em relação ao *zeitgest*, isto é, ao tempo em que se está vivendo. Perde, assim, referenciais importantes que eram pautados por diferentes formas de vestir, nos dias da semana e finais de semana, datas comemorativas e férias, fazendo com que o idoso se distancie do convívio social.

De fato, desde os primórdios da história da civilização, as roupas cumprem um importante papel. No princípio, elas eram utilizadas para manter os corpos das pessoas aquecidos e protegidos das intempéries do tempo; com a evolução da sociedade, outras funções foram atribuídas, conforme explicam S. Motta e Rabello (2021, p. 19):

[...] outras funções foram agregadas, até a moderna complexidade que as possibilidades de vestuário oferecem [...]. As roupas não apenas têm funções de preservação da vida, mas são uma forma de expressão humana e de seus valores, como ao serem utilizadas para demonstrar riqueza e poder (como as vestes reais), pertencimento a um grupo (uniformes de soldados), posição social, expressão criativa etc.

O corpo do idoso difere daquele de outras fases da vida, em especial do corpo jovem. Este último é muito valorado em nossa sociedade, relacionado com o belo e com o padrão pretendido, sendo assim possuidor de um valor eufórico. O oposto se dá com o corpo idoso, que é associado a valores disfóricos. Loiola (2021a, p. 93) apresenta como esse preconceito se manifesta: “o belo está na pele lisa, esticada e o feio são as rugas, as linhas de expressão e as marcas da vida”. Repleto de marcas que o tempo impingiu, ele passa a ser coberto, protegido, por uma vergonha, um recato que se espera do idoso. Dessa maneira, as vestimentas são utilizadas como uma maneira de blindá-lo do olhar reprovador dos demais. Para atender a essa prescrição, os idosos passam a utilizar roupas mais formais e opacas, até mesmo sem-graça, que não chamam a atenção e também invisibilizam as silhuetas de seus corpos e os próprios sujeitos.

A essas prescrições impostas pela sociedade somam-se aquelas que o próprio baile estabelece, tais como a utilização de sapatos formais, a proibição da utilização de saias curtas pelas mulheres, e assim por diante. O ambiente diverso e inclusivo do baile, ao se estender para os modos de vestir, subverte essa lógica. Os corpos ganham conotações distintas a partir da roupa utilizada. Os idosos, em seus melhores trajes, desfilam entre um salão e outro para dançar, conhecer novos amigos e até mesmo começar um namoro. Apesar das regras sobre o modo de vestir, eles conseguem, de forma muito criativa, expressar suas identidades, afinal, como Eco (1989) coloca, o homem fala por meios das suas roupas. A oportunidade que o baile oferece proporciona uma escapatória para os frequentadores, que, muitas vezes, estão oprimidos pelas normas sociais que lhes são impostas. Para Loiola (2021a, p. 95):

Sobre o vestir na velhice, o que é programado e esperado em nossa sociedade, embora tenhamos sinais de uma mudança sutil e progressiva, é a regularidade de um dever ser mais comportado nessa fase. Um dever ser menos audacioso e aventureiro nas cores e nas modelagens das roupas.

Para quem nunca visitou o baile, pode até parecer que os idosos irão desenvolver interações arriscadas durante o evento, afinal não estão em um local protegido e confinado, mas, sim, estão se aventurando, confraternizando, vivendo intensamente aqueles momentos. Aquelas alteridades estão celebrando a vida; naquele ambiente, eles são sujeitos inteiros que são admitidos, não se sentem excluídos nem segregados (Landowski, 2012). Eles se tornam o próprio grupo de referência, destinadores de si, identidades dominantes naquele espaço. A esse respeito, como explora Loiola (2021a, p. 100), “o envelhecer oferece essa possibilidade de tornar o indivíduo destinador de suas vontades. O vestir na velhice, compreendido a partir da construção de novos sentidos com o mundo no tempo presente, pode propiciar novos arranjos dos modos de ser e de estar”.

Ao analisar as interações entre corpo e roupa que ocorrem no baile pelo vestir, percebe-se que são várias motivações que levam os idosos a optarem por caminhos distintos para se expressarem pela sua aparência. Uma participante, com 83 anos de idade, destacou essa atenção e esse cuidado, que passa a ser algo que a identifica e a distingue daqueles que não vivenciam a experiência (figuras de 43 a 46). Segundo ela:

Vir ao baile, além de ter esse encontro com pessoas que eu vejo há mais de 25 anos, faz com que eu queira continuar me cuidando. Eu ainda passo um tempo reinventando as minhas roupas, uma vez que eu fui costureira, para poder me vestir da melhor forma para o baile.

FIGURAS 43, 44, 45 e 46

Frequentedora, que é costureira aposentada e que, após anos costurando, descobriu a possibilidade de customizar e reinventar suas próprias roupas a partir do guarda-roupa que ela já tem. Cria uma estética única, que a faz construir sentido às suas habilidades antigas, de acordo com sua nova fase de vida.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



A consultoria de imagem e estilo propõe a construção de uma identidade visual por intermédio de sete estilos universais: clássico, elegante, natural, romântico, dramático, criativo e sedutor (Taco Blog, 2023). Essa abordagem tenta encaixar as pessoas dentro destes, o que pode por vezes não captar as complexidades dos indivíduos. Outra abordagem, elaborada por Ilana Berenholc (2024), explora 32 universos visuais que traduzem sensações únicas em imagens e, assim, buscam desenvolver uma expressividade pessoal que reflete o indivíduo em todos os seus papéis sociais.

Sem pretender esgotar o assunto, esta análise busca oferecer uma abordagem mais abrangente, oferecida pelas contribuições da socios-semiótica (Landowski, 2014) e pelos simulacros da aparência (Oliveira, 2007, 2021), sobre a relação entre corpo e roupa dos sujeitos idosos que frequentam o baile. Nesta abordagem, não existe a pretensão de desenvolver uma identidade visual para um sujeito; a intenção é fazer as análises para vislumbrar em qual constelação (Landowski, 2014) o sujeito se situa: naquela da prudência (programação e estratégia) ou da aventura (acidente e ajustamento). De acordo com Oliveira (2007), são quatro as interações a partir das quais esse encontro pode ocorrer: o vestir-se com fins práticos na programação; o vestir-se pela roupa no acidente; o vestir-se com fins simbólicos na estratégia; e, finalmente, o vestir-se para si, no ajustamento (quadro 1).

QUADRO 1 - TIPOLOGIA DAS RELAÇÕES DO CORPO VESTIDO	
Vestir-se com fins práticos <i>Programação</i> Fundado na regularidade Cumprimento das prescrições	Vestir-se pela roupa <i>Acidente</i> Fundado na aleatoriedade Destaque para a roupa
Vestir-se com fins simbólicos <i>Estratégia</i> Fundado na intencionalidade Corpo e roupa como status social	Vestir-se para si <i>Ajustamento</i> Fundado na sensibilidade Integração corpo e roupa

Fonte: Adaptado de Oliveira, 2007.

Em primeiro lugar, emerge o regime da programação, representado pelo vestir-se com fins práticos — é aquele idoso que se veste de acordo com as prescrições estabelecidas pelo baile (figuras 47 e 48). A roupa para esse sujeito tem uma funcionalidade, como a de proteger o corpo e recobrir a nudez. A esse respeito, segundo Loiola (2021a, p. 95),

[...] o que é programado e esperado na sociedade, embora existam sinais de mudanças sutis e progressivas, é a regularidade de um dever ser mais comportado nessa fase da vida, um dever ser menos audacioso e aventureiro nas cores e nas modelagens das roupas.

Aqui não há destaque de um sobre o outro. Essa possibilidade acontece, mas não é uma recorrência muito grande entre os sujeitos frequentadores desse baile em específico, ao contrário do que ocorre nos outros bailes para esse público. Aqueles que participam do *Baile da Melhor Idade*, por não estarem tão preocupados em atender ao simulacro do idoso, constroem sentido pela e na diferença, tal qual proposto por Saussure (Landowski, 2012).



FIGURA 47

Casal dançando no primeiro salão. Sugere-se que a aparência estabelecida pela interação entre corpo e roupa situa-se no regime de programação.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



FIGURA 48

Frequentedora vestindo roupas com características funcionais e com cromatismo sóbrio e discreto, apesar de, no corte da roupa, ela estar vestindo uma regata, a qual faz aparecerem o colo e os braços que apresentam as marcas do tempo de suas experiências vividas. Nessa imagem, observa-se que a programação não é tão rígida, pois quem se veste pensando exclusivamente no que se espera de uma idosa optaria por mangas que cobrissem os braços.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

A segunda possibilidade apresenta o vestir-se pela roupa, que ocorre sob o regime do acidente. Neste, é pela roupa que o corpo aparece. O idoso pode vestir-se de forma inusitada e disruptiva (figuras de 49 a 51), construindo sentido para si e para os demais frequentadores ao usar roupas e adereços customizados, que se afastam do convencional, além de que ele efetivamente coloca suas identidades nos visuais com que vai ao baile. Nesse regime, a invisibilidade não existe. A aparência exuberante e o idoso são vistos por meio da roupa. Para Duhigg (2016, p. 263), “a vida dos idosos pode mudar se eles aprenderem a se tornar subversivos”.

É uma ruptura com o olhar aplicado fora do espaço do baile, no qual as pessoas estão permanentemente se comparando com certo tipo ideal (Weber, 2015), que representa o grupo de referência ao qual muitos aspiram estar. Alguém jovem, produtivo, vigoroso, com prestigiosas relações sociais, sólidas condições econômicas, que se veste em conformidade com os padrões de bom e mau gosto estabelecidos pela sociedade – o “Senhor Todo Mundo” (Landowski, 2012). A iniciativa que muitos tomam de se vestir de maneira não convencional coloca os idosos por meio do seu vestuário na constelação da aventura. Para Landowski (2014, p. 69):

[...] pode-se tentar adotar, do interior, a perspectiva de um sujeito que está vivendo sua própria história e que, ignorando por milagre os modelos instituídos em circulação no seu entorno, ou conseguindo liberar-se deles, procuraria bravamente descobrir por si mesmo um sentido – uma significação e uma orientação – para seu próprio percurso de vida, visto a partir de um dos pontos pelos quais transita.

FIGURA 49

Frequentadora do baile com liberdade de uso de trajes de cores vibrantes. Utiliza também acessórios que compõem esse cromatismo alegre e jovial e faz com que ela se distancie das prescrições preestabelecidas para uma senhora de mais de 80 anos.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

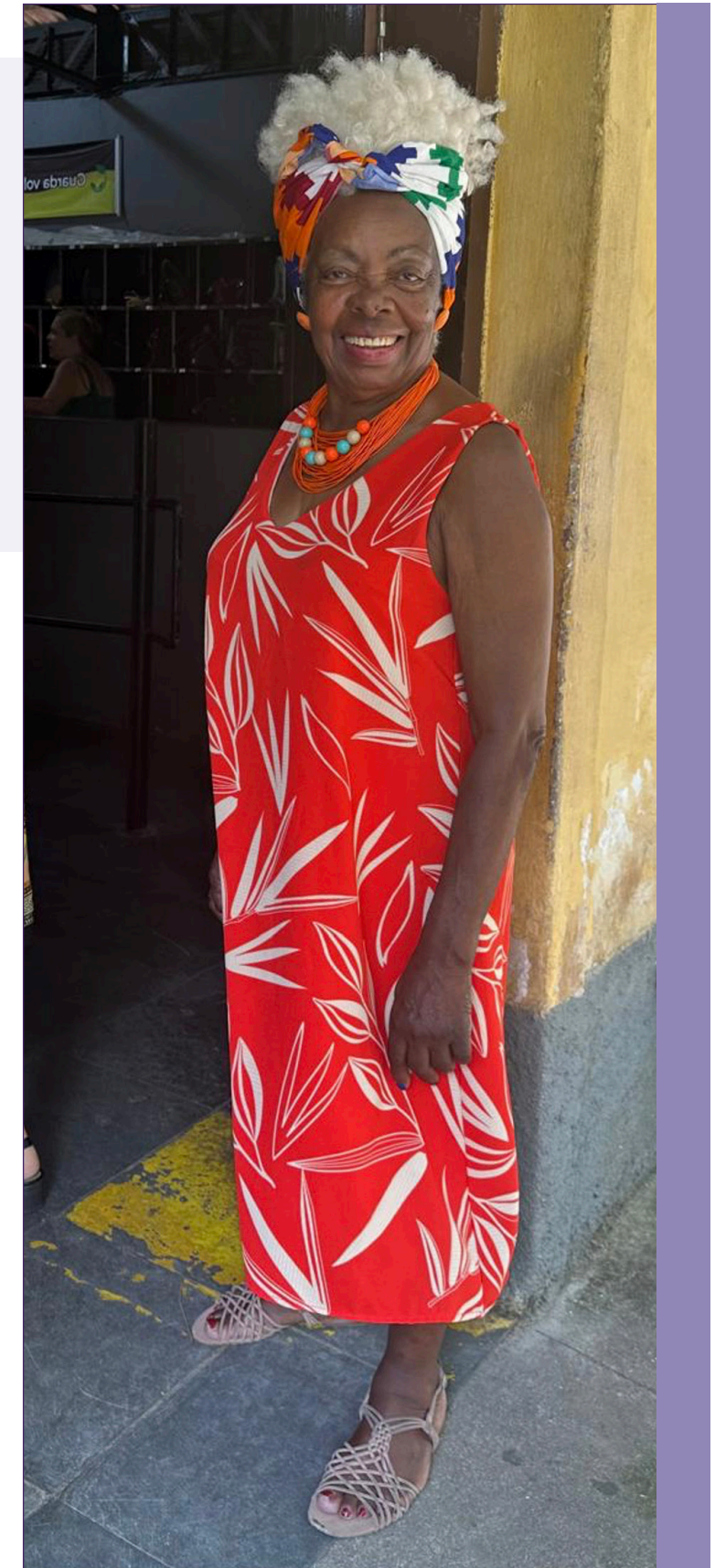


FIGURA 50

Frequentedora do baile vestindo um *look* que utiliza repertório próprio para afirmar sua identidade criativa e exuberante.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



FIGURA 51

Frequentedor que demonstra liberdade de escolha para a construção de sua aparência. A camisa em estampa poá difere do padrão masculino utilizado. Destaque para o contraste cromático entre claro e escuro das peças escolhidas para a montagem do sintagma vestimentar.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.



Em seguida, pode ocorrer o vestir-se com fins simbólicos pela estratégia. Aqui, intencionalmente, o sujeito idoso veste a roupa de forma que esta mostre seu corpo, realce as partes que lhe interessam, que lhe são favoráveis (figuras 52 e 53). Dessa forma, ele procura causar uma determinada impressão nos demais frequentadores. Para Loiola (2021b), nesse caso, o idoso escolhe estrategicamente *looks* que destacam pontos que ele julga positivo acerca do seu corpo e disfarçam outros que não considera favoráveis. Para causar essa impressão, ele vai utilizar vestimentas, acessórios e também a maquiagem. Ele pode vestir cores vibrantes nas roupas e nos acessórios, assim como cortes mais justos na intencionalidade de evidenciar o corpo e parecer mais jovem. A maquiagem vai ser utilizada para minimizar as rugas e outras marcas do tempo. Como disse uma das frequentadoras, de 72 anos de idade:

Nos dias em que eu venho para o baile, eu demoro quatro horas para me arrumar. Eu começo a me arrumar às 9:00 e só saio para o baile depois de lavar e secar meu cabelo, passar creme no corpo, colocar maquiagem e escolher a roupa ideal para o dia. Isso pode demorar muito, pois eu coloco em cima da cama as opções e passo um bom tempo escolhendo o que vou vestir. Eu acho um absurdo quando uma pessoa não está vestindo uma roupa limpa e bem passada. Não gosto de um homem que não tem zelo pela sua roupa e sua aparência.

FIGURA 52

Frequentadora utiliza vestido com o corte que evidencia a cintura e valoriza as curvas do seu corpo. Sua roupa tem cores vibrantes, que dão uma aparência jovem.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

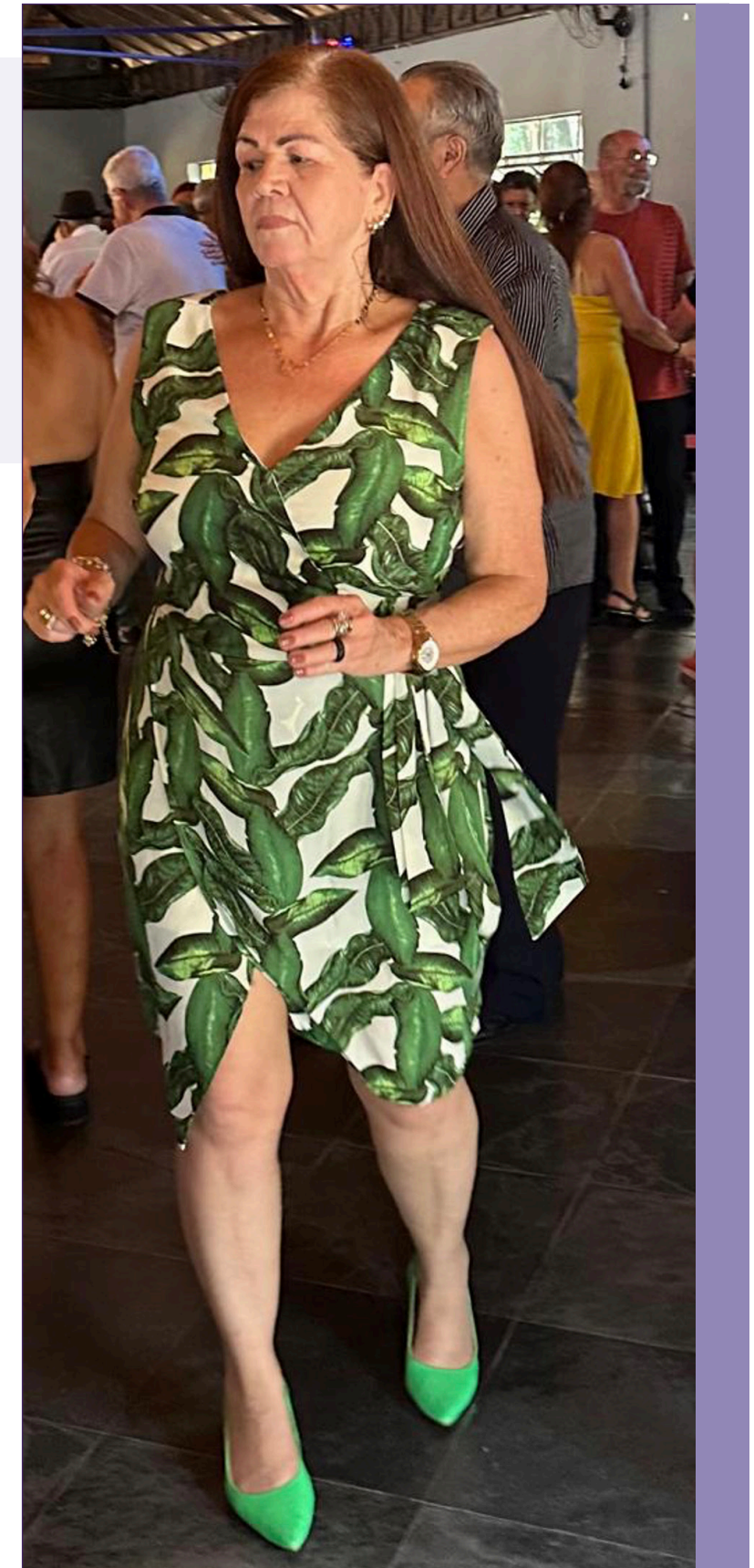


FIGURA 53

Frequentadora, sentada à esquerda, com cabelo, roupas e adereços estrategicamente pensados para realçar as partes do corpo que lhe são favoráveis, criando um simulacro jovem para sua idade.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Finalmente, no regime de ajustamento, que rege o vestir-se para si, o sujeito dotado de muito conhecimento de sua identidade veste a roupa para si mesmo. Nesse caso, o idoso tem liberdade de se expressar a partir de sua vestimenta, não há uma imposição da roupa sobre o sujeito e vice-versa. O que existe é uma perfeita união e congruência entre sujeito e a roupa (figuras 54 e 55). No ajustamento, alguns se vestem de maneira a se conectar com um tempo passado, no qual eles usavam roupas com essas características para sair e se divertir. É uma conotação nostálgica e saudosista, que remete à juventude deles.

A vestimenta, no ajustamento, confere dignidade e movimento aos idosos, permite que eles dance e celebrem a vida. Eles estão utilizando suas roupas com liberdade para expressar seus estilos de vida, há um sentimento de valor que a roupa confere à imagem do indivíduo (Motta, S.; Rabello, 2021), que tem a oportunidade de colocar uma roupa especial, para uma ocasião (o baile) também especial. O baile oferece esta oportunidade de o idoso que o frequenta não apenas deixar de se comparar com o Senhor Todo Mundo que mobiliza a sociedade convencional, como também de criar e participar de um novo grupo de referência, que existe de uma forma mais inclusiva e democrática, que aceita e acolhe a diversidade. Como disse uma das frequentadoras:

Eu me aposentei como costureira e sempre costurei os meus próprios vestidos. Gosto muito de me vestir bem e faço peças que me fazem sentir muito bem. Quando há ocasiões especiais, como uma festa junina, costuro meu vestido para que eu esteja preparada para o evento. Tenho muito orgulho do resultado, fico muito bem.

FIGURA 54

Frequentadora do baile vestindo um *look* que destaca suas características fortes, refletindo uma beleza conectada com o seu momento de vida. A roupa não se sobressai: há uma união entre corpo e roupa.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Frequentador do baile, em sintonia com sua idade, sem intenção de rejuvenescer; ao contrário, mostra-se com autenticidade, dono de si, orgulhoso de sua identidade. Há união do corpo e da roupa.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

FIGURA 55

Os corpos dos idosos, cheios de marcas do tempo, são suportes profundos para que a roupa revele suas identidades. Ao estudar os corpos vestidos daqueles que estão no baile, a tipologia oferecida por Oliveira (2007) permite desenvolver uma análise semiótica desses sujeitos, que podem vestir-se com fins práticos (programação) pela roupa (acidente), com fins simbólicos (estratégia) para si (ajustamento). Enquanto a dança é o elemento que os une durante o baile, a construção da sua identidade se dá por meio da vestimenta. Escolher como vestir-se é um desafio que as alteridades enfrentam pelo menos três vezes por semana, por conta dos dias dos bailes. Assim, nessas ocasiões existe uma possibilidade de ver e ser visto de forma singular, revisitar os paradigmas presentes no seu guarda-roupa, elaborar criativamente sintagmas e revelar novos modos de presença com que enfrentam o seu envelhecimento. Loiola (2021a, p. 100) escreve que: “As variações na escolha do vestuário constituem indicadores importantes dos modos de presença dos idosos, revelando suas formas de viver, suas identidades e até a experiência existencial da relação com o próprio envelhecer”.

Lago Parque da Água Branca, em São Paulo (SP), Brasil.

Fonte: Wikimedia/Isabella S. Carvalho, 2016 [2024].

Disponível em: <https://ebbs.short.gy/bEuWUy>.





Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, constatou-se o acentuado crescimento da população idosa nos últimos anos, assim como uma maior preocupação com seu bem-estar, evidenciada em iniciativas em diferentes esferas. Ainda assim, os idosos encontram dificuldade para viverem a velhice em sua plenitude. Um dos motivos é o estereótipo que a sociedade tem com o idoso como sendo alguém que não trabalha com a mesma intensidade do que quando era jovem e não tem o mesmo vigor físico e intelectual de antes. Devido a esse etarismo praticamente institucionalizado, as pessoas idosas são muitas vezes segregadas, condenadas a um final de vida com pouca interação social e relegadas a passar quase todo o tempo dentro de suas casas. Beauvoir (2018, p. 7-8) afirma:

Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar [...]. Aí está justamente porque escrevo este livro: para quebrar a conspiração do silêncio. A sociedade de consumo, observa Marcuse, substituiu a consciência infeliz por uma consciência feliz e reprova qualquer sentimento de culpa. É preciso perturbar sua tranquilidade. Com relação às pessoas

idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias.

O *Baile da Melhor Idade* pode oferecer uma escapatória dessa realidade opressiva e ressignificar a vida dos idosos. Quem assiste a eles vivendo intensamente, aproveitando o baile, dançando com extrema entrega, entende que, com a aposentadoria, com mais tempo livre e a proximidade da morte, existe também uma possibilidade potente para que os indivíduos possam finalmente ser eles mesmos e viver a vida que sempre sonharam. Os frequentadores têm a possibilidade de viver uma vida com mais significado: constroem novos relacionamentos, adquirem novas habilidades e mantêm-se em movimento. Mostram que é possível viver com as dificuldades que atravessam em suas vidas e que, a partir delas, conseguem ter uma vida interessante dotada de sentido. Para Debert (2020, p. 81), “[...] mais do que o trabalho, é o lazer desenvolvido pelos idosos ao longo da vida que aparece como forma de manter a continuidade e dar um senso de autonomia e escolha durante a vida”. Eles não têm tempo a perder!

Notou-se que os frequentadores do baile, oriundos de regiões periféricas e de menor renda, não são reféns do discurso discriminatório que permeia a sociedade, mas criam um estilo de vida muito diferente de quem não o frequenta. Montenegro (2019, p. 31) escreveu que a “Melancolia é um sentimento burguês. O pobre não tem tempo para dar atenção a esse tormento [...]. O resistir nos era narrado com energia, com crença, para que nossa história se perpetuasse”.

No outro polo, estão os idosos de maior renda, inclusive os moradores do entorno do parque, sendo, portanto, as identidades dominantes. Estes não vão ao baile, muitas vezes estão encarcerados em suas próprias casas, pelo medo e pela insegurança que viver em uma grande cidade como São Paulo pode causar. Para se proteger do mal e em nome da segurança, programam suas vidas livres de qualquer

interação com a cidade ou a população. Ficam enfiados em casa, o que, como escreve Oliveira (2014, p. 194), “[...] faz também que a vida seja preenchida pelos produtos mediáticos [...]”. Dessa forma, como apregoa Landowski (2014, p. 17), “[...] a segurança está na ordem do dia”. Esses idosos aspiram por segurança máxima, mas, ao optarem por esse tipo de interação, acabam por ter suas vidas desprovidas de qualquer sentido. Sabe-se que, mesmo ao programá-las para que nenhum percalço aconteça, nunca serão isentos de riscos que o viver pode acarretar. Para Altamirano (2018, p. 86):

Assumem para si a ideia de que circular pela cidade é um risco demasiadamente perigoso para ser assumido, e, assim, limitam-se a vivenciar o espaço público a partir das relações programadas, guiadas pela necessidade do deslocar-se de um local a outro. Deslocamento esse que é preferível que se faça de dentro do microcosmos do automóvel, o qual garante o isolamento do espaço público e confere a sensação de segurança que esses sujeitos tanto almejam.

A impressão é que os frequentadores do baile sabem que não há vida sem todos os riscos que lhes possam ocorrer, mas, mesmo diante dessas possibilidades, eles não se comportam como vítimas. Os noticiários sensacionalistas, que todos os dias mostram a cidade como sendo um campo constante de guerra, que trazem a sensação de que nela viver é impraticável, não os paralisam. Todos os riscos e dificuldades que uma pessoa idosa pode sofrer ao se deslocar com o transporte público, desde a periferia até a região central de São Paulo na qual o baile acontece, são enfrentados com bravura e aceitação. Eles sabem que o encontro para dançar junto não pode ser experimentado na intervenção de nenhuma mediação: ele só pode acontecer na e pela experiência do ato. Ao se deslocarem para viver esse encontro, participam de experiências nada programadas que ressignificam o viver desgastante desses idosos.

O dançar no *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca é uma possibilidade para os idosos continuarem a participar do movimento cósmico. Eles não estão vencidos, continuam na arena experienciando momentos de integração entre corpo e mente. Durante o baile, são dotados de ímpeto, coragem e vigor físico. Por meio dessa vivência, pelo menos três vezes por semana, ressemantizam suas vidas graças à dança e à sociabilização que o baile proporciona, ao mesmo tempo que se mantêm saudáveis.

A topologia do espaço de dança do *Baile da Melhor Idade* do Parque da Água Branca difere daquelas vistas nos demais bailes visitados na cidade de São Paulo e é nessa diferença que nasce o sentido. Por ser um espaço sem barreiras físicas, permite que as interações aconteçam de forma mais intensa e orgânica. Favorece o encontro, a construção de novas amizades, oferece oportunidades de constante aprendizado na repetição do repertório de passos dos colegas. Faz com que a chama da vida expressa pelo aprender com o outro seja mantida. Durante as visitas, pode-se presenciar momentos de intensa euforia, de muita cumplicidade e entrega dos casais ao dançarem ou mesmo de dançarinos que estão sozinhos.

O encontro entre o corpo e a roupa, obtido em *looks* repletos de significado, que são criados para expressão de suas identidades e interação com os outros, é mais uma maneira com que esses idosos se tornam destinatorios de si. Muitos, que em outros ambientes podem ser alteridades que são segregadas pelo restante da sociedade, no baile passam a formar o grupo de referência, construtores do sentido de suas próprias vidas, expressando a sua totalidade estrategicamente original e repleta de sensibilidade. A música, a dança, a vestimenta e o estar no *Baile da Melhor Idade* participam da construção da identidade e do sentido das pessoas idosas.

Muitas mudanças ocorreram desde o início da escrita desta dissertação. Percebe-se que uma ameaça ao baile está surgindo. O próprio Parque da Água Branca enfrenta sérios riscos de perder suas características origi-

nais. O local, que sempre foi percebido pela população como um parque rural, em plena região central da cidade, corre perigo. Assiste-se, com muita tristeza, ao desmonte intencional, por parte do capital, para atingir o máximo de lucro. Hoje, quando se entra no parque, pode-se ver e ouvir o “choro” das galinhas, dos patos, dos pavões e de outras espécies de aves, que estão presas, confinadas. Era um alento para a alma adentrar e interagir com esses bichos, ou mesmo ver o fazer deles sem pressa. As crianças ficavam encantadas com os bichinhos, já que muitas só tinham contato com estes no parque. Era uma oportunidade única de poder interagir com os animais. Os próprios gatos raramente são vistos hoje em dia — dois deles, inclusive, foram encontrados mortos com sinais de violência física em setembro de 2023. Uma reportagem publicada na Folha de S.Paulo (Pires *et al.*, 2024) valida essa análise:

O objetivo da concessionária é evidente, e o zelo do poder concedente tem-se mostrado frouxo e permissivo. No final do dia, quem paga o pato? As galinhas e toda a população que sempre frequentou esse bem público tombado e enxerga, a olho nu, e com tristeza, seu amado Parque da Água Branca perder o encanto.

Os aumentos de preços dos produtos comercializados já inviabilizaram sua aquisição pelas diversidades que frequentam o parque; além disso, o local em que o baile ocorre precisa de manutenção, a qual não é permitida, com a justificativa de que se trata de um patrimônio histórico. Mesmo manutenções necessárias, como o reparo do telhado, para que não chova no baile, são dificultadas ao máximo, com pretexto de que a autorização para que o trabalho seja feito é demorada e burocrática. A intenção é aumentar a presença das identidades dominantes, moradoras da região na qual o parque está situado. Observa-se uma programação que pode culminar, se a sociedade nada fizer, no encerramento de todas as atividades de fins sociais (inclusive a feira de produtos orgânicos) e a transformação do espaço público em (quase) privado. Os novos

frequentadores serão, em sua quase totalidade, representantes da identidade dominante que moram nos arredores do parque. Inclusive, como para confirmar essa ameaça, serão inaugurados em breve restaurantes de alto poder aquisitivo, assim como será ampliada a oferta do número de espetáculos pagos a serem oferecidos a um público de renda mais elevada. Para o sucesso dessas iniciativas, a presença do outro não é bem-vinda e deve ser eliminada. As alteridades, que são segregadas, correm, portanto, o risco de serem excluídas.

Como escreveram Thrall e Jardim (2014, p. 112):

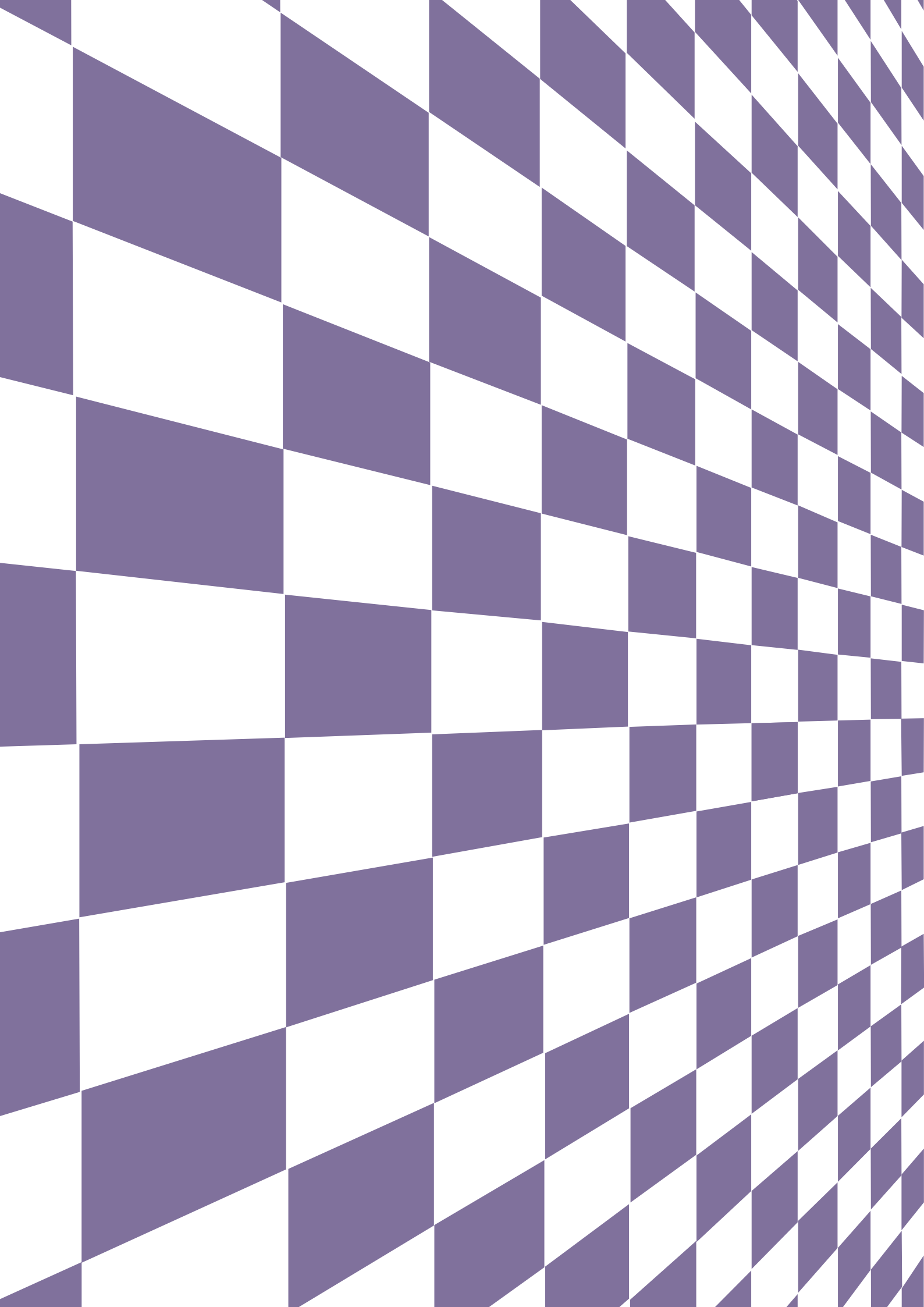
Quando a entrada do outro, o “diferenciado”, é permitida, a sensação produzida no cidadão orgulhoso de sua distinção é aquela do nivelamento por baixo: quando uma outra pessoa, considerada como socialmente inferior passa a frequentar os mesmos espaços daquele que se considera superior, sua própria superioridade é questionada, na medida em que o acesso a um certo espaço não se coloca mais como privilégio, mas um “direito de todos”.

Apesar das investidas atuantes das ONGs, que marcam presença em eventos para protestar para que o parque não seja descaracterizado, não se vê a população massiva do entorno reivindicando a preservação da identidade do parque, tampouco a manutenção do seu patrimônio cultural, histórico, arquitetônico, turístico, tecnológico e paisagístico. O que se deduz é que ela está de acordo com as mudanças. Como registraram Thrall e Jardim (2014, p. 113), “quem se encontra em posição de privilégio, não possui a menor intenção de desfazer-se de suas regalias”. Não há reconhecimento do quanto as alteridades do baile estão ameaçadas de perderem o evento que há 25 anos acontece nos dois galpões contíguos dentro do Parque da Água Branca. Reconhecer e compartilhar essa situação foi um acidente de percurso durante a escrita da dissertação, o que não poderia deixar de ser mencionado. A

reflexão que deve ser feita nesse momento é o que acarretaria na vida dos idosos interromper o *Baile da Melhor Idade*?

Com isso, por fim, algumas sugestões de futuros estudos semióticos incluem a análise de outros bailes para frequentadores idosos na capital a fim de verificar suas semelhanças e diferenças com o *Baile da Melhor Idade* e como as alteridades são neles manifestas, assim como quais regimes de interação e sentido são expressos nos modos de vestir e dançar dos seus frequentadores. Pode-se, com esse repertório ampliado, comparar as expressões das identidades entre públicos distintos que frequentam esse tipo de evento. Outro possível estudo a ser feito seria investigar quais as isotopias que ocorrem nesses bailes, quais são as intersecções presentes e como e por que elas acontecem. Pode ser relevante também estudar os idosos presentes em outros espaços que eles visitam para interagir e construir sentido para suas vidas por meio de suas relações com os outros, tais como igrejas, clubes de carterado e centros de atividade física voltados para a população idosa.

O mundo e o Brasil estão envelhecendo. Se quisermos entender e conviver de forma harmoniosa com a diversidade desse público mais maduro, será preciso conhecê-lo melhor por meio de pesquisas para aproximá-lo e integrá-lo ao restante da população e, assim, promover diálogos intergeracionais que são mais necessários do que nunca. Que essa pesquisa traga a sua contribuição para a emergente necessidade de ressignificar a vida dos idosos por seus atos e escolhas de integração, bem como pela dinâmica social da qual são parte integrante. Que esses idosos e idosas mostrem cada vez mais aos que os circundam que eles podem ter a vida que quiserem para se manterem vivos e em encantamento pelas ocorrências ininterruptas que marcam o viver.



Referências

ADAM, H.; GALINSKY, A. Enclothed cognition. **Journal of Experimental Social Psychology**, Amsterdam, v. 48, n. 4, p. 918-925, 2012.

ALBUQUERQUE, C. de S. D. **Dançando até o último suspiro**: em busca de uma pedagogia para a velhice. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

ALVES, J. E. D. 8 bilhões de habitantes e 1,1 bilhão de idosos no mundo. **Portal do Envelhecimento**, [s. l.], 14 nov. 2022. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/4P49o4>. Acesso em: 5 abr. 2023.

ALTAMIRANO, M. **A pixação na paisagem de São Paulo**: o risco como construção do sentido da vida urbana. 2018. 300 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

ALTINO, L. Tendência no país, concessão de unidades de conservação ganha fôlego com leilões de parques paulistas e do Iguaçu. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31 mar. 2022. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/iknqYh>. Acesso em: 10 out. 2023.

ARAGÃO, A. Você sabe o que é etarismo, idadismo e ageísmo? **Estado de Minas**, [s. l.], 2 fev. 2023. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/bwSvAw>. Acesso em: 10 out. 2023.

ARAÚJO, G. Rural, parque da Água Branca tem galinha, pavão e feira de orgânicos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 fev. 2016. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/m9haIA>. Acesso em: 4 maio 2023.

BARBIE. Direção: Greta Gerwig. Produção: Margot Robbie, Tom Acke-
rley, Robbie Brenner e David Heyman. Roteiro: Greta Gerwig e Noah
Baumbach. [S. l.]: Warner Bros. Pictures, 2023. (114 min).

BARBIERI, N. A. Velhice: melhor idade? **O Mundo da Saúde**, São Pau-
lo, v. 36, n. 1, p. 116-119, 2012.

BARROS, S. D. P. S.; LEITE, P. T. A terceira idade frente aos desafios im-
postos pela tecnologia: a necessidade do aprendizado para um uso ético e
seguro. In: CONFERENCIA IBEROAMERICANA EN SISTEMAS, CIBER-
NÉTICA E INFORMÁTICA, 18., 2019, Orlando. **Anais eletrônicos [...]**.
Orlando: International Institute of Informatics and Systemics, 2019. Dis-
ponível em: <https://ebbs.short.gy/GAy7Iw>. Acesso em: 5 abr. 2023.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Martins.
2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BERENHOLC, I. Style.Int. **Ilana Berenholc**, [s. l.], 2024. Disponível
em: <https://ebbs.short.gy/HlSYct>. Acesso em: 2 maio 2024.

BINI, T. Parques Villa-Lobos e Água Branca ganharão restaurantes coman-
dados pelo mesmo grupo à frente do Selvagem e Vista Ibirapuera. **CNN Bra-
sil**, São Paulo, 14 nov. 2023. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/B96Rz1>.
Acesso em: 18 abr. 2024.

BOGO, M. B. O design sensível do livro. **Actes Semiotiques**, [s. l.], n.
121, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/NSIrqe>. Acesso
em: 19 maio 2024.

BRECHT, B. **Teatro dialético**. Tradução: Luiz Carlos Maciel. Rio de
Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BUENO, A. M. Espaços de interações dos imigrantes na série “Desti-
no: São Paulo”. In: OLIVEIRA, A. C. de. (org.). **São Paulo público &
privado**: abordagem sociossemiótica. São Paulo: Estação das Letras e
Cores, 2014. p. 31-51.

COMO VIVER até os 100: Os Segredos das Zonas Azuis. Direção: Clay
Jeter. Produção: Angus Wall, Dan Buettnner, Kent Kubena e Clay Jeter.
Okinawa: Sardenha: Icária: Nicoya: Loma Linda: Netflix, 2023. (157 min).

CONCEIÇÃO, K. M. L. da. **Música e idosos**: a relação ensino/aprendiza-
gem em três oficinas de música na cidade de São Paulo. 2013. 125 f. Disserta-
ção (Mestrado em Música) – Instituto de Artes do Programa de Pós-Gra-
duação em Música da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.
Disponível em: <https://ebbs.short.gy/3aAtVG>. Acesso em: 5 abr. 2023.

CRUZ, C. A. **Estudos sobre idosos e seus desafios pela emanci-
pação na era digital**. 2018. 97 f. Projeto de pesquisa (Bacharelado em
Jornalismo) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2018. Disponí-
vel em: <https://ebbs.short.gy/DCKH6Y>. Acesso em: 5 abr. 2023.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 2020.

DINO. Profissionais sofrem com etarismo cada vez mais cedo. **Valor Eco-
nômico**, [s. l.], 4 jul. 2023. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/OfBRPr>.
Acesso em: 15 mar. 2024.

DUHIGG, C. **Mais rápido e melhor**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.

DURVAL, N. SP: Como estão parques com gestão privada, como Ibirapuera. **Guia Folha**, São Paulo, 13 out. 2022. Passeios. Disponível em:
<https://ebbs.short.gy/DHfdVi>. Acesso em: 10 out. 2023.

ECO, U. **Psicologia do vestir**. Tradução: José Colaço. Lisboa: Assírio
e Alvim, 1989.

FIORIN, J. L. Prefácio. In: LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**.
Tradução: Luísa Helena de Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Le-
tras e Cores, 2014. p. 7-10.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2022.

FLOCH, J.-M. Um tipo notável de semiose: os sistemas semissimbólicos. **Revista Acta Semiotica**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 223-229, 2022. DOI: 10.23925/2763-700X.2022n3.58414. [Original: Un type remarquable de systems : les systems semi-symboliques. *In*: Semiotic Theory and Practice (Proceedings of the Third International Congress of the IASS, 1984). Berlin: De Gruyter, 1988. v. 1.]

GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Tradução: Antonio Guimarães Filho e Glória Mariani. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GOLDENBERG, M. **A invenção de uma bela velhice**: projetos de vida e a busca da felicidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

GOVERNO SP. Terminal Rodoviário Palmeiras-Barra Funda. **Metrô**, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/YuUsAe>. Acesso em: 13 mar. 2024.

GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. Tradução: Ana Claudia de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Editora do CPS, 2017.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Tradução: Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Ignacio Assis da Silva, Maria José Castagnetti Sembra e Tieko Yamaguchi Miyzaki. São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Vários tradutores. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**: online. São Paulo: Moderna, 2023. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/4VvQ9Z>. Acesso em: 4 maio 2023.

LANDOWSKI, E. **Presenças do Outro**. Ensaios sociossemióticos II. Tradução: Mary Amazonas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Tradução: Luísa Helena de Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

LANDOWSKI, E. *De l'Imperfection*, o livro do qual se fala. [Apresentação de 1999]. *In*: GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. Tradução: Ana Claudia de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Editora do CPS, 2017. p. 135-163.

LEITE, P. T.; BARROS, S. D. P. S. A terceira idade frente aos desafios impostos pela tecnologia: um protótipo de aplicativo para aprendizado e uso da informática. *In*: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 72., 2020, Natal. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: SBPC, 2020. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/PW4Esx>. Acesso em: 5 abr. 2023.

LISBOA, D. “Aqui ninguém é de ninguém”: dança e muita paquera em baile da 3ª idade. **UOL Universa**, São Paulo, 2 jun. 2017. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/AEmoS2>. Acesso em: 15 set. 2023.

LOIOLA, R. F. Análise sociossemiótica dos modos de vestir na velhice. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [s. l.], n. 31, p. 88-102, 2021a. DOI: 10.26563/dobras.i31.1290. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/EFxK6S>. Acesso em: 22 set. 2023.

LOIOLA, R. F. Narrativas de busca de si para re(construção) da identidade na terceira idade. *In*: OLIVEIRA, A. C. de. (org.). **Sociossemiótica I: moda, consumo e construção de imagem**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2021b. p. 185-210.

MAGALHÃES, G. Memória: Parque da Água Branca era fundado há 92 anos. **Gazeta de S.Paulo**, São Paulo, 3 jun. 2021. Notícias. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/rUZs9S>. Acesso em: 5 abr. 2023.

MARCOS, M. Etarismo é tema na agenda da diversidade. **Valor Econômico**, São Paulo, 25 maio 2023. Carreira. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/Txdglh>. Acesso em: 13 set. 2023.

MARTINS, A. O que realmente nos faz felizes? As lições de uma pesquisa de Harvard que há quase oito décadas tenta responder essa pergunta. **G1**, [s. l.] 23 nov. 2016. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/TtMnFO>. Acesso em: 27 out. 2023.

MENDES, C. M. *et al.* A midiatização e suas lógicas: análise de casos à luz dos regimes de interação e sentido. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, e-94707, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583202152.94707>. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/OqhJcA>. Acesso em: 20 set. 2023.

MILLER, D. **Herói em Missão**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2023. 191 p.

MINEO, L. Over nearly 80 years, Harvard study has been showing how to live a healthy and happy life. **Harvard Gazette**, [s. l.], 11 abr. 2017. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/iKtGC2>. Acesso em: 27 out. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. 01/10 – Dia Nacional do Idoso e Dia Internacional da Terceira Idade: “A jornada para a igualdade”. **Biblioteca Virtual em Saúde**, Brasília, [2020?]. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/jYyWk4>. Acesso em: 5 abr. 2023.

MONTENEGRO, F. **Prólogo, ato, epílogo**: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOTTA, R. G.; CORÁ, M. A. J. Uma crítica ao discurso da gestão da qualidade total, a partir do pensamento de Maurício Tragtenberg. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais** (RBE0), [s. l.], v. 6, n. 2, p. 352-383, out. 2019. DOI: 10.21583/2447-4851.rbeo.2019.v6n2.164.

MOTTA, S.; RABELLO, L. **Quarentena sem Pijama**: o poder das roupas sobre a autoimagem e a produtividade. São Paulo: Editora Labrador, 2021. 128 p.

NAÇÕES UNIDAS. ONU diz que número de pessoas com mais de 60 anos deve subir 46% até 2030 BR. **ONU News**, [s. l.], 1 out. 2019. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/cnz1BW>. Acesso em: 5 abr. 2023.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Assembleia Geral da ONU declara 2021-2030 como Década do Envelhecimento Saudável. **As Nações Unidas no Brasil**, Brasília, DF, 15 dez. 2020. Notícias. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/shWw6S>. Acesso em: 5 abr. 2023.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. **As Nações Unidas no Brasil**, Brasília, DF, [c2023]. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/8AKNyP>. Acesso em: 5 abr. 2023.

NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia**. Tradução: Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

OLIVEIRA, A. C. de. (org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004a.

OLIVEIRA, A. C. de. As semioses pictóricas. *In*: OLIVEIRA, A. C. de. (org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker, 2004b. p. 115-158.

OLIVEIRA, A. C. de Nas interações corpo e moda, os simulacros. *In*: COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSEMIÓTICAS, 13., 2007, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Documentos do Centro de Pesquisa Sociosemióticas, 2007.

OLIVEIRA, A. C. de. Interação e sentido nas práticas de vida. **Comunicação Mídia e Consumo**, [s. l.], v. 11, n. 31, p. 179-198, 2014. DOI: 10.18568/cmc.v11i31.783. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/CY9QCm>. Acesso em: 2 maio 2024.

OLIVEIRA, A. C. de. Prefácio. *In*: GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. Tradução: Ana Claudia de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Editora do CPS, 2017. p. 9-23.

OLIVEIRA, A. C. de. Sentido e qualidades sensíveis — plásticas, rítmica, estéticas. *In*: OLIVEIRA, A. C. de. (org.). **Sociosemiótica II**: sentido, estesia, gosto. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2021. p. 119-149.

OLIVEIRA, A. C. de; FERNANDES, C. S.; SOUZA, J. S. Corpo, comunicação e cidade: a estética como élan comunicacional. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23., 2008, Natal. **Anais** [...] Natal: INTERCOM, 2008. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/anq2Uv>. Acesso em: 20 set. 2023.

PIRES, R. L. *et al.* Quem paga o pato é a galinha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 9 fev. 2024. Opinião. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/jtLyeO>. Acesso em: 2 maio 2024.

POPULAÇÃO com mais de 60 anos deve dobrar até 2050. [S. l.: s. n.], 12 out. 2022. 1 vídeo (4min08s). Publicado pelo canal TV Brasil. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/nmn01r>. Acesso em: 5 abr. 2023.

REHFELD, K. *et al.* Dancing or Fitness Sport? The Effects of Two Training Programs on Hippocampal Plasticity and Balance Abilities in Healthy Seniors. **Frontiers in Human Neuroscience**, [s. l.], v. 11, n. 305, 2017. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/rhsh9h>. Acesso em: 20 set. 2023.

SÃO PAULO (Estado). Cursos gratuitos do Fundo Social abrem inscrições. **Secretaria de Desenvolvimento Econômico**, São Paulo, 8 jan. 2013. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/OoNeo7>. Acesso em: 4 maio 2023.

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE, INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA. Parque da Água Branca comemora 90 anos e abre “Semana Nosso Ambiente” em São Paulo. **Coordenadoria de Parques e Parcerias**, São Paulo, 1 jun. 2019. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/nIUaoC>. Acesso em: 15 set. 2023.

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE, INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA. Parque Água Branca. **Coordenadoria de Parques e Parcerias**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/wLovVC>. Acesso em: 15 set. 2023.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO. Cobertura vegetal na cidade de São Paulo ultrapassa 50% do seu território. **Prefeitura da Cidade de São Paulo**, São Paulo, 5 jun. 2023. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/fLRKYG>. Acesso em: 15 set. 2023.

SOUZA, L. Madonna antes e depois: Aparência da rainha do pop é alvo de críticas desde o início da sua carreira. **Rádio Jornal**, [s. l.], 7 nov. 2023. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/oX2NCv>. Acesso em: 15 mar. 2024.

TACO BLOG. Os 7 estilos universais: descubra qual é o seu! **Taco Blog**, [s. l.], 19 abr. 2023. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/LPKnoQ>. Acesso em: 2 maio 2024.

TAVARES, M. **Longevidade no cotidiano**: A arte de envelhecer bem. São Paulo: Contexto, 2020.

THRALL, K.; JARDIM, M. Verticalização e horizontalidade: rumos da paisagem urbana a partir de seus parques públicos. *In*: OLIVEIRA, A. C. de (org.). **São Paulo público & privado**: abordagem sociosemiótica. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2014. p. 101-115.

TRIPOLI, R. Sobre nós. **Instituto da Melhor Idade Estação Vida**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/oVbO6e>. Acesso em: 30 maio 2023.

UM SENHOR estagiário. Direção: Nancy Meyers. Produção: Warner Bros., Annapurna Pictures, Waverly Films, Scott Rudin Productions e GreeneStreet Films. Burbank (Califórnia): Warner Bros., 2015. 1 DVD (121 min). (Título original: The Intern.)

WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. 4. reimp. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2015.

WILLIAMSON, M. **A return to love**: reflections on the principles of “A course in miracles”. New York: Harper Perennial, 1992.

YONESHIGUE, B. Blue Zone: cidade brasileira busca título de mais longa; veja os 9 hábitos para chegar aos 100 anos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://ebbs.short.gy/JRVADX>. Acesso em: 27 out. 2023.

Apêndice A

Roteiro de observação para a redação do *Diário de Bordo*

1) Local escolhido

Descer na Estação Palmeiras-Barra Funda na Rua Tagipuru, atravessar a alameda da saída da estação e dirigir-se à Avenida Francisco Matarazzo, 455 – Água Branca – São Paulo (SP). Dentro do Parque da Água Branca, atravessá-lo até o galpão em que acontece o Baile da Melhor Idade.

2) Horário/Data

Visitar o espaço às tardes de terça e sexta-feira no 1º semestre de 2023, e às tardes de terça-feira, quinta-feira e sábado no 2º semestre de 2023.

3) Público-alvo

Identificar os perfis das pessoas frequentadoras a partir de seus modos de agir, de estar e de vestir-se.

4) Ambiente/Infraestrutura

Observar a localização do galpão no parque, os entornos, o estado de conservação, a infraestrutura, a arquitetura, o portão de entrada, a recepção, a chapelaria, a lanchonete, a disposição dos salões, do palco e das cadeiras/mesas, o gênero musical tocado, o volume da música.

5) Comportamento e tipos de interação dos frequentadores

Observar como os frequentadores se comportam, se deslocam, se apresentam e interagem entre si ao longo dos salões; fotografar, filmar e conversar com os frequentadores.

6) Modos de estar e de vestir dos frequentadores

Registrar os discursos expressos nas roupas e nos modos de vestir e estar dos frequentadores tanto de modo a examinar e categorizar as manifestações da alteridade (assimilação, exclusão, admissão e segregação) quanto de forma a mapear os regimes de interação e sentido (programação, manipulação, ajustamento e acidente) a partir das alteridades constituídas no Baile da Melhor Idade.